

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

BRUNO DOS SANTOS GRUBE

**SOBRE AS IDENTIDADES NO JORNAL DE UMBANDA: ORGÃO NOTICIOSO E
DOCTRINÁRIO DA UNIÃO ESPIRITISTA DE UMBANDA (1949-1960)**

**PONTA GROSSA
2024**

BRUNO DOS SANTOS GRUBE

**SOBRE AS IDENTIDADES NO JORNAL DE UMBANDA: ORGÃO NOTICIOSO E
DOCTRINÁRIO DA UNIÃO ESPIRITISTA DE UMBANDA (1949-1960)**

Dissertação apresentada no Mestrado em História, Cultura e Identidades, Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa como parte das exigências para a obtenção do título de mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Wosiack Zulian.

Coorientadora: Profa. Dra. Patrícia Carla de Melo Martins.

**PONTA GROSSA
2024**

G885 Grube, Bruno dos Santos
Sobre as identidades no jornal de umbanda: órgão noticioso e doutrinário da união espiritista de umbanda (1949-1960) / Bruno dos Santos Grube. Ponta Grossa, 2024.
126 f.

Dissertação (Mestrado em História - Área de Concentração: História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Wosiack Zulian.
Coorientadora: Profa. Dra. Patrícia Carla de Melo Martins.

1. Umbanda. 2. Umbandistas. 3. Jornal. 4. Identidade. I. Zulian, Rosângela Wosiack. II. Martins, Patrícia Carla de Melo. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. História, cultura e identidades. IV.T.

CDD: 220.67

TERMO DE APROVAÇÃO

Bruno dos Santos Grube

SOBRE AS IDENTIDADES NO JORNAL DE UMBANDA: ORGÃO NOTICIOSO E DOCTRINÁRIO DA UNIÃO ESPIRITISTA DE UMBANDA (1949-1960)

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História - Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 28 de fevereiro de 2024, pela seguinte banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
gov.br ROSANGELA WOSIACK ZULIAN
Data: 29/02/2024 14:34:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Rosângela Wosiack Zulian
(Orientadora - UEPG)

Documento assinado digitalmente
gov.br PATRICIA CARLA DE MELO MARTINS
Data: 28/02/2024 20:29:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Carla de Melo Martins
(Coorientadora - UFMA)

Documento assinado digitalmente
gov.br EDSON ARMANDO SILVA
Data: 05/03/2024 18:43:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Edson Armando Silva (UEPG)

Documento assinado digitalmente
gov.br TIAGO DA COSTA GUTERRES
Data: 29/02/2024 09:17:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Tiago da Costa Guterres (UFMA)

AGRADECIMENTOS

Se existe algo que aprendi no decorrer da vida é que para conseguir prosperar nas jornadas que escolhemos, precisamos sempre ter gratidão para com aqueles que vieram antes de nós, seja referente as questões familiares de ancestralidade, seja dentro de campos específicos de atuação. Ninguém precisa reinventar a roda a cada passo que dá. Muito já foi construído antes de chegarmos até aqui. Dentro do campo acadêmico não é diferente. É preciso ter “humildade epistemológica” também. Antes de ser mestre, precisa ser aprendiz. Antes de ser pai, tem que ser filho. Antes de criticar, precisamos compreender.

Agradeço de coração a minha mãe Silmara dos Santos Grube e meu pai Luis Alberto Rodrigues Grube que sempre me apoiaram nos estudos e na vida como um todo. Agradeço carinhosamente a minha esposa Larissa Lopes, companheira para toda hora.

Agradeço imensamente as professoras Rosângela Wosiack Zulian e Patrícia Carla de Melo Martins pela paciência, pelo carinho e pelas orientações. Agradeço aos professores e colegas do programa de mestrado de história da UEPG que sempre se dispuseram a conversar e trocar boas ideias para complementar a minha pesquisa.

Agradeço a todos os amigos e amigas umbandistas que conheci no decorrer dessa minha vida dentro da religião de Umbanda. Agradeço a minha mãe de santo, dona Anice Luiza de Almeida, aos meus filhos e filhas de fé do Terreiro de Umbanda Esperança Sagrada - TUES, assim como aos meus mestres espirituais que sempre estão comigo, em especial o sr. Exu Tiriri das Sete Encruzilhadas e o sr. Caboclo Rompe Mato, assim como a toda minha ancestralidade e a todos os Orixás de Umbanda.

Laroye Exu, Exu Mojubá!

Epa babá pai Oxalá!

Odociá, mãe Iemanjá!

Oke Aro Oxossi!

Oraieie mamãe Oxum!

Gratidão Olorum!

Saravá! Axé!

*Refletiu a luz divina, com todo seu esplendor
Vem do Reino de Oxalá, onde há paz e amor
Luz que refletiu na terra, luz que refletiu no mar
Luz que veio de Aruanda, para tudo iluminar
A Umbanda é paz e amor, é um mundo cheio de luz
É a força que nos dá vida, e a grandeza nos conduz
Avante, filhos de fé, com a nossa Lei não há
Levando ao mundo inteiro a bandeira de Oxalá!*

(Hino da Umbanda – escrito por José Manoel Alves, em 1962)

RESUMO

Este trabalho busca trazer algumas das tensões existentes nas narrativas do *Jornal de Umbanda: Órgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda*, que se fez presente no Rio de Janeiro dos anos 1949 à 1960, onde seus escritores colocaram suas opiniões sobre a religião de Umbanda em debate aberto ao público de leitores de todo o Brasil. A partir do que foi escrito nestes periódicos e no relatório do 1º Congresso de Espiritismo de Umbanda no Brasil em 1941, que influenciou boa parte dos debates no próprio jornal, as matérias foram analisadas observando os critérios identitários presentes. Foram empregadas técnicas de coleta de narrativas nos próprios jornais, que encontram-se disponíveis de modo online na Hemeroteca Nacional, amarrando com toda uma base teórico-metodológica coerente com o referido. Dentre algumas destas bases teórico-metodológicas utilizadas neste trabalho, pode-se citar Tânia de Luca, Artur Cesar Isaia, Flavia Pinto, Luiz Antonio Simas, Jessé Souza, Peter Berger, Peter Burke, Pierre Bourdieu, Stuart Hall, entre outros. De modo geral, toda a pesquisa gira em torno da representação no jornal de uma busca pelo fortalecimento de uma identidade umbandista condizente com o contexto em questão, legitimada por uma instituição intitulada União Espiritista de Umbanda do Brasil – UEUB – que serviria como porta-voz de todos os umbandistas que aceitassem tal proposta. Na análise realizada das matérias do jornal e do relatório há a interpretação de perspectivas políticas, sociais, raciais, culturais, etc., que representavam as principais preocupações dos umbandistas filiados a UEUB.

Palavras-Chave: Umbanda; Umbandistas; Jornal; Identidade;

ABSTRACT

This study aims to address some of the tensions present in the narratives of the "Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda," which was active in Rio de Janeiro from 1949 to 1960. During this period, the writers expressed their opinions on the Umbanda religion in open debate with readers from across Brazil. Analyzing materials from these periodicals and the report of the 1st Congress of Umbanda Spiritualism in Brazil in 1941, which significantly influenced debates in the journal, the articles were examined with a focus on identity criteria. Narrative collection techniques were employed within the newspapers, available online through the National Hemeroteca, aligning with a consistent theoretical and methodological framework. Some of the theoretical and methodological foundations used in this work include Tânia de Luca, Artur Cesar Isaia, Flavia Pinto, Luiz Antonio Simas, Jessé Souza, Peter Berger, Peter Burke, Pierre Bourdieu, Stuart Hall, among others. Overall, the research revolves around the newspaper's representation of a quest for the strengthening of an Umbandist identity consistent with the context at hand, legitimized by an institution called the União Espiritista de Umbanda do Brasil (UEUB), which served as the spokesperson for all Umbandists accepting such a proposal. The analysis of the newspaper articles and the report involves interpreting political, social, racial, cultural, and other perspectives that represented the primary concerns of Umbandists affiliated with the UEUB.

Keywords: Umbanda; Umbandists; Journal; Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 1 – O SURGIMENTO DA UMBANDA	15
1.1 OS INTELECTUAIS DE UMBANDA	24
1.2 O 1º CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPIRITISMO DE UMBANDA	30
1.3 CONTEXTO POLÍTICO E JORNALÍSTICO	47
CAPÍTULO 2 – AS IDENTIDADES UMBANDISTAS	55
2.1 SINCRETISMOS	65
2.2 A UMBANDA E A CULTURA POPULAR	71
2.3 AMEAÇAS AOS UMBANDISTAS	73
CAPÍTULO 3 – AS DIFERENTES UMBANDAS	79
3.1 ÉTICA UMBANDISTA	92
3.2 PREOCUPAÇÕES POLÍTICAS	95
3.3 UMBANDA EM SÍNTESE	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS	105
ANEXOS	113

INTRODUÇÃO

Houve no final da década de 1940, mais especificamente no ano de 1949, na cidade do Rio de Janeiro, capital do Brasil na época ainda, um periódico mensal intitulado *Jornal de Umbanda: Órgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda* que teve uma continuidade de publicações até o ano de 1960. Tal periódico encontra-se disponível na Hemeroteca Digital Brasileira, totalizando um número de 66 edições, cada qual contendo de 4 a 16 páginas com textos, ilustrações e fotos variadas. A grande circulação do mesmo (de 5 mil a 8 mil exemplares mensais) se deu por todo o país por mais de uma década, com centenas de terreiros filiados a *União Espiritista de Umbanda do Brasil* (UEUB) e conseqüentemente milhares de umbandistas e leigos leitores do periódico em vários locais.

O jornal carregava em si uma enorme quantidade de matérias e discussões entre os editores, leitores e colunistas convidados, colocando assim a possibilidade de se ter uma noção da representação do clima cultural e do contexto geral em que a Umbanda e os Umbandistas se encontravam naquele período. A investigação que se segue toma os discursos de vários escritores do referido jornal e do relatório do 1º Congresso de Espiritismo de Umbanda no Brasil em 1941, articulando com as percepções teóricas de alguns pensadores como Jessé Souza, Pierre Bourdieu, Peter Berger, Stuart Hall, Flavia Pinto, Luiz Antonio Simas, entre outros, que podem contribuir para uma melhor compreensão dos confrontos identitários existentes na cultura umbandista da década de 1950.

A questão de partida é: como o Jornal de Umbanda representou as tensões e intenções identitárias na consolidação e expansão da Umbanda na década de 1950 no Brasil? O objetivo principal é compreender como a Umbanda deveria funcionar a partir do ponto de vista desses escritores, desmontando as peças do quebra-cabeça para depois remontar com um novo entendimento. Os objetivos secundários são desvelar como o Jornal de Umbanda possuía características nos seus discursos que representavam uma cosmovisão própria; perceber de que modo o desenvolvimento espiritual e o desenvolvimento humano ético estavam interligados; e compreender a ambigüidade da busca pela dignidade de si e do outro, firmando-se em um pensamento crítico e de independência intelectual com resquícios culturalistas. Segundo Tânia Regina de Luca:

Hoje, boa parte dos historiadores estuda outros tempos e outros mundos, habitados por indivíduos que se portavam segundo regras, valores e crenças distintas das que compõem sua própria vivência, tentando controlar ao máximo elementos provenientes do seu contexto sociocultural, uma vez que não é possível dele apartar-se por completo. Nessa perspectiva, ao debruçar-se sobre o passado, o pesquisador assume o dever ético de se abrir para a diversidade, a diferença e a especificidade desses universos e de seus habitantes, cuja lógica e modo de funcionamento pretende desvendar. (Luca, 2020, p.23)

A metodologia de seleção de conteúdo se deu a partir de um levantamento dos títulos das matérias em que apareciam a palavra “Umbanda” ou “Umbandista” em todos os periódicos disponíveis a princípio. Em um segundo momento, algumas outras matérias espalhadas pelas proximidades destes conteúdos selecionados, que carregassem algum teor político, de tabu ou de crítica externa ou interna a religião também foram utilizados, mesmo sem ter o título convencionado, mas tentando encontrar no próprio texto os termos “Umbanda” e “Umbandistas”.

Em boa parte, senão em todas as edições, constam pelo menos duas páginas inteiras dedicadas as novidades que se passavam com os membros da diretoria e com os afiliados da União Espiritista de Umbanda do Brasil. Nestas páginas se seguem orientações ritualísticas para confraternizações entre Terreiros, datas, locais e horários de reuniões mensais da diretoria e de giras, descrição de como foram os eventos em que os diretores fizeram sua visita de cordialidade, avisos gerais, publicação de acolhimento aos novos afiliados, saudações e parabenizações aos aniversários tanto de membros quanto das próprias Tendas, programas de trabalho para o ano, inaugurações de Templos, notas de falecimento entre outros. Em suma, o afiliado conseguia ter uma boa noção do que se passava pelas Tendas irmanadas na UEUB (União Espiritista de Umbanda do Brasil) em todo o Brasil.

Na edição 16, a primeira disponível na Hemeroteca Nacional Online, consta na página 5 e 7, alguns dados estatísticos da UEUB no ano de 1951, referentes as reuniões da diretoria com as tendas filiadas até a presente data – que se somavam em vinte e dois encontros no período de um ano. Na página 7 ainda há uma relação de Tendas filiadas até a data de janeiro de 1952, que totalizavam 70, sendo enumeradas e colocados seus nomes, endereços, bairros e cidades. Destas haviam várias afiliadas de dentro e de fora do Estado do Rio de Janeiro, a exemplo “*Centro Espiritualista Santa Bárbara – 1º Tenda de Umbanda*” – Curitiba, “*Centro Espírita*

José Monteiro Guedes” – São Paulo e “*Centro Espírita São Sebastião*” – Rio Grande do Sul, etc.

A nomenclatura das Tendias variava (e ainda varia) em homenagem a santos católicos, entidades, qualidades e sentimentos ou conceitos considerados sagrados. Alguns exemplos são “*Tenda Espírita Humildade e Caridade*”, “*Tenda Espírita São Jorge*”, “*Cantinho de Dois Dois*”, “*Templo Espiritualista Sol do Oriente*”, “*Tenda de Caridade Filhos de Benedito*”, “*Sociedade Civil Pai Joaquim de Loanda*”, “*Tenda Espírita Nossa Senhora da Guia*”, “*Cabana Pai Tomé Senhor do Bonfim*”, “*Cabana de Oxoce*”, “*Tenda Espírita Caboclo Juruá*”, “*Cabana Espírita Terreiro de Jesus*”, “*Cabana Humaitá*”, “*Grupo Espírita de Umbanda Ogum Megê*”, “*Tenda Espírita Lar de Caridade São Miguel Arcanjo*”, etc. As combinações são infinitas.

No decorrer de várias edições, na primeira página, haviam imagens de santos católicos e explicações sobre os dias e festejos consagrados, assim como interpretações de suas vidas e críticas até mesmo a bíblia e aos dogmas da Igreja. No imaginário popular, bastante vivo na Umbanda, os santos, orixás, espíritos desencarnados e outras entidades encantadas foram incorporados como símbolos de fortalecimento da identidade nacional em construção, promovendo o nacionalismo brasileiro de modo próprio.

Um detalhe é que algumas sequências das matérias parecem seguir uma lógica aleatória, podendo iniciar na página 6 e acabar na página 2, por exemplo. Logo abaixo dos títulos, caso fossem um texto mais longo, vinha entre parênteses “(continua na página...)” ou “(continuação da página...)”. De qualquer forma, deduz-se que os editores e colunistas acompanhavam vários jornais e programas de rádio, conseguindo estar sempre antenados nas notícias referentes ou próximas a sua religiosidade. Isso indica, de maneira indireta, que os mesmos possuíam recursos financeiros e culturais, além de tempo o suficiente para se dedicarem a tal atividade, o que certamente os coloca em uma condição social mais confortável, possivelmente classe média ou classe alta.

Sem haver uma regra dogmática ou uma instituição oficial detentora da legitimidade dentre os umbandistas, o Jornal de Umbanda e a UEUB se prestou a buscar certa unificação entre seus membros e tradições. Cada terreiro, centro, tenda, casa ou templo seguia suas próprias regras, tendo como referência comum algumas tradições básicas, tais como defumações, cânticos, incorporação de

entidades, uso de banhos de descarrego, crença nas 7 Linhas e nos Orixás, etc. Contudo, o periódico buscava colocar algumas diretrizes aos seus filiados.

Desta forma, cada templo umbandista foi e é razoavelmente independente um do outro, mesmo com o surgimento de federações e organizações entre os mesmos, nunca houve um consenso doutrinário ou conceitual, muito menos uma “instituição formal consolidada” aonde os umbandistas pudessem receber a legitimidade ou autoridade perante os demais. Logo, os terreiros possuem uma hierarquia própria, ou seja, um campo onde as relações de poder dos agentes engajados na religião são mediadas pelos “mentores espirituais” daqueles reconhecidos como sacerdotes dirigentes (os pais ou mães de santo). Tal reconhecimento se dá tanto pelo mérito e dedicação pessoal daquele sacerdote quanto pelas suas atuações realizadas através do tempo na sociedade.

A problemática refere-se a importância da luta principal deste jornal, que era o de colocar-se contra o preconceito advindo de outras religiões, assim como partilhar alguns fundamentos gerais da doutrina para os umbandistas de então em busca de legitimidade. Diante dos desafios contemporâneos, como o preconceito religioso e a intolerância, a ética umbandista enfrenta a necessidade de adaptação e resiliência. A promoção do diálogo inter-religioso e o esforço contínuo para educar sobre a riqueza cultural e espiritual da Umbanda tornam-se imperativos éticos.

Há ao longo do jornal debates entre os diversos colonistas e diretores, sobre os mais variados temas: Umbanda é espiritismo? Quais os rituais comuns à todos os terreiros? Umbanda é Candomblé? Qual seria a ética do umbandista? Quais são as origens da Umbanda?, etc. E as respostas eram diversas, tendo sempre prós e contras, numa perspectiva de discussão democrática e que ia se prolongando ao longo de vários meses/anos nas edições. Tratou-se de uma importante iniciativa em nome da consolidação da Umbanda como religião, levando, como consta em suas páginas, tais debates para várias regiões do país. A educação mediúnica se tornou a grande tônica nesta nova fase da religião, assim como a responsabilidade e o compromisso para com o desenvolvimento pessoal e o autoconhecimento – e isso continua até nossos dias.

A responsabilidade de ser um médium umbandista aos moldes da idealização da UEUB constituiu um farol a ser alcançado por vários terreiros filiados e espalhados por todo o território nacional da época. Aqui deixamos o sobrenatural e teológico de lado, pondo ênfase nos processos de sociabilidade, completamente

humanos e objetificados em uma realidade materialmente acessível que é representada no jornal. A noção de que há uma luta do ser humano em busca de produzir a si mesmo, impregnando de sentido a sua vida e a de seus pares, torna essa investigação mais clara.

O Jornal de Umbanda não era apenas fonte de conhecimento teórico para seus membros, mas também proporcionava uma sociabilidade por meio de rituais coletivos e eventos de confraternização que eram descritos nas edições. Foi enfatizada a importância da união entre todos os umbandistas, apesar das diferenças em suas interpretações, e a ênfase foi colocada em fundamentos básicos como a organização das cerimônias das giras e a ética de caridade. O jornal desenvolveu um modo de pensamento particular e sincrético ao longo das edições, com questionamentos constantes de dogmas, debates e busca por uma compreensão mais ampla da religiosidade, gerando uma postura distinta entre os próprios colaboradores.

O periódico buscou objetivar uma proposta religiosa e espiritual distinta das cristãs tradicionais, fornecendo recursos culturais, eruditos e populares, para instruir e redefinir a ordem simbólica das consciências umbandistas. No entanto, essa tentativa de mudança foi vista como ameaçadora para alguns de fora da religião, já que qualquer crítica ou ataque ao estabelecido pode gerar uma sensação de terror e perigo aos mais tradicionalistas.

No primeiro capítulo, será tratado das origens da Umbanda como religião de matriz afro-ameríndia nascida no Brasil, que tem suas raízes profundamente entrelaçadas com a rica diversidade cultural que caracteriza a sociedade brasileira. Sua origem é controversa, tendo como ponto de partida quando as tradições espirituais africanas, indígenas, europeias e orientais se entrecruzaram, dando origem a uma nova expressão espiritual. O surgimento da Umbanda reflete a capacidade única do povo brasileiro de sintetizar diversas influências culturais em uma prática religiosa singular.

Em sequência, trataremos sobre os intelectuais de Umbanda que desempenharam um papel crucial na compreensão e na divulgação dos princípios fundamentais dessa religião. Ao longo do tempo, líderes espirituais, estudiosos e adeptos contribuíram para a consolidação de uma Umbanda múltipla, com várias vertentes, combinando elementos de espiritualidade africana, indígena, cristãs e orientais.

No próximo tópico analisaremos o marco histórico do 1º Congresso de Umbanda, ocorrido em 1941, evidenciando o crescente reconhecimento e organização da religião. Este evento foi fundamental para a estruturação dos princípios e práticas da Umbanda, consolidando-a como uma expressão religiosa legítima e estabelecendo as bases para a defesa de seus direitos e identidade, apesar das ambiguidades culturalistas – racismo cultural - presentes nos discursos dos participantes.

Em seguida trataremos do contexto político e jornalístico do Jornal de Umbanda, observando a importância da mídia na disseminação de informações e na construção da identidade umbandista. A imprensa especializada do Jornal de Umbanda desempenhou um papel crucial na promoção da compreensão pública sobre a Umbanda, mas também enfrentou desafios políticos e sociais.

No capítulo dois, refletiremos sobre a identidade umbandista, que é plural, incorporando elementos espirituais, culturais e sociais de várias outras tradições, integrando uma postura bastante própria.

Em seguida analisaremos o sincretismo, que é uma característica marcante e um conceito multifacetado, refletindo a capacidade da Umbanda de integrar diferentes tradições religiosas em uma prática coesa e inclusiva.

No tópico seguinte, veremos a relação entre a Umbanda e a cultura popular, e como isso foi vital para compreender a inserção e influência desta religião na sociedade brasileira. A adaptação constante da Umbanda às dinâmicas culturais populares pelos próprios intelectuais umbandistas contribuiu para sua vitalidade e resiliência.

Em sequência veremos que apesar da multiplicidade espiritual e cultural da Umbanda, os praticantes muitas vezes enfrentaram – e ainda enfrentam – ameaças e discriminação. A luta pelos direitos religiosos e o combate à intolerância são preocupações centrais para a comunidade umbandista, dentro e fora da religião.

No capítulo três observaremos a diversidade de práticas e crenças dentro da Umbanda, resultado de diferentes vertentes e interpretações. Compreenderemos as nuances entre algumas das diversas expressões da religião na época, o que é crucial para uma análise abrangente.

Em seguida teremos a oportunidade de adentrar na ética umbandista, que é um aspecto fundamental que orienta o comportamento dos adeptos. Princípios

como a caridade, o autoconhecimento, a solidariedade e o respeito à natureza são fundamentais para a vivência espiritual na Umbanda.

No tópico seguinte, estudaremos as preocupações políticas da Umbanda diretamente contidas nas matérias do jornal, o que abrangem desde a garantia de direitos religiosos até a participação ativa em questões sociais. A busca por justiça social, igualdade e respeito permeou as preocupações políticas da comunidade umbandista.

Por fim, veremos a proposta de síntese da Umbanda, que é uma religião complexa e dinâmica e que se destaca pela sua capacidade de adaptação, resistência e diversidade. Ao longo de sua história, a Umbanda tem enfrentado desafios políticos, sociais e religiosos, mas sua presença continua a enriquecer a tapeçaria espiritual e cultural do Brasil.

CAPÍTULO 1

O SURGIMENTO DA UMBANDA

É difícil delimitar o ponto de origem para a religião de Umbanda. Desde o primeiro congresso de Umbanda ocorrido em 19 a 26 de outubro de 1941, o debate a esse respeito se mostrou bastante acalorado, tendo as mais variadas teorias sobre o seu surgimento na realidade brasileira. Vários dirigentes espirituais apresentaram suas opiniões, e isso deu continuidade a discussão – que acompanha os Umbandistas até hoje. Parte dos objetivos desse trabalho é adentrar nessas discussões dos congressistas também, dando base para se tentar compreender os debates no jornal que se estabeleceriam no final da década de 1940 dentro do periódico.

No campo acadêmico, para o historiador e babalorixá Luiz Antônio Simas (2021), dentre os diversos mitos de origem da religião de Umbanda, que são sempre capazes de afetar as atitudes dos adeptos no tempo presente, o mais conhecido é o da anunciação do Caboclo das Sete Encruzilhadas que ocorreu no início do século XX, no bairro das Neves no Rio de Janeiro, mediado pelo jovem Zélio Fernandino de Moraes, que sofria de uma inexplicável paralisia, e que mais tarde se configuraria como mediunidade¹. Toda sua família, bastante preocupada com a saúde do rapaz, levou-o até uma benzedeira, que por intermédio do espírito incorporado de um preto velho - Tio Antônio - orientou-o a desenvolver seu dom. Seguindo o conselho da entidade, a família de Zélio o levou até a Federação Espírita de Niterói no dia 15 de novembro de 1908, onde fora convidado a se sentar a mesa junto com os demais médiuns da casa. Contrariando as regras, Zélio levantou-se no meio do culto e foi para fora do local, retornando logo em seguida com uma rosa branca, que colocou em um copo de água no centro da mesa. Neste instante, Zélio incorporou um espírito e vários outros médiuns da casa o acompanharam de maneira simultânea. Tratava-se de espíritos de caboclos indígenas e pretos velhos escravizados. Enquadrado pelo presidente da federação espírita que ali se encontrava, o espírito que se fazia presente por meio da mediunidade de Zélio perguntou o motivo para que eles não aceitassem a presença de espíritos de pretos e índios em suas sessões. A resposta do presidente da federação foi que tais espíritos eram atrasados e não teriam nada para os ensinar. Em seguida, o mesmo retrucou o

¹ Capacidade espiritual de mediar outras consciências já desencarnadas no mundo físico.

espírito que ali se mostrava presente, sobre quem era, e teve como resposta: “*Se querem saber meu nome que seja este: Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim.*”. Diz-se ainda que o dirigente espírita perguntou ao Caboclo incorporado o porque de, apesar de se dizer indígena, através de sua vidência espiritual conseguia ver restos de vestes clericais. O que o caboclo respondeu que em uma de suas antigas encarnações fora o jesuíta Gabriel de Malagrida, religioso que morreu queimado pelo Santo Ofício, mas que em sua última encarnação, teve o privilégio de vir como caboclo brasileiro. Tal afirmação destaca a perspectiva de que para tal entidade, a cultura indígena estaria em um estágio de desenvolvimento ético e moral superior comparado aos cristãos de outrora. Seguindo-se nesta versão dos acontecimentos, Simas complementa:

Após este episódio, Zélio fundou em Niterói um centro espírita autorreferenciado como Umbandista, cristão e brasileiro, a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, registrada em um cartório de Niterói e que deu origem, com o passar dos anos a várias outras tendas de linha similar. A linha aberta pelo mito da anunciação do Caboclo das Sete Encruzilhadas marca, para os adeptos de certa umbanda, o início da codificação de uma tradição vigorosamente marcada pelo cristianismo e pelo espiritismo kardecista, que operará, especialmente a partir da década de 1930, em duas dimensões aparentemente contraditórias: de um lado, se empenhará na tarefa de desafrikanizar a umbanda; de outro, terá na centralidade de seus rituais a incorporação pelos médiuns de espíritos indígenas e dos pretos velhos, que ao trabalhar na linha da caridade poderiam cumprir os seus processos evolutivos no campo espiritual. (Simas, 2021, p.98)

A partir deste mito de origem, muitas vertentes das Umbandas se estabeleceram. Há contudo, fortes críticas a respeito deste ponto de vista, tais como as que afirmam que antes mesmo de Zélio já existia a Umbanda, seja na Bahia, nas macumbas cariocas ou nos rituais de pajelança espalhados pelo Brasil, e que tal “mito de origem” não passaria de uma tentativa de apagamento das verdadeiras origens afro-ameríndias da Umbanda. Para a socióloga e sacerdotisa Flávia Pinto:

Em 15 de novembro, celebramos o Dia Nacional da Umbanda. Nesse dia, em 1908, ocorreu a manifestação do espírito do caboclo das Sete Encruzilhadas no médium Zélio Fernandino de Moraes. Desde meu primeiro livro, afirmo que essa data é um importante marco, pois possibilita a contabilização da temporalidade, característica fundamental do registro histórico escrito que o permite ser validado pelas normas historiográficas ocidentais. No entanto, para melhor compreendermos a Umbanda e toda a profundidade de ensinamentos trazidos pelos espíritos ancestrais que se manifestam nas falanges de caboclos, pretos-velhos, exus, entre outros, é essencial pesquisarmos a história que vem muito antes de 1500, ano em

que o português Pedro Álvares Cabral invadiu, sem a concordância dos povos nativos, o território indígena. (Pinto, 2022, p.15)

Em uma matéria editada no *Jornal de Umbanda* em 1957 e intitulada *Estudando Umbanda*, edição número 71, W.S. Nunes afirmou o seguinte:

O termo “Umbanda” é muito antigo. Alguns estudiosos dizem tê-lo encontrado na Índia, proveniente de língua arcaica, desaparecida. Todavia, o termo “Umbanda” veio para o Brasil com as línguas africanas. Os negros escravizados, que chegavam ao Brasil, falavam diversas línguas e dialetos. As línguas principais eram o bantu, o nagô e o gege nasceu do mesmo tronco do nago, tendo idêntica gramática, as mesmas regras filológicas. No início do cativeiro, os escravos falavam muitas línguas, conforme suas nações; depois essas línguas foram se caldeando, e chegaram a formar o que os estudantes do assunto chamam – Língua Geral Africana, no Brasil, predominando os vocábulos de Ngola, Angola ou Bantu. Os negros a princípio, no Brasil Colônia, tinha de aprender duas línguas, a saber: A língua Geral Africana e o Português, que era o idioma dos dominadores. Houve, assim, nova mistura, do português quinhentista com a Língua Geral Africana. Os que estudam o português, falado no Brasil, sob o ponto de vista etimológico, sabem quanto as línguas africanas influíram e enriqueceram o português. Daí o termo – “Umbanda” ter-se tornado ou reaparecido na Língua Geral Africana, falada pelos escravos africanos e seus descendentes brasileiros. É sabido que Angola era e ainda é uma colônia portuguesa, na África; que os angolezes já traziam algum conhecimento da língua portuguesa e do Cristianismo, pregado pelos missionários católicos, enquanto os nagôs, gêges, hassás, etc., traziam conhecimentos do árabe e do islamismo, pregado pelos emissários islamitas, na África, parte norte, donde seu limitado entendimento da Bíblia e do Cristianismo, em em relação ao Islamismo. (Nunes, 1957, p.3)

Para ter uma compreensão mais precisa sobre a Umbanda, segundo Flávia Pinto (2022), seria necessário estabelecer algumas considerações tanto sobre os negros escravizados quanto sobre os indígenas e europeus naquele contexto. Segundo ela:

Os bárbaros europeus não tinham outro interesse além do enriquecimento por meio do roubo de terras, nossas riquezas e nossos corpos, que serviram como mão de obra escravizada e não remunerada, como objeto sexual do estupro e da pedofilia e para a gravidez compulsória, a fim de gerarmos mais seres humanos que serviriam forçadamente ao enriquecimento dos povos eurocristãos. Para compreender esses fatos históricos, é preciso entender que os povos africanos podem ter até 140 mil anos de existência e os povos indígenas mais de 12 mil anos (...) Logo, a origem das tradições culturais, filosóficas, científica e organizacional desses povos têm muito mais de 2022 anos (...) Isso significa afirmar que a sabedoria das pretas-velhas e das caboclas é milenar e não teve início após a data de invasão do Brasil pelos portugueses, tampouco conta com apenas 2022 anos de práticas de curas filosóficas e medicinais. Portanto, descendemos de povos que antecedem a passagem de Cristo no planeta. (Pinto, 2022, p.16-17)

Segundo o cientista social Lísias Nogueira Negrão (1994), a Umbanda é uma religião brasileira com influências de matrizes africanas e cristãs, que no decorrer do século XX, teve vários espíritas kardecistas de classe média que foram atraídos pelas macumbas cariocas e vieram a assumir sua liderança espiritual, afastando assim cada vez mais as práticas consideradas primitivas dos cultos africanos, como a imolação de animais, uso de pólvora e bebidas alcoólicas, etc. Esta lógica se espalhou para vários outros lugares do país. Segundo o pai de santo Ademir Barbosa Júnior:

A Umbanda é uma religião constituída com fundamentos, teologia própria, hierarquia, sacerdotes e sacramentos. Não é uma 'seita', portanto, pois este termo geralmente refere-se pejorativamente a grupos de pessoas com práticas espirituais que destoam das ortodoxas. Suas sessões são gratuitas, voltadas ao atendimento holístico (corpo, mente, espírito), à prática da caridade (fraterna, espiritual, material), sem proselitismo. Em sua liturgia e em seus trabalhos espirituais, vale-se do uso dos quatro elementos básicos: fogo, terra, ar e água. (Barbora jr., 2014 p.20)

O surgimento da Umbanda se fundamenta e se consolida meio a expansão do sistema industrial urbano, próprio dos grandes centros citadinos no segundo quarto do século XX. Segundo Flávia Pinto:

A Umbanda, como um fenômeno religioso brasileiro, sofreu forte influência do Catolicismo e do Espiritismo. No início, o racismo era ainda mais forte do que é hoje e, certamente por isso, os ancestrais escolheram as seguintes características para o corpo que seria usado pelo espírito de Zélio de Moraes: homem branco, heterossexual, classe média, família cristã e filho de militar. Assim, foi possível realizar o fato histórico do "surgimento" (renascimento) de uma "nova" religião. Em um cenário bastante racista, apenas vinte anos após a pseudoabolição da escravatura, em 13 de maio de 1888, não aceitariam que uma mulher ou uma pessoa negra e/ou indígena fundasse uma religião dita "brasileira", pois ela seria considerada pertencente a um povo atrasado que não acreditava em Deus; logo, sem religião e, portanto, essa pessoa não poderia estabelecer ritos fundantes para a criação de um sistema religioso com base em seus mitos e cosmogonia étnica milenar africana e indígena. (Pinto, 2022, p.22)

A Umbanda se mostra ainda como religiosidade profundamente misteriosa e encantada, onde seus dirigentes, pais e mães de santo, vivem imersos em seus mundos religiosos, não dando tanta importância para atividades organizacionais e institucionais que racionalizem o movimento umbandista como um todo. Ao contrário das religiões já estabelecidas, que concentram institucionalmente e se ramificam a partir disso, na Umbanda, o processo é inverso – a partir de várias ramificações

surgem instituições como federações – que tentam regimentar e unificar, de modo ainda bastante embrionário mesmo hoje em dia, os diversos terreiros, centros e tendas de Umbanda. Segundo Negrão:

Constatamos que a grande influência moralizadora sobre a umbanda provém do kardecismo. Certamente uma grande quantidade de pais de santo teve sua formação espírita e mediúnica inicial nas “mesas brancas”, aderindo posteriormente às giras. Há também um número indefinido, mas certamente bem elevado de simples médiuns iniciados nos salões kardecistas. A influência das ideias de Allan Kardec difusas no meio umbandista pode ser aferida pela generalizada presença da concepção de *caridade*. A sua prática é ao mesmo tempo a finalidade do culto e sua instância legitimadora. Incorporam-se os guias para que estes solucionem os problemas diversos (principalmente de saúde, mas também de dinheiro, trabalho, desajustamentos familiares e amorosos) que afligem a carente clientela. Ao praticar a caridade não são apenas os clientes os favorecidos, mas também os médiuns e os próprios guias que se elevam na hierarquia espiritual, garantindo no primeiro caso uma reencarnação mais favorável e no segundo caso, ascensão no mundo dos espíritos. A teoria kardecista da reencarnação e da evolução espiritual é o pano de fundo motivador da caridade umbandista. Sua prática é entendida, portanto, como *missão*, à qual os pais de santo gostariam de poder fugir, pois são muito restritivas da liberdade individual, mas à qual se submetem. (Negrão, 1994, p.116)

Levando tudo isso em consideração, o sociólogo Reginaldo Prandi (2004) acrescenta sua perspectiva sobre o assunto afirmando que a Umbanda, consagrada popularmente como “religião brasileira”, inspirou-se no catolicismo branco, na tradição dos Orixás africanos e nos símbolos, espíritos e rituais indígenas, sintetizando uma prática bastante peculiar e embasada nas três fontes da mestiçagem brasileira – brancos, pretos e indígenas. Segundo Prandi:

Candomblé e umbanda são religiões de pequenos grupos que se congregam em torno de uma mãe ou pai de santo, denominando-se terreiro também cada um desses grupos. Embora se cultivem relações protocolares de parentesco iniciático entre terreiros, cada um deles é autônomo e autossuficiente, e não há organização institucional eficaz alguma que os unifique ou que permita uma ordenação mínima capaz de estabelecer planos e estratégias comuns na relação da religião afro-brasileira com as outras religiões e o resto da sociedade. (Prandi, 2004, p.229)

As religiões de matriz afro-ameríndias se destacam no sentido de oferecer aos seus adeptos uma espécie de acolhimento e proximidade que a partir da urbanização e da industrialização foi se perdendo. Trata-se assim de um agrupamento de pessoas que se conhecem com mais intensidade, que interagem

entre si, que estreitam e fortalecem seus laços afetivos, como uma segunda família de verdade. Para Prandi:

Fragmentada em pequenos grupos, fragilizada pela ausência de algum tipo de organização ampla, tendo que carregar o peso do preconceito racial que se transfere do negro para a cultura negra, a religião dos orixás tem poucas chances de se sair melhor na competição – desigual – com outras religiões. Silenciosamente, assistimos hoje a um verdadeiro massacre das religiões afro-brasileiras. Sem um projeto novo de expansão e de reorientação num quadro religioso que se tornou extremamente complexo e competitivo, a umbanda talvez tenha menos recursos que o candomblé para enfrentar a nova conjuntura. (Prandi, 2004, p.231)

Segundo o antropólogo Ordep Serra (2001), a Umbanda apresenta um ideal eclético que acaba remodelando os antigos sincretismos corriqueiros em solo brasileiro. Parece haver por parte dos umbandistas um empenho consciente em integrar elementos religiosos de origens distintas, buscando uma síntese capaz de conciliar universalmente as diferentes religiosidades. Desta forma, os processos sincréticos marcariam o horizonte umbandista, mas sob as aspirações de um ecletismo bastante singular, quando comparada as demais religiões. Segundo Serra:

Além de espíritos dos mortos, os umbandistas cultuam outros que consideram mais elevados, como os *orixás* e os *encantados* em geral. O dirigente de um *gongá* explicou-me que *encantados* “são almas que nunca tiveram encarnação: é o caso de alguns *Caboclos*, de algumas *Crianças...*” Esses espíritos (os *orixás* e os *encantados*) distinguem-se ainda por exercer função de patronos natos dos indivíduos humanos. De acordo com os *filhos de fé*, não só os médiuns, que lhes *dão passagem*, mas todas as pessoas vivas têm, a toda hora, uma companhia espiritual: no mínimo, a de seu *orixá* e a de sua *escora* (ou seja, do *exu* seu guardador “da parte da esquerda”); mas diversos *espíritos de luz*, *encantados* e outros, podem tornar-se *guias* de um vivente. Vários umbandistas afirmam que cada pessoa é acompanhada por dois *orixás*, pelo menos: um masculino e outro feminino, a quem deve chamar de *pai* e *mãe*. Alguns declaram ter ainda *padrinho* e *madrinha* da mesma casta. (Serra, 2001, p.225-226)

O mediunismo umbandista transcende apenas o contato com os espíritos dos mortos, dando espaço para a comunicação com outras consciências astrais ligadas a natureza e aos encantados sagrados, entrecruzando-se os mistérios de várias vertentes religiosas. A importância dos Orixás e das entidades² é fundamental em praticamente todos os segmentos Umbandistas. Segundo Prandi, “Já no seu primeiro momento, a umbanda não é simplificação do candomblé, mera ‘limpeza’. Nem apenas a ritualização do kardecismo com elementos do candomblé. É uma

² Espíritos de pretos velhos, caboclos, crianças, boiadeiros, ciganas, exus, pomba-giras, etc.

enorme transformação.” (Prandi, 1990, p.56). O sacerdote umbandista e cientista da religião Alexandre Cumino explica:

Novas religiões nascem da necessidade de atribuir novos significados a antigos símbolos, trazendo valores que possam dar um novo sentido a nossas vidas. Símbolos são um patrimônio da humanidade, que transcendem nossas visões individuais e limitadas, exercendo influência subjetiva em quem crê ou não nos mesmos, independente das mais variadas interpretações. Quem percebe que os símbolos são ancestrais, corre o risco de confundir o símbolo (atemporal) com sua interpretação (temporal). Estes acabam por declarar que ‘sua interpretação (temporal) é milenar e ancestral (atemporal)’. Nossas interpretações são religiões, que nascem, crescem, envelhecem e morrem, o que fica é o símbolo e uma nova religião vai com certeza reinterpretá-lo. Dessa forma, a Umbanda renova a interpretação para símbolos diversos, produzindo novo significado, daí uma nova religião na qual antigos símbolos e novos valores se acomodam, assumindo uma identidade única. (Cumino, 2015, p.107.)

A Umbanda se mostra com uma complexidade bastante peculiar, uma vez que integra em suas práticas variações de ritos de outras religiões, mas de maneira bastante própria, pois cada templo é independente do outro. Essas variações condizem com a formação e entendimento próprio de cada sacerdote que lidera a corrente mediúnica, cuja responsabilidade é orientar e ensinar uma ética coerente com o respeito e a dignidade humana. Para Simas (2021) é sintomático que a religião de umbanda tenha estruturado sua identidade nacional em um período pós-abolição, dentro dos primeiros anos da República. Trazendo a tona espíritos tidos com excluídos e marginais, a Umbanda, apesar das aparentes contradições internas, se coloca em tensão com projeto de branqueamento racial que surge neste período. Para Simas:

Há um país oficial que ainda tenta silenciar os índios, os caboclos, os pretos, os ciganos, os malandros, as pombagiras (mulheres donas do próprio corpo em encanto), e todos aqueles vistos como estranhos por um projeto colonial amansador de corpos, disciplinador de condutas e aniquilador de saberes. A Umbanda está em crise, espremida pelo preconceito e pelas ações terroristas de ataques a terreiros por determinadas designações neopentecostais. É ainda desqualificada por discursos essencialistas que erguem bandeiras de purezas no meio da encruzilhada em que o Brasil foi assentado. Sofre também do desprezo que o monorracialismo viciado e eurocêntrico nutre pela multiplicidade de suas potências. (Simas, 2021, p.171-172)

Mas isso não é apenas de agora. Para além das questões de fé propriamente ditas, as questões políticas, econômicas e sociais também se mostram relevantes para que se possa compreender melhor as configurações dos “jogos de poder” em

questão. Segundo Negrão (1996), o “alto-espiritismo” – Kardecismo – praticado pelas elites de todo o país desde os finais do século XIX entravam em conflito com os ideais do “baixo-espiritismo” – Umbanda – com suas práticas derivadas da cultura africana e indígena, genericamente chamada pejorativamente de “magia negra”, sendo até mesmo perseguidos como criminosos pelo Código Penal – por exercerem práticas de curandeirismo, feitiçarias, sortilégios, etc. Segundo Negrão:

Com a Revolução de 30 e especialmente com o advento do Estado Novo, que se pretendia moderno e que, em nome da modernidade, perseguia os “arcaísmos”, a repressão contra estas práticas mágicas e cultos sincréticos não só recrudescer mas tornou-se particularmente dirigida contra os cultos de origem negra: nas portarias dos órgãos públicos responsáveis pela moralidade e segurança públicas, as “macumbas” e os “candomblés” são nominalmente citados como alvos das proibições, ao lado das genéricas práticas de “feitiçarias, necromancia, quiromancia e congêneres”. Dá-se início a um intenso combate contra eles, com a apreensão de objetos rituais e prisão de pais e filhos de santo e a instalação de inquéritos e processos em que foram enquadrados como réus. (Negrão, 1996, p.78)

Essa perseguição estatal passa a se alterar apenas com a redemocratização em 1945, quando essas tradições começam a ser favorecidas e protegidas pelos antigos agressores. Mas apesar da abertura democrática que se instaurava, Negrão (1996) afirma que logo a força de coerção policial foi substituída pela coerção religiosa na década de 1950 advinda da Igreja Católica e sua CNBB – Conferência Nacional de Bispos do Brasil. Uma campanha de acusações encabeçadas pelo frei Boaventura Kloppenburg deu início a uma nova desmoralização do espiritismo e da Umbanda. Isso se prolonga até o Pontificado de João XXIII que promoveu a tolerância para com as outras denominações religiosas, se consolidando em 1964, onde o espiritismo assume protagonismo em meios militares na ditadura. De quaisquer modo, nos anos 1980 uma nova onda de ataques por parte dos neopentecostais que se colocaram em guerra espiritual contra os “adoradores do demônio” se perpetua, atrapalhando a expansão tanto do alto espiritismo quanto o dito baixo espiritismo.

Para o historiador José Henrique M. Oliveira (2006), as religiões, de modo geral, estão muito além de meras crenças ou práticas simbólicas em conexão com um mundo invisível. Elas estão profundamente interligadas com as experiências sociais que propiciam uma interação em coletividade. Assim sendo, apenas reflexões teológicas ou metafísicas a respeito da religião não condizem com toda a “verdade” que ela tem por manifestar na realidade cotidiana. Existem várias nuances

e interesses bem assentados numa sociabilidade terrena a que ela, a religião, está inserida. E isso se dá também com a Umbanda. Segundo Oliveira:

Desse modo, identificamos na ação de fundar uma federação, tanto quanto na de realizar um congresso, a adoção de estratégias que podem ser classificadas como a ação comunicativa de indivíduos que têm acesso ao espaço político a fim de construir um consenso favorável à umbanda, a partir de um discurso afinado com a ideologia vigente naquele período histórico. Assim, quando se organizaram em federação para negociar com o Estado a liberdade de culto, os umbandistas apresentaram a umbanda como uma religião totalmente inserida no modo de vida urbano e civilizado. (...) A legitimidade do novo culto nasceria, portanto, do debate sobre uma doutrina mínima que fosse capaz de atenuar o preconceito existente entre as parcelas mais conservadoras da sociedade nacional. (Oliveira, 2006, p.136-137)

Nesta tentativa de busca por se legitimar como religião autônoma e independente, Oliveira (2006) continua dizendo que os umbandistas preferiram aderir a uma política de não enfrentamento, assimilando os interesses do Estado Novo de Getúlio Vargas e embalando o projeto político-ideológico nas vistas de uma maior inserção social no território nacional. Ainda assim, tendo o social sempre a vista, o particular (subjetivo) manteve-se ativo. Segundo o antropólogo Gustavo Ruiz Chiesa:

No caso da Umbanda, a ênfase na experiência pessoal torna-se ainda mais interessante na medida em que nesta religião a figura do mediador/criador é fundamental. Pois ele será reconhecido e valorizado justamente por sua capacidade em realizar sínteses criativas e não contraditórias fundamentais para garantir a continuidade e a transformação da religião. E a força de sua religião residirá na capacidade de trazer para o seu interior as potencialidades ou os “equipamentos” elaborados por diferentes manifestações religiosas sem deixar de perder suas próprias características. Assim, a Umbanda é *também* kardecista, católica, iorubana, hinduísta etc. (Chiesa, 2012, p.209)

E Chiesa (2012) prossegue afirmando que a Umbanda carrega em si grande dificuldade organizacional justamente pelo fato da autonomia de cada terreiro, e a dificuldade de concordância entre os sacerdotes, seja relacionado às práticas litúrgicas ou a teorização em si de uma doutrina comum. Segundo Chiesa:

O fato da Umbanda não possuir um órgão central e oficial que define as regras da conduta moral ou mesmo da prática religiosa potencializa uma lógica interna de incorporação do que “vem de fora”, de segmentação e variação constante dos elementos simbólicos e materiais e de seus próprios mitos de origem. Não por acaso, todas as tentativas de codificação e unificação da Umbanda através da criação de federações fracassaram, pela falta de adesão e/ou concordância entre os dirigentes. Porque cada

dirigente produz uma síntese a partir de sua própria experiência pessoal que atua no sentido de fragmentar ainda mais uma religião notadamente marcada por uma heterogeneidade interna. Desse modo, o desejo de universalização esbarra no processo de diferenciação constante. (Chiesa, 2012, p.211)

É possível se constatar que por maior que fosse/seja o afastamento dos umbandistas de uma regra generalizada, existiram pessoas dentro da religião de Umbanda que tentaram criar padrões e normas capazes de dar algum sentido para as práticas vivenciadas dentro e fora das “giras”³. A essas pessoas deu-se o título de “intelectuais de umbanda”.

1.1 OS INTELECTUAIS DE UMBANDA

A intelectualidade está intrinsecamente ligada à busca pelo conhecimento aprofundado e à análise crítica. Os intelectuais são frequentemente identificados por sua dedicação à pesquisa, à reflexão filosófica e à contribuição para o desenvolvimento de teorias e conceitos. Em grande parte, são caracterizados pela busca de uma compreensão mais profunda e abstrata do mundo, muitas vezes através de métodos acadêmicos formalizados.

Para o historiador Artur Cesar Isaia (2012), tratam-se dos “intelectuais de umbanda”, que nas primeiras décadas do século XX surgiram com uma proposta de esclarecimento pedagógico da religiosidade umbandista. Segundo Isaia: “Os intelectuais da umbanda pensavam em uma religião tipicamente nacional e capaz de sintetizar a representação miscigenada então propalada por parte da ‘intelligentsia’ brasileira e pelo estado.” (Isaia, 2012, p.2). E a tentativa de se naturalizar a Umbanda como espiritismo por parte de alguns desses intelectuais se deu justamente com o intento de uma conciliação religiosa. Segundo Isaia:

A própria expressão “espiritismo de umbanda” aponta claramente para o ideal conciliatório, tentando anular as diferenças entre a doutrina codificada por Kardec e as práticas mágicas afro-ameríndias. A magia aparecia na umbanda dentro de um ideal conciliatório, subordinada, ao mesmo tempo à ética cristã e aos princípios endossados pelo espiritismo. Em outras palavras, os primeiros intelectuais da umbanda tentaram a conciliação entre o cientificismo característico da obra de codificação espírita e a manipulação de elementos materiais com fins mágicos, herança africana e indígena assumida pelas macumbas. (Isaia, 2012, p.5)

³ Nome dado a cerimônia ritual pública celebrada na Umbanda.

O nacionalismo é outro ponto que se mostrou muito forte na primeira metade do século XX, e com tal veio uma rememoração dos nativos e primeiros habitantes originais das terras brasileiras: os indígenas. Acredita-se que venha daí uma parte da influência dos intelectuais de Umbanda de então, inclusive a respeito da enunciação do mito fundador do Caboclo da Sete Encruzilhadas. Para Isaia:

Não é de causar espanto a coexistência entre a inserção dos intelectuais da umbanda no projeto cultural estado-novista, que se queria “moderno” e a sua recorrência à visão romântica da formação nacional brasileira. A temática da busca das origens do povo brasileiro é um projeto dos românticos, retomado pelos modernistas, obviamente a partir de outro olhar e de outra concepção estética. (...) Obviamente, que para os intelectuais da umbanda, a idealização romântica apresentava-se bem mais funcional aos seus interesses em criar uma narrativa religiosa que expressasse miticamente o caráter nacional. O índio funcional aos interesses dos intelectuais umbandistas não poderia ser um preguiçoso, lascivo, herói sem nenhum caráter, justamente por isso capaz de metamorfosear-se ao infinito. (Isaia, 2012, p.13)

Dentro do imaginário popular, os santos, os orixás, os espíritos desencarnados e os mais diversos seres encantados passaram a englobar uma postura fortalecedora de uma pátria em formação, constituindo assim um nacionalismo brasileiro condizente com os interesses do Estado nos idos da primeira metade do século XX. Para o historiador José Henrique M. Oliveira:

Quando o assunto é religião afro-brasileira, o caráter folclórico ocupa espaço significativo no imaginário popular. Ainda mais quando estamos diante de um imenso espectro de religiosidades entendidas como tal: candomblé, jurema, macumba, tambor de mina, umbanda, xangô do Nordeste etc. A umbanda, entretanto, apresenta uma peculiaridade que a diferencia das demais: enquanto os adeptos das religiosidades mais africanizadas buscavam legitimar suas práticas exaltando a pureza das tradições nagô, os líderes do movimento umbandista fizeram questão de apresentá-la como uma religião brasileira. Acreditamos que o caráter nacionalista atribuído à umbanda fazia parte de um conjunto de estratégias de legitimação que incluíam também a institucionalização da nova religião e a adoção de um discurso evolucionista, no qual a população brasileira era o resultado de um encontro singular entre índios, brancos e negros. (Oliveira, 2006, p.133)

Se faz relevante abrir um parêntese a respeito da noção das três raças a que Oliveira se refere. Segundo o sociólogo Renato Ortiz:

Abordar a temática da mestiçagem é na realidade retornar a metáfora do cadinho, isto é, do Brasil enquanto espaço de miscigenação. Somente que, aquilo que posteriormente será analisado em termos culturais por Gilberto Freyre, se caracteriza como racial para os intelectuais do período considerado. Neste momento se torna corrente a afirmação de que o Brasil se constituiu através da fusão de três raças fundamentais: o branco, o

negro e o índio. O quadro de interpretação social atribuía porém à raça branca uma posição de superioridade na construção da civilização brasileira. (Ortiz, 1982, p.19)

Segundo Isaia (2012), há por parte dos intelectuais da Umbanda, no geral sacerdotes/pais e mães de santo/dirigentes de terreiro, um interesse em criar uma identidade letrada para a Umbanda a partir dos anos 1930. Tais intelectuais vão se contrapor a proposta de oralidade das religiões africanistas ou indígenas, mobilizando-se em um esforço de criar um consenso religioso na Umbanda, discernindo o adepto verdadeiro do falso, e conseqüentemente, propagando os ideais mais fundamentais da doutrina, segundo eles, aos que queriam pertencer a esta identidade em formação. Por meio da escrita, os intelectuais de Umbanda pretendiam demonstrar sua erudição, mostrando-se conhecedores das demais religiões e também da magia, mas sob crivo de uma moralidade completamente cristã e caritativa. Mas por que esses intelectuais sentiram a necessidade de agir assim? Para Isaia teve a seguinte razão:

Os “mandingueiros” (vale dizer macumbeiros, pais de santo, médiuns, etc) representavam o inverso da alva segurança nômica prolongada pela religião institucionalizada e pelos saberes oficiais. O antigo jogo de alteridades proposto pelo imaginário religioso (e presente até mesmo na análise sociológica), amparado na oposição religião/magia, era materializado nas figuras do católico e do mandingueiro, ou seja, do cidadão, capaz de fazer eco ao senso comum, e do estranho e desfaiador adepto de inusitadas práticas. Aos mandingueiros, como aos “loucos”, aos anormais e aos devassos, só restava mesmo a exclusão, a privação de uma ordem, capaz de abrigar somente aos que a ela se submetiam “satisfatoriamente”. Os interditos contra os “mandingueiros” permanecerão nas preocupações de diferentes olhares da elite brasileira, que persistia, aprofundando, na oposição entre os significados compartilhados pelo povo e os discursos propalados como legítimos pelos “donos da verdade”. Os estigmas da cor, da desqualificação social, eram reincidentemente invocados pelo discurso eclesiástico, médico e jurídico para desacreditar as práticas “impropriamente” consideradas como religiosas e julgadas esdruxulas, próprias de seres ignorantes e doentes. (Isaia, 1999, p.99).

Para Bourdieu (2013), a intelectualidade sobrevive dentro de um campo social próprio, alimentado e sustentado por habitus e capitais simbólicos bastante específicos, conforme suas particularidades e interesses característicos. Seria ingênuo se basear apenas em um tipo de recurso, por exemplo, o financeiro, aos moldes economicistas de Marx ou dos neoliberais, para compreender uma sociedade. Obviamente o capital financeiro é importante, mas não se trata do único fator a ser considerado. Há nuances muito mais sutis que podem causar tanto, ou as

vezes até mais impacto do que a mera acumulação financeira. A saber, tratam-se dos capitais simbólicos – o capital social, o capital cultural e o capital econômico.

Seguindo o raciocínio de Bourdieu (2013), por capital cultural entende-se os recursos condizentes aos conhecimentos e práticas capazes de lhe servirem de base referencial para compreender melhor e atuar no mundo aonde estiver inserido, usufruindo assim de oportunidades garantidas pela sofisticação, amparadas por sua noção e estoque de saberes. O capital social, bastante influenciado pelo capital financeiro e cultural, garante acesso a determinados círculos sociais e grupos, o que diferencia o status de quem o adquire. Para Jessé Souza (2022), não existem pessoas com capital social elevado sem os capitais financeiros e culturais adequados, pelo menos um ou outro. E nessa combinação de recursos e capitais simbólicos, determinados campos desenvolvem códigos de conduta e linguagens condizentes com seu “status social”. A estes comportamentos exclusivos Bourdieu (2013) dá o nome de “habitus”. Há uma matéria no ano de 1954, edição número 49, na página 10, intitulada *Doutrina e Estudo*, onde um dos escritores do jornal chamado Celso Rosa escreve:

Não lemos, mas queremos ensinar. É sempre assim, daí porque Rui Barbosa afirmava: “somos um país de analfabetos onde todo mundo se julga doutor”. E, de fato, ninguém lê, mas todo mundo “doutrina”, todo mundo “ensina”. Mania. Que se há de fazer?! Cruzar o braços? Cremos que não. É necessário urgente mesmo, que se faça alguma coisa. Não podemos deixar as coisas no pé em que estão. A fase do empirismo, da imprevisão já está superada, vivemos a era da TÉCNICA, logo quem se disponha a orientar, doutrinar, ensinar, dirigir, deve antes, seja qual for o setor, capacitar-se para tal, sob pena de se tornar inoperante. Alegam certos enfatuados: não há o que ler em UMBANDA. Só um cego ou um malicioso poderá dizer tamanha estultície, pois muita coisa há para se estudar em UMBANDA, haja boa vontade e desejo de se aprender. Por exemplo: aí está o JORNAL DE UMBANDA. Traz ou não muita coisa boa para ser lida, ou melhor, para ser lida e aprendida, por que não? Tomemos a iniciativa de ler seus artigos e comentá-los. (Rosa, 1954, p.10)

O autor critica a cultura de falta de leitura, privilegia a necessidade de capacitação técnica e a disponibilidade de recursos de estudo na Umbanda, enfatizando a importância do aprendizado contínuo e da preparação adequada para o exercício de papéis de liderança e instrução na sociedade. Eis uma faceta do habitus dos intelectuais umbandistas. Em edição anterior do mesmo ano, no número de edição 45, há uma matéria anônima na página 6, intitulada *Aos Intelectuais da Umbanda*, que diz o seguinte:

A Umbanda, religião afro-aborígene, fruto do sincretismo verificado nos alvares da nossa formação étnica, pecando pela falta de um compêndio capaz de orientar esses milhões de adeptos, todavia, vem resistindo galhardamente aos impactos desfechados, periodicamente, pelos chefes de outras religiões tidas e havidas como padrões de moral e de fraternidade humana. (...) Sendo, portanto a Umbanda uma religião oriunda dos índios e dos negros, o ritual com seus usos e costumes é uma tradição que não pode nem deve desaparecer. Manter, pois, a Umbanda em toda sua plenitude mitológica, litúrgica e ritualística deve ser o pensamento que aceitam, por convicção, essas verdades emanadas dos guias espirituais dos terreiros vistos como caboclos ou pretos-velhos. (...) Para esse “desideratum” mister se faz a filiação de intelectuais, escritores sacros, poetas e artistas, na União de Umbanda do Brasil para, em mesa redonda, preparemos os seguintes tomos que constituirão o livro oficial desta religião: 1º) Parte histórica afro-aborígene; 2º) Mitologias; 3º) Sincretismo e Similitudes; 4º) Liturgia; 5º) Ritualismo; 6º) Escola Sacerdotal; 7º) Filosofia Moral (Doutrina); 8º) Glossário. (Anônimo, 1954, p.6)

Assim sendo, é possível se constatar que há ali a manifestação de um hábitus intelectual e religioso bastante particular à época, tanto na própria ideia de produção de um periódico quanto na busca por legitimar e expandir uma religião. Segundo Peter Burke (2010, p.69) “Como culturas inteiras, há locais específicos que são particularmente favoráveis à troca cultural, especialmente as metrópoles e as fronteiras.”. A sede do jornal era no Rio de Janeiro, capital do Brasil naquele período. O habitus em questão refere-se ao campo da religião de Umbanda, podendo ainda ser subdividido mais especificamente no campo social de “intelectuais umbandistas”, que ao longo de mais de uma década, divulgaram em suas páginas, para todo o Brasil, diversas propostas de reflexão e orientações condizentes com a ética que acreditavam. Outro pensador importante que pode contribuir para o entendimento destas questões aqui tratadas é o Michel de Certeau, que traz os conceitos de estratégia e tática. Segundo Certau:

Uma distinção entre estratégias e táticas parece apresentar um esquema inicial mais adequado. Chamamos de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa, etc). Como na administração de empresas, toda a racionalização “estratégica” procura em primeiro lugar distinguir de um “ambiente” um “próprio”, isto é, o lugar do poder e do querer próprios. Gesto cartesiano, que sabe: circunscrever um próprio num mundo enfeitado pelos poderes

invisíveis do Outro. Gesto da modernidade científica, política ou militar. (Certeau, 1998, p.99)

Deste modo, a partir do momento em que a UEUB vai se formalizando, o campo dos intelectuais vai concomitantemente elaborando uma estratégia para a obtenção de legitimidade conjunta para a religião, dentro e fora da mesma. O Jornal de Umbanda e o 1º Congresso fazem parte disso. Tal empreitada se distingue da noção de tática, momento anterior onde estariam pulverizadas as intenções e forças atuantes do campo umbandista. Para Certeau:

Com respeito às estratégias (cujas figuras sucessivas abalam esse esquema demasiadamente formal e cujo laço com uma configuração histórica particular da racionalidade deveria também ser precisada), chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia von Bullow, e no espaço por ele controlado. Ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetável. Ela opera golpe a golpe, lance a lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante. (...) Em suma, a tática é a arte do fraco. (Certeau, 1998, p.100-101)

No decorrer das edições, constata-se um processo de busca por estratégias de legitimação por parte dos editores, tanto quando escrevem sobre atitudes de outros umbandistas, quanto de pessoas externas a religião, que menosprezam ou difamam seu campo religioso. Segundo Burke (2010, p.84) “O poder do mal-entendido – ou melhor dizendo, da reinterpretação inconsciente – não deve ser subestimado.”. O diálogo com os assinantes que enviavam cartas e com os colunistas convidados demonstrava o zelo com a maneira de se racionalizar a religião de Umbanda através de debates e contraposições de ideias.

Há presente em toda a estrutura do periódico uma preocupação central: oferecer capital cultural básico para que os religiosos assinantes e pertencentes a União Espiritista de Umbanda do Brasil pudessem defender e praticar a religião sob padrões éticos e morais condizentes com uma identidade urbana e moderna. Por meio das fotos espalhadas pelas edições, percebe-se também uma tentativa de

familiarizar a religião, mostrando confraternizações e visitas dos diretores do jornal a diversos terreiros, tendas, templos, centros, cabanas ou casas da religião umbandista. Uma vez que, segundo Souza (2022), o preconceito racial sempre se fez presente em nossa sociedade brasileira desde sua fundação, seja explícita ou implicitamente, e que a Umbanda foi e é muito ligada as tradições africanas e indígenas também, o Jornal de Umbanda, dentro de certas limitações e ambiguidades, confrontou algumas intolerâncias vividas naquela sociedade.

Muitos dos pais e mães de santo naqueles tempos eram iletrados, ou se não o fossem, poucos tinham reais condições ou capitais sociais e culturais de se impor através de argumentos intelectuais contra os sacerdotes de outras religiões estabelecidas, amparados de formações teológicas e filosóficas. Neste ínterim surgem essas pessoas, membros de uma classe média em ascensão, com acesso às obras kardecistas, teosóficas, ocultistas e cristãs no geral (livros, jornais, revistas, etc), que assumiram a frente dos debates, defendendo a Umbanda e rebatendo as críticas conforme seu entendimento das religiões. Colocando todos seus esforços para construir uma literatura apropriada, vários umbandistas e pesquisadores se destacam neste momento, tais como: Emanuel Zespo, Oliveira Magno, João de Freitas, Aluízio Fontennele, Leal de Souza, entre outros. É a partir deste momento que surge a necessidade de se organizar um grande congresso, na tentativa de colocar algumas diretrizes e rumos para a religião como um todo.

No ano de 1941 tais intelectuais se unem e realizam o *1º Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda*, com direito a relatório de todos os palestrantes que discursaram a respeito de suas interpretações sobre a Umbanda. Surge também a *Federação Espírita de Umbanda*, na realidade, alguns anos antes, em 1939, que mais tarde, uma década depois, no ano de 1949, daria início ao *Jornal de Umbanda: Órgão Noticioso e Doutrinário da Federação Espiritista de Umbanda*.

1.2 O PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPIRITISMO DE UMBANDA

Os trabalhos apresentados no relatório do *1º Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda* ocorreram entre os dias 19 e 26 de outubro do ano de 1941, na cidade do Rio de Janeiro. A metodologia de seleção de conteúdo se deu a partir de um resumo de todos os discursos dos participantes presentes no relatório e recortes pontuais de trechos de citações diretas destes, no intuito de pavimentar um

caminho de ideias e debates iniciados praticamente uma década antes do próprio surgimento do Jornal de Umbanda. Este foi o programa elaborado pela Comissão Organizadora do 1.º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, composta por Jayme S. Madruga (futuro diretor do Jornal de Umbanda), Alfredo Antônio Rego e Diamantino Coelho Fernandes:

a) HISTÓRIA — Investigação histórica em torno das práticas espirituais de Umbanda através da antiga civilização, da idade média até aos nossos dias, de modo a demonstrar à evidência a sua profunda raiz histórica. b) FILOSOFIA — Coordenação dos princípios filosóficos em que se apoia o Espiritismo de Umbanda, pelo estudo de sua prática nas mais antigas religiões e filosofias conhecidas, e sua comparação com o que vem sendo realizado no Brasil. c) DOCTRINA — Uniformização dos princípios doutrinários a serem adotados no Espiritismo de Umbanda, pela seleção dos conceitos e recomendações que se apresentarem como merecedoras de estudo, para o maior esclarecimento dos seus adeptos. d) RITUAL — Coordenação das várias modalidades de trabalho conhecidas, a fim de se proceder à respectiva seleção, e recomendar-se a adoção da que for considerada a melhor delas em todas as tendas de Umbanda. e) MEDIUNIDADE — Coordenação das várias modalidades de desenvolvê-la e sua classificação segundo as faculdades e aptidões dos médiuns. f) CHEFIA ESPIRITUAL — Coordenação de todas as vibrações em torno de Jesus, cuja similitude no Espiritismo de Umbanda é "Oxalá", o seu Chefe Supremo. (Madruga, Rego e Fernandes, 1942, p.6)

Observando este programa, pode-se refletir a respeito de algumas questões. Primeiro, dá-se a entender, no tópico a, quesito "história", que os congressistas organizadores pensavam que a Umbanda tinha origem na "antiga civilização", percorrendo a idade média, coisa que demonstra uma tentativa de busca de legitimidade por antiguidade. No tópico b, quesito "filosofia", os organizadores admitem o apoio da Umbanda nas "mais antigas religiões", buscando comparar as práticas destas com as que ocorriam nos terreiros daquele momento. No tópico c, quesito "doutrina", há uma preocupação na organização de diretrizes gerais e teóricas ao "espiritismo de umbanda". No tópico d, quesito "ritual", há uma busca pela seleção mais adequada das várias práticas realizadas pelos umbandistas de então, provavelmente no intento de formalizar uma liturgia. No tópico e, quesito "mediunidade", há o interesse em classificar e sistematizar os tipos de mediunidade presentes nos terreiros. No tópico f, quesito "chefia espiritual", demonstra-se o sincretismo aceito na época entre o Orixá Oxalá e a figura de Jesus Cristo, congregando uma figura de harmonia em comum de liderança espiritual suprema da Umbanda. A partir destas breves considerações como pontos de referência, pode-se seguir para os argumentos sintetizados dos congressistas propriamente.

O primeiro pronunciamento que aparece no relatório do congresso se deu pelo 1º secretário da Federação Espírita de Umbanda, sr. Alfredo Antônio Rego (1941), no dia 19 de outubro, que apresentava brevemente algumas características distintivas em relação ao espiritismo de mesa e a Umbanda. O enfoque se dá na eficiência da Umbanda em lidar com espíritos desencarnados em desequilíbrio, que nas giras são conduzidos em grandes quantidades pelas entidades para locais apropriados no astral onde podem ser doutrinados de maneira adequada. O autor também argumenta a importância desta prática para o aprendizado dos próprios encarnados, e finaliza agradecendo os presentes e expressando sua gratidão.

O segundo congressista a expressar suas opiniões, ainda no dia 19, foi o sr. Diamantino Coelho Fernandes (1941), da Tenda Espírita Mirim, que apresentou a tese: “O espiritismo de Umbanda e a evolução dos povos”. Num primeiro momento, o autor saúda os irmãos africanos e os escravizados que vem como pretos velhos na Umbanda, destacando a importância também dos caboclos das matas, habitantes das florestas brasileiras que trabalham na religião em função da verdade e do bem. Em seguida, ele diz:

Umbanda não é um conjunto de fetiches, seitas ou crenças, originárias de povos incultos, ou aparentemente ignorantes; Umbanda é, demonstradamente, uma das maiores correntes do pensamento humano existente na terra há mais de cem séculos, cuja raiz se perde na profundidade insondável das mais antigas filosofias. (Fernandes, 1941, p.9)

Percebe-se aqui o tom incoerente de preconceito cultural – culturalismo – para com os povos africanos e nativos brasileiros, que havia enaltecido no começo de seu discurso. Em sequência, Fernandes (1941) traz o significado da palavra Umbanda, que segundo ele vem do sânscrito AUM-BANDHÃ, que significa “Limite no Ilimitado, Princípio Divino, Luz Irradiante, Fonte Permanente de Vida e Evolução Constante”. Para Fernandes, a raiz mais antiga da Umbanda podia ser encontrada nos Upanishads e nos Vedas da Índia, que são livros sagrados e milenares entre os hindus. O espiritismo de Umbanda ensinado e praticado há cerca de 25 anos, contando de 1941 para trás, segundo ele, no Brasil, teria como base a imortalidade da alma, coisa que é parte integrante desses conhecimentos hindus, mais especificamente no sistema Vedanta. Ambas as doutrinas partilhariam a ideia de uma alma imortal em busca da redenção espiritual para se chegar a uma vida melhor. Afirmou também que o espiritismo de Umbanda sempre existiu entre as

raças espiritualmente adiantadas no globo terrestre, tendo uma parte externa voltada as massas e uma parte interna acessível apenas aos iniciados. O espiritismo de Umbanda compartilharia também, para ele, a noção de um Deus impessoal e animador do universo, que teria seus ensinamentos trazidos por instrutores invisíveis, as entidades espirituais. Vai citar em seu discurso os filósofos Sócrates, Pitágoras e Platão, como tendo sido influenciados pelas doutrinas hindus. E Fernandes finaliza:

Daí o ritual semibárbaro sob o qual foi a Umbanda conhecida entre nós, e por muitos considerada magia negra ou candomblé. É preciso considerar, porém, o fenômeno mesológico peculiar às nações africanas donde procederam os negros escravos, a ausência completa de qualquer forma rudimentar de cultura entre eles, para chegarmos à evidência de que a Umbanda não pode ter sido originada no Continente Negro, mas ali existente e praticada sob um ritual que pode ser tido como a degradação de suas velhas formas iniciáticas. Sabendo-se que os antigos povos africanos tiveram sua época de dominação além mar, tendo ocupado durante séculos, uma grande parte do Oceano Índico, onde uma lenda nos diz que existiu o continente perdido da Lemúria, do qual a Austrália, a Australásia e as ilhas do Pacífico constituem as porções sobreviventes, — fácil nos será concluir que a Umbanda foi por eles trazida do seu contacto com os povos hindus, com os quais a aprenderam e praticaram durante séculos. Morta, porém, a antiga civilização africana, após o cataclismo que destruiu a Lemúria, empobrecida e desprestigiada a raça negra, — segundo algumas opiniões, devido à sua desmedida prepotência no passado, em que chegou a escravizar uma boa parte da raça branca — os vários cultos e pompas religiosas daqueles povos sofreram então os efeitos do embrutecimento da raça, vindo, de degrau em degrau, até ao nível em que a Umbanda se nos tornou conhecida. (Fernandes, 1941, p.20).

O autor assume o conceito de cultura como algo erudito, superior, perspectiva bastante comum entre os povos colonizadores da Europa e da América do Norte, que além das violências físicas impostas pelo imperialismo, propagaram violências simbólicas e epistemológicas que chegam até nossos dias em um racismo estrutural.

O terceiro congressista a apresentar sua tese, já no dia seguinte (20), foi o Dr. Jayme Madruga (1941) da Tenda Espírita São Jeronymo, delegado do congresso. O título de sua apresentação era “A Liberdade Religiosa no Brasil”, que tratava de uma análise que Madruga fez sobre o II Congresso Afro-Brasileiro em 1937, organizado por Darío de Bitencourt, expondo a relação das Constituições e dos Códigos Penais anteriores do Brasil no que se referia a religião. O autor da apresentação inicia sua atualização sobre o referido tema explanando um panorama do período colonial

brasileiro, onde a mistura de várias raças e culturas formaram a população. Para Madruga:

Se de parte dos brancos, os que para aqui vieram representavam a escória da sociedade europeia, pois que os elementos enviados da velha civilização eram, via de regra, aventureiros ou degredados, enfim homens sem fé nem lei, já da parte dos nativos e dos negros africanos não podemos afirmar o mesmo. Tratava-se de fato de povos primitivos quanto à sua ilustração e à ciência dos povos ocidentais, faltava-lhes os atavios luxuosos e os palácios, faltava-lhes a ambição de riquezas e os desvarios sensuais dos povos civilizados, faltava-lhes finalmente o verniz que oculta a perfídia e a insinceridade. Mas sem academias, sem pompas e sem livros, a sua ciência era profunda, a sua medicina era de fato uma arte de curar, de dar alívio ao sofrimento do próximo sem objetivos de lucros; as suas religiões eram cultuadas com sinceridade e amor, suas leis poderiam ser primitivas, mas eram imparciais as suas manifestações e as suas organizações de família e de sociedade eram rígidas e severas, dentro dos seus objetivos e princípios. (Madruga, p.22, 1941)

Ele segue afirmando que o cristianismo, após ter derramado muito sangue dos indígenas e africanos, não era mais uma realidade ortodoxa, mas sim um “sincretismo” – palavras do próprio autor – e que a influência das metrópoles europeias ainda se faziam bastante vivas, especialmente os “autos de fé” da inquisição da idade média, que abusavam do nome de Deus numa guerra santa de fanáticos em busca de poder. Em seguida, Madruga (1941) fez um levantamento dos trechos referentes a religião das antigas constituições brasileiras. Segundo Madruga:

II — NO IMPÉRIO – 1) — Na Assembleia Constituinte de 1823 - A Assembleia Constituinte instalada a 3 de Maio de 1823, de vida efêmera, pois foi dissolvida em 12 de Novembro do mesmo ano sem ter terminado a sua missão, tinha no seu “projeto de constituição” apresentado pela comissão especial, composta dos deputados António Carlos (Relator), José Bonifácio e Muniz Tavares, os artigos seguintes que acolhiam o princípio da “Liberdade Religiosa”: Art. 14. A liberdade religiosa no Brasil só se entende às comunhões cristãs; todos os que as professarem podem gozar dos direitos políticos no Império. Art. 15. As outras religiões, além da cristã, são apenas toleradas, e a sua profissão inibe o exercício dos direitos políticos. Art. 16. A religião católica apostólica romana é a religião do Estado por excelência, e única mantida por ele. (Madruga, 1941, p.23)

Portanto, neste momento, a religião Católica Apostólica Romana era a oficial, sendo as demais toleradas, desde que se realizassem de forma discreta nos lares de seus praticantes. E assim segue o autor referenciando todo o encadeamento das constituições nos anos seguintes. Em 1831, o Império do Brasil passava a ter seu primeiro Código Penal. Segundo Madruga:

Considera-se ofensivo à religião oficial celebrar culto de outra religião que não seja a católica: a) em casa ou edifício que tenha alguma forma exterior de templo; b) publicamente, em qualquer lugar. A contrário sensu, não seria considerado "ofensa à religião oficial" qualquer culto de outra religião que não a católica: a) celebrado em casa ou edifício sem revestir externamente a forma de templo (sem torres, sem campanários, sem ícones), etc.; b) celebrado particularmente, no recesso do lar, ou no fundo das senzalas. Quantos infringissem o citado art. 276 do Código Criminal do Império do Brasil, haviam de ser passíveis das penalidades seguintes: a) no grau máximo — "serem dispersos pelo juiz de paz os que estivessem reunidos para o culto; demolição da forma exterior e multa de 12\$000 que pagará cada um"; b) no grau médio — idem, idem e multa de 7\$000 que pagará cada um; c) no grau mínimo — idem, idem e multa de 2\$000 que pagará cada um. (Madruga, 1941, p.25)

Passadas algumas décadas, com a proclamação da república, nova configuração ocorre. Segundo Madruga:

III — NA REPÚBLICA - 1) A separação da Igreja do Estado - Proclamada a República a 15 de Novembro de 1889, já a 7 de Janeiro de 1890, decretava o Governo Provisório, sob o n. 119-A "a plena liberdade de cultos" e proibia a intervenção da autoridade federal e dos estados federados em matéria religiosa. Os artigos principais desse decreto eram os seguintes: Art. I — É proibido à autoridade federal, assim como à dos Estados federados, expedir leis, regulamentos, ou atos administrativos, estabelecendo alguma religião ou vendando-a, e criar diferenças entre os habitantes do país, ou nos serviços sustentados à custa do orçamento, por motivo de crença, ou opiniões filosóficas ou religiosas. Art. II — A todas as confissões religiosas pertence por igual a faculdade de exercerem o seu culto, regerem-se segundo a sua fé e não serem contrariados nos atos particulares ou públicos, que interessem o exercício deste decreto. Art. III — A liberdade aqui instituída abrange não só os indivíduos nos atos individuais, senão também as igrejas, associações e institutos em que se acharem agremiados, cabendo a todos o pleno direito de se constituírem e viverem coletivamente, segundo o seu credo e a sua disciplina, sem intervenção do poder público. (Madruga, 1941, p.28)

A liberdade parcial de culto que se apresentava no reinado, neste novo momento histórico, foi substituída por uma proposta de igualdade jurídica e um Estado Laico. Algumas poucas alterações vão sendo feitas para o reajuste dos novos governos que se seguem a partir de então. Com a revolução de Getúlio Vargas em 1930, são renovadas as propostas laicas, mas estabelecendo o limite apenas em caso de contravenção da "ordem pública e os bons costumes". Passados sete anos, são reafirmados os votos de liberdade religiosa. Segundo Madruga:

A experiência de 7 anos de regime "post revolução" de 1930, levou o Chefe do Governo a revogar a Constituição de 1934 e a promulgar novo estatuto constitucional, afim de "assegurar à Nação a sua unidade, o respeito à sua honra e à sua independência, e ao povo brasileiro, sob um regime de paz política social, as condições necessárias à sua segurança, ao seu bem-estar e à sua prosperidade.". A matéria religiosa está regulada no artigo 122, § 4.º, que é o seguinte: § 4.º Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum, as exigências da ordem pública e dos bons costumes. A Constituição vigente, de maneira inequívoca, confirma os preceitos da legislação anterior * de liberdade religiosa, com a mesma ressalva de 1934: "observadas as disposições do direito comum, as exigências da ordem pública e dos bons costumes." (Madruga, 1941, p.31)

E em 1942 entraria em vigor uma nova consideração a respeito das religiosidades nacionais. Segundo Madruga:

Ultraje a culto e impedimento ou perturbação de ato a ele relativo - Art. 208. Escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso: Pena: Detenção, de um mês a um ano, ou multa de quinhentos mil réis a três contos de réis. Parágrafo único. Se há emprego de violência, a pena é aumentada de um terço, sem prejuízo da correspondente à violência. (Madruga, 1941, p.32)

Através das análises das Constituições precedentes e com as expectativas da nova, Madruga (1941) expõe que o "alto espiritismo" passa a ser considerado e reconhecido pelas autoridades policiais, angariando o respeito como as demais religiões, entretanto, a campanha contra o "baixo espiritismo" e os excessos das autoridades prosseguiram. Reafirma que a Umbanda não buscava por mistificações nem contrariava os poderes vigentes. Segundo o conferencista, o espiritismo existia desde as eras mais distantes da humanidade, contudo, foi Allan Kardec quem codificou em forma de doutrina e a fez se tornar conhecida em seu tempo. Comparando as religiões, observou também que, apesar das ritualísticas particulares e das regras e leis próprias, a essência das mesmas não eram diferentes, ou seja, haviam similaridades dignas de serem notadas. Ele argumentou que, por exemplo, tanto as práticas da Igreja Católica quanto as práticas da Umbanda serviam para elevar a matéria até o espírito, buscando um contato mais intenso com o sagrado. E também afirmou que, como em todas as religiões, haveriam pessoas incoerentes mais interessadas no lucro financeiro do que na prática espiritual. Em conclusão de sua tese, Madruga reitera:

No Brasil Colonial - O culto do espiritismo era praticado mais ou menos ocultamente nas senzalas e terreiros. No Brasil Império - O Estado tolerava os cultos divergentes da religião oficial, desde que realizados discretamente, no recinto de casas não revestidas exteriormente do caráter de templo. No Brasil República - Em face da Constituição Federal de 10 de Novembro de 1937, observadas as disposições do direito comum, as exigências da ordem pública e dos bons costumes, isto é, apresentando-se exclusivamente com aspecto religioso, o Espiritismo em todas as suas modalidades é tão respeitável quanto outros quaisquer cultos religiosos, podendo ser exercido livremente, sem peias ou constrangimentos. As coações opostas ao livre exercício religioso, seja qual for o seu rito, são considerados crimes e puníveis na forma da lei. Restrições ao Curandeirismo - a) Está sujeito a repressão nos termos do código penal, não o Espiritismo, mas o curandeirismo; senão vejamos o texto legal: Art. 284 — Exercer o curandeirismo : I — prescrevendo, ministrando ou aplicando habitualmente, qualquer substância; II — usando gestos, palavras ou quaisquer outros meios; III — fazendo diagnósticos. Pena: detenção de seis meses a dois anos. § Único — Se o crime é praticado mediante remuneração, o agente fica também sujeito à multa de um a cinco contos de réis. (Madruga, 1941, p.35-36)

No dia seguinte (21), a quarta congressista a apresentar sua tese foi uma mulher, d. Martha Justina, representante da Cabana de Pai Joaquim de Loanda e delegada do congresso, com o tema: “Utilidade da Lei de Umbanda”. Em sua apresentação, Justina (1941) enfocou o dever moral dentro da religião de Umbanda e sua importância nos tempos modernos. Disse também que os dogmas e ritos religiosos podiam perder seu valor caso não se adaptassem ao progresso necessário a prática da caridade, seja em qual religião for. Afirmou que a Umbanda era uma religião vinda da África e que tem a caridade o amor a Deus como fundamentos, assim como o diferencial de haverem fenômenos em suas sessões que podem ser explicados pela ciência. No decorrer das civilizações, várias religiões se manifestaram na realidade, contudo, os costumes e abusos as levaram ao declínio. Para ela, o espiritismo também era uma prática antiga, estudada e praticada por profetas, adivinhos e bruxas, mas foi Allan Kardec, como cientista, que conseguiu codificar os fatos e os fenômenos do Espiritismo, provando a utilidade destes para a regeneração da humanidade. Continua expondo que Kardec foi um proeminente codificador, entretanto, não devia ser idolatrado como um segundo Cristo. Menciona que a Lei de Umbanda significava “grandeza, força, poder, em suma, Deus”, e que os Umbandistas devem seguir o lema “Todos por um, e um por todos”.

E a Lei de Umbanda evoluiu em terras brasileiras, deixando para trás ritos africanos “severos e exóticos”, tais como sacrifícios e jejuns, para se adaptar a uma nova configuração de sociedade que a atual conjuntura exigia. Parte do trabalho dos

Umbandistas estaria na prática de enfrentar as ações malévolas através da ciência e do amor, junto com os espíritos trabalhadores das forças do bem, sempre dispostos a oferecer ajuda e amparo. Assim também a Umbanda pode ser prejudicial quando utilizada de maneira leviana, sendo necessário responsabilizar aqueles que se utilizam dela de maneira inadequada. Justina (1941) conclui dizendo que o Congresso foi algo importante para que a Lei de Umbanda tenha seu merecido reconhecimento.

No mesmo dia (21), sr. Alfredo Antônio Rego, representante da Tenda Espírita Humildade e Caridade e delegado do congresso, apresenta a 5ª tese sob o título de “Umbanda e os sete planos do universo”. Rego (1941) inicia sua exposição dizendo que todos os estudos produzidos pela inteligência humana são compostos de estudos anteriores, realizados por pessoas no passado, o que se comprova na própria história da humanidade de modo científico. E parte importante da Umbanda e de todas as demais religiões é a busca pelo aperfeiçoamento moral de seus adeptos, para que estes consigam ascender a planos mais elevados de existência.

Continua sua explanação dizendo que a Europa no século XIII passava por uma crise moral devido as perseguições e matanças realizadas pelas Cruzadas e pela Inquisição, momento este em que surgiu um grande instrutor espiritual chamado Christian Rosenkreutz, fundador da Ordem dos Rosacruzes, que espalhou a luz oculta do cristianismo explicando os mistérios da Vida e do Ser de maneira científica e harmoniosa. Segundo sua doutrina, o universo era dividido em sete mundos ou estados da matéria diferentes, sendo o primeiro o Plano Físico (nosso mundo visível), o segundo é o Plano Astral (de forças cósmicas), o terceiro é o Plano Mental (onde o corpo e o espírito se unem), o quarto é o Plano do Espírito de Vida (onde reina o amor e a união), o quinto é o Plano do Espírito Divino (onde moram os espíritos puros), o sexto é o Plano dos Espíritos Virgens (desconhecido pela humanidade) e o sétimo e último é o Plano de Deus (a fonte e meta da existência). Rego (1941) sugere que estes 7 Planos tem influência sobre as bases da religião de Umbanda. Ele prossegue explanado melhor sobre cada um desses 7 Planos ou Mundos e suas interconexões com as práticas umbandistas. Os três primeiros planos estariam acessíveis a inteligência humana conforme avança moralmente, isso em qualquer religião. A Umbanda carregaria o diferencial de proporcionar aos seus adeptos a possibilidade de alcançar os demais níveis, de acordo com o avanço do caráter pessoal e do entendimento consciencial.

No dia 22, quem apresenta a 6ª tese do congresso é o sr. Baptista de Oliveira, cujo título é “Umbanda – Suas Origens, sua natureza e sua forma”. Oliveira (1941) destaca a importância de uma pessoa compreender sua natureza íntima, especialmente ao se pensar a Umbanda com tendências voltadas para a magia, coisa que acaba por denunciar sua origem. Comparando o ritual nos terreiros com os dos santuários antigos e templos de civilizações do passado, destaca a disciplina como condição dos fenômenos, sendo a finalidade da Linha de Umbanda estudar e praticar a magia. Afirma que a Umbanda é uma religião brasileira, mas que tem raízes africanas, mais especificamente no Egito Antigo, onde os sacerdotes acabaram se espalhando por todo o mundo por conta de invasões bárbaras, propagando as tradições iniciáticas e seus mistérios baseados nos princípios da teogonia egípcia. Destaca que as tradições orais africanas que foram trazidas pelos escravizados para o Brasil continham conhecimentos ancestrais egípcios, que puderam ser transmitidos pelo comércio desses escravizados.

Oliveira (1941) continua explicando sobre a magia, que segundo ele fora usada e abusada ao longo da história, chegando como consequência a visão negativa em que se encontrava. Entretanto, a magia seria algo inocente e divino em suas origens, e que a Umbanda se liga a essa magia por meio dos processos de iniciação de seus adeptos, possibilitando assim que haja um resgate através da investigação dos reinos astrais e humanos da antiguidade. Para tanto, o autoconhecimento é fundamental. A “Linha Branca da Umbanda” deve servir como doutrina capaz de auxiliar o homem a atingir a fraternidade humana e o conhecimento de si mesmo. Vale ressaltar que o termo “Linha Branca de Umbanda” se contrapunha a “Linha negra da Umbanda”, o que subentende-se que o branco estaria hierarquicamente em superioridade moral com relação ao negro, ou seja, um racismo cultural velado – ou culturalismo.

Seguindo as apresentações do dia 22, prossegue o sr. Eurico Lagden Moerbeck, outro representante da Tenda Espírita Fé e Humildade, delegado e presidente do congresso, com a tese de título “Banhos de descarga e defumadores”. Moerbeck (1941) aborda a dificuldade, mesmo de pessoas cultas, em compreender as práticas terapêuticas de banhos de descarga e defumadores com ervas na Lei de Umbanda. Para ele, estas não eram práticas novas, mas sim, datavam de tempos imemoriais, adotadas por povos cultos do passado, e que ainda eram praticadas por raças espiritualmente adiantas no tempo presente. Os banhos e defumadores

aromáticos não serviam apenas como tradição, mas também como princípios mágicos de higiene psíquica para afastar inimigos ocultos e tirar demônios dos corpos.

Para Moerbeck (1941), existiam entidades perturbadoras e malfazejas que depositavam fluídos maléficos nos organismos humanos, visando órgãos específicos, no intuito de gerar enfermidades, que além de sofrimentos prolongados também gerariam diagnósticos equivocados por parte da medicina terrena. A solução seria ir até a Lei de Umbanda, onde um guia espiritual atrairia os obsessores que estivessem seguindo essa pessoa e os encaminhariam para serem regenerados. Nesta proposta, o doente deveria tomar um banho de descarga para remover os demais fluídos e restabelecer sua saúde. A limpeza poderia ser feita no ambiente, por meio das defumações de ervas/resinas, ou na própria pessoa, por meio de banhos de ervas específicos. A ciência combateria os efeitos, enquanto o “Espiritismo” removeria as causas dos males orgânicos.

No dia 23 quem abriu as apresentações do congresso foi o prof. A. Brasilico, representante do “Diário Carioca” e o prof. Mirakoff, com a tese de título “Numerologia egípcia – modalidade mediúnica”. Brasilico e Mirakoff (1941) publicavam semanalmente no jornal, textos que buscavam compreender as causas e leis que regiam a humanidade. Neste artigo em questão, eles discutem a relação entre diferentes movimentos de busca pela verdade, entre eles o Espiritismo e a Numerologia, que apesar de diferentes, tinham em si a possibilidade de cooperação e reciprocidade. Tomaram como exemplo John D. Rockefeller, que recebeu o conselho de um amigo judeu de mudar sua assinatura, passando assim a ter grande sucesso financeiro e pessoal. Segundo os autores, parecia haver uma força desconhecida que dominava os seres humanos, sendo a bondade e a alegria os caminhos mais adequados a se seguir. A numerologia atribuía valores numéricos às letras nas palavras, sendo a influência dos números positiva ou negativa ao longo do tempo. A ciência oculta da numerologia Egípcia oferecia assim, um caminho de melhora, e poderia ser usada dentro do Espiritismo de Umbanda, segundo os autores, pois tal seria também uma modalidade mediúnica.

Após esta apresentação, seguiu-se no dia 23 o sr. Diamantino Coelho Fernandes novamente, delegado do congresso e representante da Tenda Espírita Mirim com a tese “O Espiritismo de Umbanda como Religião, Ciência e Filosofia”, onde discutiu a importância da Federação Espírita Brasileira e do movimento

espírita como um todo ao fornecer vasta bibliografia de cunho espiritual como base para todos os umbandistas. Destaca o autor Pietro Ubaldi e seu livro “A Grande Síntese”, que segundo Fernandes (1941), trazia conhecimentos fundamentais para o futuro da humanidade. Continuou enfatizando sobre a responsabilidade de todos os espíritas em preparar um ambiente moral para o terceiro milênio, onde o “super homem” pudesse vir a se realizar. Afirma que a religião de Umbanda não se considera dona exclusiva da Verdade, acolhendo o que é pertinente ao desenvolvimento espiritual de seus membros rumo a uma integração geral. Reconhece a importância de todas as outras religiões, desde que sejam praticadas com amor e sinceridade, despertando dentro de cada um de seus adeptos o sentimento de fraternidade. Toma como exemplo o aprendizado estudantil em que o aluno que completa o ensino fundamental deve seguir para o ensino médio para desenvolver sua capacidade intelectual.

Segue dizendo que as crianças nascidas neste século já teriam conhecimento dos princípios espirituais básicos, e que a responsabilidade dos ali presentes era de ajudá-las em seu aperfeiçoamento, coisa que poderia ser alcançada a partir da criação de escolas filosóficas na Umbanda, onde se ensinariam os princípios fundamentais do universo e nossa função no mesmo. Enfatiza neste ponto da apresentação que a Umbanda vai além da religião, sendo uma filosofia e uma ciência também, o que a tornava muito mais valiosa que posses materiais. O Espiritismo Umbandista, segundo Fernandes (1941), revelaria a sabedoria divina do universo, despertando o conhecimento de si como espírito consciente e responsável por seu destino, percebendo as similaridades entre o microcosmo e o macrocosmo, e seguindo o princípio ternário: pai(vida), filho(palavra) e espírito santo(luz), geometricamente representado pelo triângulo, sintetizando a filosofia do sentimento, pensamento e ação de modo coerente.

Em sequência, ainda no dia 23, tínhamos a apresentação do presidente da Tenda Espírita de São Jorge, dr. Antônio Barbosa com a tese “A medicina em face ao espiritismo”, que argumentou que os tratamentos médicos tradicionais podiam não ser o suficiente para se alcançar uma cura satisfatória, pois haviam muito mais coisas além do corpo físico envolvidas para uma saúde equilibrada. Barbosa (1941) atentou-se as questões de hereditariedade como fator de doenças mentais, defeitos físicos e traços herdados. Assim sendo, para que houvesse uma cura plena, seria necessária uma abordagem mais holística, incluindo atenção tanto ao corpo quanto

ao espírito do paciente. Discutiu a transformação dos indivíduos que se voltaram para o espiritismo e a variação de tempo de cada um para se alcançar uma vida tranquila, sempre de acordo com seu empenho pessoal em busca de purificação e aprendizado. Finalizou dizendo que algumas doenças tidas como mentais ou alucinatórias eram em realidade, questões morais e espirituais que deviam ser tratadas adequadamente em Tendas de Umbanda para que a desobsessão acontecesse corretamente.

No dia 24, a primeira apresentação do dia se dá pelo sr. Roberto Ruggiero, membro da Tenda Espírita Mirim, cuja tese tinha como título “Christo e seus auxiliares – evolução da religião – vida de Jesus – O mistério do Gólgota e o Sangue Purificador”. O conferencista descreveu a evolução da religião no decorrer do tempo, desde os tempos primitivos até os modernos, focando no papel do cristianismo que promoveu, segundo ele, um incentivo ao bem-estar coletivo e ao altruísmo. Ruggiero (1941) explicou que o medo e o terror foram utilizados a princípio nas religiões para controlar as pessoas, mas isso evoluiu com o decorrer do tempo, trazendo uma perspectiva de amizade com Deus e de recompensas divinas. Para ele, houveram três longos períodos evolutivos na humanidade, cuja consciência foi se despertando e que agora se fazia necessário desenvolver as faculdades latentes em nós para continuarmos corretamente. Tratou também dos significados ocultos da crucificação de Cristo, que se sacrificou para purificar a Terra de nossos erros e fraquezas, abrindo um caminho de iniciação rumo a uma vida superior àqueles que desejassem. Por fim explanou brevemente sobre as escolas iniciáticas e ocultas que foram inspiradas por este grande espírito no decorrer das eras, sendo a Umbanda também uma corrente espiritual elevada que seguia o “Plano Divino”. As entidades Espirituais da Umbanda seriam consideradas pelo autor como auxiliares de Cristo na purificação das pessoas na Terra.

Segue-se no dia 24 a apresentação do presidente da Tenda Espírita Humildade e Caridade, sr. Aoitin de Souza Almeida, com a tese “Cantados e riscados, no espiritismo de Umbanda”. Para Almeida (1941), havia na Umbanda uma prática de invocação de entidades espirituais por meio de vibrações sonoras – pontos cantados – mas que esta não era exclusiva, pois podia ser encontrada em outras religiões e sistemas filosóficos também. Cada tenda possuía um chefe espiritual que tinha seus pontos cantados, que serviam de convocação para as entidades espirituais e também auxiliavam na concentração dos próprios médiuns,

facilitando o processo de incorporação das entidades em seu corpo. Para o autor, quanto melhor fosse a concentração durante a cantoria dos pontos, melhores seriam os resultados dos trabalhos. E os pontos cantados também serviriam como poderosa proteção astral, convocando falanges para lidar com obsessores mais resistentes. Também alertou para o uso indevido dos pontos cantados, em locais impróprios, podendo acarretar consequências desagradáveis. Por se tratar de coisa sagrada, os pontos cantados deveriam ser respeitados e tratados com seriedade. Em seguida, Almeida (1941) menciona os “pontos riscados”, que nada mais seriam do que desenhos simbólicos que os espíritos incorporados traçavam durante o ritual de Umbanda, no intuito de proteger determinados locais ou atrair entidades elevadas para auxiliar em certos trabalhos.

Na apresentação seguinte do dia 24, tivemos o sr. Tavares Ferreira, da Tenda Espírita São Jorge, com o tema “Ocultismo através dos tempos”. Ferreira (1941) reconhecia a extensa sabedoria acumulada ao longo de milênios e afirmava que o ocultismo que se praticava no ocidente era na verdade o próprio Espiritismo de Umbanda. Tratava-se, segundo ele, de ocultismo, ou seja, um conjunto de sistemas filosóficos e artes misteriosas provenientes de conhecimentos secretos da antiguidade, que pela sua complexidade, os estudiosos necessitavam de auxílio de entidades imateriais. Abordou a meditação também como prática comum no oriente místico, capaz de levar ao êxtase e ao desvelamento de condições de existência superiores. Segundo ele, tais mistérios do oriente tratavam-se pois, de uma moral alicerçada na piedade para com todas as coisas. Citou Heráclito, Pitágoras, Platão, Krishna, Sócrates e Jesus como grandes iniciados nos mistérios, tendo desenvolvido suas consciências em função de um aperfeiçoamento humano bastante semelhante ao Espiritismo de Umbanda. Mesmo alguns desses tendo mortes excepcionais, conseguiram perpetuar suas verdades a grupos que consagraram suas ideias no decorrer das eras. Prosseguiu referindo-se aos mistérios do Egito e da doutrina teúrgica, como base de todas as religiões. Menciona Moisés, Cakia-Muni, Budha, Orpheu e também o poder e a influência dos atlantes e do antigo brahmanismo da Índia. Diz que as doutrinas de amor pregadas por Jesus, a exemplo, foram mal interpretadas, permitindo que ocorressem crimes em seu nome.

Ferreira (1941) continuou explicando sobre a sabedoria oculta transmitida pela Kabala Cristã ou pela tradição oral, que acabou sendo esquecida ou deturpada

com o passar do tempo, permanecendo apenas os seus preceitos éticos e morais. Citou Paulo de Tarso e enalteceu suas verdades partilhadas num círculo de adeptos em seu tempo. Para Ferreira, o estudo do ocultismo seria algo fundamental para todo homem que buscasse viver com dignidade. O espiritismo codificado por Allan Kardec permitiu que tais conhecimentos ocultos fossem democratizados com rapidez pelo mundo.

O congresso então tem um dia de intervalo, retornando no dia 26, com a apresentação do sr. Josué Mendes, presidente da Cabana de Pai Thomé do Senhor do Bonfim, com o tema “Introdução ao Estudo da Linha Branca de Umbanda”. Segundo Mendes (1941), para se tornar um sacerdote, um cientista ou um filósofo, se fazia necessário passar por um processo de aprendizado e aperfeiçoamento intelectual. Tal se dava justamente pelo fato destes serem guias para as almas em busca de Deus. Prosseguiu afirmando que se tornar um Sacerdote era muito mais importante do que cientista ou filósofo, pois ia além apenas da aquisição de conhecimentos, precisando engajar-se na causa de Jesus, trabalhando degrau a degrau suas próprias experiências. Discutiu a influência que nossos pensamentos tinham sobre as células do nosso corpo, sendo a fé em Deus grande atrativo de espíritos luminosos e protetores astrais, assim como de saúde e boas vibrações. O ser humano, segundo Mendes (1941), era como um foco de luz colorida, que os pensamentos influenciavam na variação. A noção da lei de conservação de energia que diz que “nada se perde, tudo se transforma”, podia ser aplicada também ao espírito humano e sua energia vibratória. O Karma seria proveniente de pensamentos, bons ou ruins, que advém de vidas passadas, e que cabe as pessoas em sua vida atual se preparar melhor, tendo condutas dignas e honestas, com pensamentos condizentes com esta postura. O autor fez um alerta sobre os pensamentos negativos, tais como a indecisão, o medo, a sensualidade, a timidez, a grosseria, a má-fé, a ambição, etc. Também trouxe a tona a importância de cuidar da matéria física, refletindo sua fé interior de maneira adequada. Prosseguiu dizendo sobre a mediunidade, que podia ser usada tanto para o bem quanto para o mal, de acordo com o desenvolvimento moral de cada um.

Ele dividiu os médiuns em uma hierarquia de regular (despertados de forma forçada e sem grandes habilidades), bom (espontâneos com desenvolvimento mental e espiritual em andamento) e ótimo (pessoas evoluídas com bons karmas, que praticam a caridade com sinceridade). Citou a mediunidade superior de São

Pedro, São Paulo, São Jorge, São Sebastião e Jesus. Em seguida ele adentrou nas ideias do processo de formação da Terra desde seu início, observando as eras e os períodos geológicos. Comentou que a constituição humana foi representada por um princípio ternário de corpo físico – natureza inferior, o carro – perispírito, ou corpo astral ou natureza intermediária, as rédeas – e corpo espiritual – mente ou inteligência, o cocheiro. Sugere que os fenômenos sobrenaturais podiam ser analisados a partir do astral humano. Mendes (1941) trouxe ainda sua percepção das sete linhas de Umbanda sob a seguinte configuração: 1º - Almas, 2º - Xangô, 3º - Ogum, 4º - Nhãssan, 5º - Euxoce, 6º - Yemanjá e 7º - Oxalá – sendo que cada qual teria uma força astrológica e signos correspondentes, tal como elementos associados. Prosseguiu na análise de Ogum e Euxoce.

O que se segue então, no relatório do congresso, são as indicações manifestadas no plenário, possivelmente após as apresentações, no último dia. Antônio Flora Nogueira (1941), a exemplo, não concordou com a afirmação de que a Umbanda era um sincretismo de todas as crenças universais, mas sim, afirmou que ela existia antes da existência das religiões e cultos organizados. Propôs a nomeação de uma comissão para a codificação de uma síntese doutrinária e ritualística da Umbanda, para que servisse de base organizacional para todos os umbandistas brasileiros. Já Joaquim Augusto Esteves (1941), sugeriu que os debates teóricos iniciados no Congresso não podiam parar, se fazendo necessário estudos semanais. Em seguida, temos o sr. João de Freitas (1941), que reclamou de a Umbanda ser vítima de céticos e incrédulos, propondo a Federação de Umbanda não fazer a distinção entre linhas brancas ou linhas pretas, mas sim, elaborar um ritual comum com a ajuda dos intelectuais engajados em tal intento. Em sequência se pronunciou Oscar Agapito Moreira (1941), defendendo os pontos cantados nos terreiros para fins de desenvolvimento mediúnico e concentração, conservação da mesa nas sessões de doutrinação, manutenção dos passes vibratórios coletivos, das águas fluidificadas e das preces faladas nas aberturas e encerramentos. Dando continuidade, manifestou-se Edgard Ismael da Silveira (1941) congratulando a Federação Espírita de Umbanda por seus esforços e comprometimento com os estudos da religião, sem partidarismos sectaristas. Também opinaria Alfredo Fayal (1941), pedindo pelo trabalho conjunto entre todos os irmãos para elevar o nome da Umbanda. Comentou sobre os banhos de descarga, alertando que apenas isso não seria o suficiente, precisando sempre de

uma reforma geral dos pensamentos e costumes, assim como a prática do amor, da humildade e caridade verdadeira. Amabelino (1941) critica a prática de alguns líderes chamarem “Linha Branca” ao invés de Lei de Umbanda e de Mesa, pois tal podia ser interpretado como menosprezo aos povos negros.

Por fim, o sr. Alfredo Antônio Rego (1941) pronunciou o discurso de encerramento do congresso no dia 26 de outubro de 1941, onde comentou sobre a responsabilidade e a dificuldade de tarefa tão complexa que foi organizar o 1º Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda. Ele destacou a harmonia e o grande valor dos trabalhos apresentados em todos os dias pelos congressistas, e que ainda não haviam chegado a uma conclusão, pois precisariam de mais tempo para ler e estudar todo o conteúdo apresentado. Fez menção as suas grandes expectativas de, a partir do congresso, que a Umbanda se espalhasse para todo o mundo.

As conclusões que se seguem, possivelmente vieram tempos depois. Não há data marcada nem autor específico, o que deduz-se que seja algo elaborado coletivamente pelos membros da comissão organizadora do congresso:

PRIMEIRA — O Espiritismo de Umbanda é uma das maiores correntes do pensamento humano existentes na terra há mais de cem séculos, cuja raiz provem das antigas religiões e filosofias da Índia, fonte e inspiração de todas as demais doutrinas religioso-filosóficas do Ocidente; SEGUNDA — Umbanda é palavra sanskrita, cuja significação em nosso idioma pode ser dada por qualquer dos seguintes conceitos: "Princípio Divino"; "Luz Irradiante"; "Fonte Permanente de Vida"; "Evolução Constante"; TERCEIRA — O Espiritismo de Umbanda é Religião, Ciência e Filosofia, segundo o grau evolutivo dos seus adeptos, estando sua prática assegurada pelo art. 122, I 4.º da Constituição Nacional de 10 de Novembro de 1937 e pelo art. 208 do Código Penal a entrar em vigor em 1.º de Janeiro de 1942, e bem assim o ritual que lhe é próprio, no mesmo nível de igualdade das demais religiões; QUARTA — Sua Doutrina baseia-se no princípio da reencarnação do espírito em vidas sucessivas na terra, como etapas necessárias à sua evolução planetária; QUINTA — Sua Filosofia consiste no reconhecimento do ser humano como partícula da Divindade, dela emanada límpida e pura, e nela finalmente reintegrada ao fim do necessário ciclo evolutivo, no mesmo estado de limpidez e pureza, conquistado pelo seu próprio esforço e vontade; SEXTA — O Espiritismo de Umbanda reconhece que todas as religiões são boas quando praticadas com sinceridade e amor, constituindo-se todas elas em raios do grande círculo universal, em cujo centro a Verdade reside — Deus; SÉTIMA — O reconhecimento de Jesus como Chefe Supremo do Espiritismo de Umbanda, a cujo serviço se encontram entidades altamente evoluídas, desempenhando funções de guias, instrutores e trabalhadores invisíveis, sob a forma de "caboclos" e "pretos velhos". (Anônimo, 1941, p.120)

Apesar da tentativa de uma conclusão delimitada de ideias, pode-se perceber que as opiniões debatidas no decorrer do congresso foram mais diversas do que tal se propõe. Houve certamente algumas concordâncias, mas também tinham discordâncias e ambiguidades muito evidentes. O preconceito racial e cultural velado, o culturalismo, foi bem presente na fala de alguns dos conferencistas. De modo geral, as tensões existentes no relatório se propagaram para as décadas seguintes, servindo de ponto de partida para inúmeras outras discussões que se dariam no *Jornal de Umbanda* e além.

1.3 CONTEXTO POLÍTICO E JORNALÍSTICO

A utilização de periódicos como fontes históricas têm mostrado um crescimento constante ao longo dos anos. Tal prática implica uma reflexão que transcende a simples análise fechada dos discursos contidos em suas páginas, demandando uma consideração do que permanece oculto. Isso remete a um contexto mais abrangente, englobando dimensões sociais, culturais, políticas e econômicas, as quais podem lançar luz sobre os interesses daqueles que contribuíram com os conteúdos veiculados ao periódico. É relevante também destacar que à medida que os regimes políticos e as circunstâncias econômicas, tanto em âmbito nacional quanto internacional sofrem mutações, as opiniões acerca de determinados temas modificam-se também. Este fenômeno é particularmente perceptível em periódicos que atravessam longos períodos temporais. Segundo Tânia de Luca:

Nesse sentido, a História não é “mestra da vida”, como queriam os historiadores do século XIX, pelo simples fato de cada geração inserir-se e ter à sua frente horizontes diversos. Tampouco ela “revela verdades para sempre estabelecidas”, pois, tanto quanto o presente, o passado também comporta múltiplas possibilidades, razão pela qual o discurso historiográfico é marcado pela mutabilidade, ou melhor, pela historicidade. E talvez esse seja o aspecto mais fascinante da pesquisa histórica, que sempre convida os seus praticantes a tomar em conta as interpretações produzidas por aqueles que os antecederam no tempo. (Luca, 2020, p.30)

É evidente que nenhuma forma de expressão escrita é capaz de capturar integralmente a complexidade da realidade, visto que esta se mostra intrinsecamente mais multifacetada do que os sistemas simbólicos da linguagem humana podem abarcar. Por isso é oportuno salientar que toda notícia constitui, em

última instância, uma ínfima representação fragmentada da realidade. A complementação da análise de um jornal com fontes adicionais de contextualização torna-se uma prerrogativa fundamental para uma compreensão mais abrangente, transcendendo, assim, os limites inerentes às próprias páginas do periódico. Segundo Eric Hobsbawn:

O ponto do qual os historiadores devem partir, por mais longe dele que possam chegar, é a distinção fundamental e, para eles, absolutamente central, entre fato comprovável e ficção, entre declarações históricas baseadas em evidências e sujeitas a evidenciação e aquelas que não o são. (Hobsbawn, 1998, p.8)

Ao longo de muito tempo os periódicos e jornais foram vistos pelos historiadores com certa antipatia, seja pelo fato de seus editores afirmarem manifestar a verdade pura dos fatos ou pela ausência de legitimidade política e burocrática para alicerçar suas páginas. Tais constatações obviamente causavam a sensação de que os jornais seriam meras distorções da realidade em função de interesses particulares, o que certamente gerou desconfiança por parte dos pesquisadores mais antigos que acreditavam na neutralidade das fontes. Segundo o historiador Rogério Lopes Pinheiro de Carvalho:

Tal postura estava relacionada a uma hierarquização das fontes históricas estabelecida pela historiografia do século XIX, que supostamente deveria valer-se de materiais marcados pela objetividade, neutralidade e credibilidade, algo que as fontes produzidas pela imprensa não poderiam oferecer, uma vez que se configuravam como registros fragmentados do real, marcados por um influxo de interesses, compromissos e paixões difíceis de delimitar pelo pesquisador. Essa visão começou a modificar-se em vista de toda uma discussão teórica e metodológica que criticava essa visão ingênua de que algumas fontes poderiam ser mais neutras e objetivas do que outras. (Carvalho, 2011, p.297)

Entretanto, segundo o historiador Rafael Saraiva Lapuente (2015), com a revolução documental que se deu na historiografia a partir da escola dos Annales, mais especificamente na terceira geração, após os anos 1970, os historiadores do Brasil passaram a considerar os jornais como fontes valiosas de pesquisa. Para tanto, se fez necessário que os pesquisadores da história analisassem criticamente o jornal, não se deixando convencer inocentemente pelo discurso da fonte, observando as narrativas nas páginas. Segundo Lapuente:

O pesquisador deve ter ciência de que um periódico, independente de seu perfil, está envolvido em um jogo de interesses, ora convergentes, ora conflitantes. O que está escrito nele nem sempre é um relato fidedigno, por ter por trás de sua reportagem, muitas vezes, defesa de um posicionamento político, de um poder econômico, de uma causa social, de um alcance a um público-alvo, etc., advindos das pressões de governantes, grupos financeiros, anunciantes, leitores, grupos políticos e sociais, muitas vezes de modo dissimulado, disfaçado (por isso também o cuidado com análises que foca exclusivamente nos editoriais para conhecer o posicionamento do periódico). (Lapuente, 2015, p.6)

Para a jornalista e historiadora Ana Paula Goulart Ribeiro (2003), o jornalismo no Brasil teve durante muito tempo uma forte ligação com a política e com a literatura, desempenhando assim um importante papel no reconhecimento social de seus escritores. Até os anos de 1940, a predominância era por uma narrativa que servia de porta-voz do próprio Estado ou de grupos políticos que financiavam debates com opiniões que no geral eram bastante agressivas e polêmicas. A partir da década de 1950, tal postura jornalística começou a mudar, adentrando no jogo de discursos as classes empresariais, objetivando uma proposta mais “informativa e imparcial” das notícias. Passou-se então a ser um gênero capaz de estabelecer “verdades”, consolidando-se como um “espelho da realidade”, descrevendo as situações sem maiores explicações ou comentários de opinião. Para Carvalho:

A historiografia geralmente aborda esse período como um momento de transição para a imprensa nacional, do caráter amador e ligado às facções políticas, portanto um jornal opinativo, característico de todo o século XIX, passa-se para um momento de profissionalização, ou seja, a atividade, torna-se antes de tudo um negócio, marcado pela modernização dos métodos de impressão, maiores tiragens, barateamento dos custos e uma melhor distribuição. (Carvalho, 2011, p.297)

Segundo Ribeiro (2003), os acontecimentos transcritos em notícias impessoais e padronizadas, modalidade inspirada pelos norte-americanos, substituiriam um formato de jornalismo de opinião derivado da França, mais literário. A demanda por rapidez da cidade grande, evidenciado no Rio de Janeiro de então, também facilitou a mudança dos textos rebuscados de outrora para escritos diretos e concisos das notícias. Segundo Carvalho:

Os jornais vão se constituir como uma fonte privilegiada para o estudo dos processos de urbanização. Muitos desses estudos procuram descortinar todo um complexo processo histórico pautado pela transição do trabalho escravo para o trabalho livre e assalariado, a modernização de vários aspectos da sociedade brasileira e a introdução de valores de um modo de vida burguês. (Carvalho, 2011, p.297)

De acordo com Ribeiro (2003), essa urgência atrelada a vida moderna também configurava os interesses e as dinâmicas sociais dos próprios patrocinadores. Para isso, várias técnicas redacionais precisaram ser reavaliadas, focando na “clareza, precisão, concisão, simplicidade, objetividade e imparcialidade” (Ribeiro, 2003, p.5). A organização estética das matérias também deixou a leitura mais agradável. A própria fotografia passou de mera ilustração para fonte de informação. Iniciou-se um processo de profissionalização no meio jornalístico. Mesmo com tudo isso, boa parte dos jornais era economicamente precário ainda, dependendo de favores para continuar existindo. De acordo com Ribeiro:

Apesar de se terem afirmado imperativos de gestão e de administração, estes ainda não eram suficientes para garantir a autonomia das empresas. Por isso, os jornais jamais deixaram de cumprir um papel nitidamente político. O apoio a determinados grupos que estavam no poder ou na oposição (dependendo da conjuntura) era essencial para garantir a sobrevivência de algumas empresas, fosse através de créditos, empréstimos, incentivos ou mesmo publicidade. (Ribeiro, 2003, p.10)

O Jornal de Umbanda parece ter em suas páginas as características de ambas as tendências, justamente por se encontrar em um período de transição de técnicas jornalísticas. Haveriam muitas matérias de opinião, trechos de livros, poesias, contos, mas também uma atenção especial as notícias referentes a União Umbandista e ao cenário da religiosidade geral pela perspectiva dos editores, mas buscando um ar de “profissionalismo”. Algumas de suas páginas eram dedicadas apenas a constatações objetivas de como, quando, com quem, onde e porque ocorreram os eventos e também sobre dados quantitativos referentes a organização do grupo, provavelmente como prestação de contas aos filiados. Havia também muitas referências a outros jornais da época, ocorrendo inclusive recortes de trechos específicos dentro das matérias, que em seguida eram opinadas pelos escritores.

Outro aspecto pode ser observado ao averiguar as condições pertinentes à elaboração de um jornal nesta época. Deduz-se que os editores possuíam ao menos certo capital financeiro e cultural para conseguirem pôr em prática, ao longo de mais de uma década, tal empreendimento jornalístico. O próprio capital social elevado também aparece de certa forma, quando um de seus membros diretores,

Jayme Madruga, é entrevistado por outro periódico, A Noite – jornal renomado da época, ao longo de 3 edições consecutivas. Alguém sem certo prestígio social não receberia tal destaque.

O periódico era financiado pela própria UEUB – União Espiritista de Umbanda do Brasil – que cobrava de seus afiliados uma mensalidade para participar, e em contra partida oferecia mensalmente o jornal como um retorno informativo do que se passava pelos terreiros irmanados nesta proposta, assim como conteúdo teórico sobre a religião de Umbanda. Muitas fotos de casamentos, aniversários e confraternizações variadas podem ser vistas pelas páginas, assim como trechos escritos com os nomes de aniversariantes do mês, falecimentos, saudação a novos afiliados, etc. Trata-se pois do estabelecimento de vínculos sociais muito pertinentes, visto que graças a urbanização, o distanciamento entre as pessoas nas cidades passou a imperar, modificando as relações de amizade e consideração como haviam no campo de outrora. Apesar disso, a proposta de modernização estava nas entrelinhas do status quo deste período, coisa que afetava a narrativa dos escritores. Segundo a historiadora Maria Emilia da Costa Prado:

A partir do fim da segunda guerra mundial a palavra de ordem na América Latina passou a ser mudança. Era preciso empreender as mudanças necessárias para que a região se desenvolvesse e o desenvolvimento só seria produzido pelo processo de industrialização. (...) A ideia de progresso que imperou desde os finais do século XIX, fora substituída pela de desenvolvimento. Na realidade, desde a crise de 1929 que os intelectuais não apenas no Brasil, mas, em toda a América Latina foram tomados pelo afã modernizador.” (Prado, p.19, 2008).

Para que se entenda de onde vem o nacionalismo e a ideia de modernização no Jornal de Umbanda, precisamos retornar algumas décadas antes, entre os anos 1920 e 1930, quando houveram profundas transformações na vida cultural e política no Brasil, enfatizada por Prado (2008), justamente pelo fato da intensificação do processo de industrialização nos grandes centros urbanos, São Paulo e Rio de Janeiro, rompendo pouco a pouco a predominância da vida rural e suas maneiras de interação tradicionais. Segundo o economista Marcio Pochmann:

A elite da longa sociedade agrária que tornou ilegal a escravidão, quando o trabalho forçado já era minoritário entre os ocupados no Brasil, foi a mesma que sustentou a passagem da monarquia para a República. O liberalismo comparável à força das transformações verificadas na Europa não vingou, uma vez que o domínio das oligarquias agrárias se manteve praticamente intacto com a descentralização política e administrativa da

República Velha, posto em prática pela política dos governadores. Contudo, a Grande Depressão de 1929 expôs os limites tanto do liberalismo em exercício numa sociedade de classes em expansão no país como a própria prevalência da sociedade agrária. O novo, a partir de então, passou a ser a recentralização da política e da administração governamental, com ênfase no projeto de sociedade urbana e industrial. (Pochmann, 2017, p.107)

O que ocorreria nas questões referentes aos jornais e suas técnicas nas décadas seguintes, ocorreu também de modo geral, em outras esferas da sociedade brasileira, décadas antes. Entre os intelectuais, uma preocupação a respeito da identidade cultural passou a ser ponto de debates. Segundo Prado:

Nesse sentido, um certo número de intelectuais voltava sua atenção para a valorização da experiência histórica e cultural norte-americana, concebendo-a como o modelo a ser seguido pelo Brasil para o ingresso definitivo no mundo moderno. Havia, porém, os que permaneciam fiéis ao modelo europeu como meio capaz de propiciar a eliminação dos resíduos coloniais, vistos como responsáveis pelo atraso político, cultural e econômico do Brasil nessas primeiras décadas do século XX. E por fim, a corrente dos que defendiam a particularidade da sociedade brasileira. (Prado, p.21, 2008)

O panorama era de que as coisas precisavam mudar para que o Estado Brasileiro pudesse construir e manter uma estrutura urbana e industrial capaz de concorrer economicamente com as potências da época. Para que isso ocorresse seria necessário romper com propostas coloniais e imperiais retrógradas, assim como com as práticas de coronelismo e clientelismo bastante tradicionais e vastamente vivenciadas até então em nossas terras. Para Prado:

O governo de Vargas representou um momento especial de transformação da estrutura política, econômica e social no Brasil. Adepto de um Estado forte e centralizado que pudesse funcionar como o propulsor das mudanças sociais que neste momento implicavam no estímulo ao processo de industrialização, única forma de superar o atraso do Brasil que vivia ainda dependente de uma economia agroexportadora. Por outro lado, somente a industrialização seria capaz de impor a presença do Estado a toda população brasileira enfraquecendo o peso dos poderes locais (localismo) na vida política nacional. (Prado, p.22, 2008)

A lógica urbano-industrial foi então lentamente introduzida no Brasil. O populismo e o enfoque no trabalho foram os carros chefes dentro das políticas, fossem elas democráticas ou autoritárias. Pouco a pouco, para Prado (2008), esse processo de urbanização foi se acelerando, chegando ao ponto de ficar desordenado. Aí surgiram as favelas e boa parte das irregularidades sociais que

ocorrem por conta da falta de estrutura nas cidades para comportar tantas pessoas.

Segundo Prado:

Ao final do segundo governo Vargas e no momento de seu suicídio em 1954, o Brasil era regido por uma constituição liberal, eleições livres, liberdade de imprensa e valorização do poder legislativo. É bem verdade que as liberdades políticas se encontravam ainda bastante limitadas no tocante ao sindicalismo e as organizações de esquerda. O Partido Comunista Brasileiro, por exemplo, foi posto na clandestinidade desde 1948. Isto não impediu, no entanto, que seus integrantes continuassem na cena política mediante ligações com outros partidos. No interior deste quadro ocorreu a campanha de JK à presidência da república. (Prado, p.22, 2008)

O presidente seguinte, que promoveria mudanças significativas seria Juscelino Kubitschek (1956-1961), que com uma proposta de acelerar esse desenvolvimento necessário para a modernização, emplacou em sua campanha o lema “cinquenta anos em cinco”, o que lhe rendeu a vitória nas eleições de 1955.

Para Prado:

Estabelecendo a tolerância política, JK procurou concentrar seus esforços. Juscelino adicionava ao desenvolvimentismo a ótica do otimismo e da tolerância política. Ao longo do seu governo JK cuidou de manter em alta o prestígio do legislativo, domesticou os descontentamentos dos militares e procurou maximizar os recursos existentes no país. A política econômica de JK pode contar com uma base de apoio significativa, que incluía empresários, trabalhadores e militares. Apesar disso, havia setores fortemente opositores a esta política e eles se encontravam em alguns organismos internacionais e nos setores internos que não se identificavam com a proposta de desenvolvimento industrial para o Brasil. (Prado, p.23, 2008)

Mas de que modo esse contexto político afetou o Jornal de Umbanda? É obvio de se pensar que todos os escritores do periódico eram pessoas pertencentes ao seu tempo, ou seja, tais questões de ordem econômica e política os afetavam direta e indiretamente em seu dia a dia, fomentando tendências de pensamento e reflexões condizentes com as preocupações gerais do período e de suas respectivas classes sociais. As ideias que circulavam para além da religião influenciavam seus próprios discursos, uma vez que na busca por uma legitimação não seria adequado, por exemplo, fazer apoio declaradamente contrário ao governo e as propostas de Estado instituídas. Segundo Pochmann:

A crescente tensão nos meios urbanos e rural passou a ter força organizativa de interesses culturais, sociais, econômicos e políticos. Nas

idades, sobretudo naquelas que passaram a concentrar uma massa crescente de trabalhadores industriais e de serviços, o tema das condições de vida e trabalho constituiu parte importante da nova agenda dos sindicatos oficialmente reconhecidos e partidos políticos de natureza ideológica após 1945. (Pochmann, 2017, p.111)

Desde a participação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial, os ideais democráticos passaram a ser difundidos, e os Estados Unidos tornaram-se grande referência de como ser uma nação democrática por todo o mundo. Assim, Juscelino Kubitschek implementava seu plano de “50 anos em 5”, agitando a cultura estabelecida, que de modo geral, era conservadora. Segundo Boris Fausto:

Em comparação com o governo Vargas e os meses que se seguiram ao suicídio do presidente, os anos de JK podem ser considerados de estabilidade política. Mais do que isso, foram anos de otimismo, embalados por altos índices de crescimento econômico, pelo sonho realizado da construção de Brasília. Os “cinquenta anos em cinco” da propaganda oficial repercutiram em amplas camadas da população. (Fausto, p.422, 1995)

Contudo, toda essa alegria democrática duraria pouco. As últimas edições disponíveis do jornal encerram-se no ano de 1960. Não há notícias do porque de tal encerramento, entretanto, pode-se levantar a hipótese de que o embrião da ditadura militar já estava em gestação, tendo seu nascimento declarado em 1964.

CAPÍTULO 2

A IDENTIDADE UMBANDISTA

Observando o Jornal de Umbanda como um todo, pode-se constatar que o Espiritismo e o Catolicismo se faziam muito presentes nas matérias, mesmo que não de forma tradicional. Assuntos controvertidos e interpretações peculiares de trechos bíblicos, da vida de santos, das datas sagradas, releituras das obras de Allan Kardec e psicografias variadas povoaram o periódico do início ao fim. Havia também muitas críticas e respostas aos religiosos de outras denominações que colocavam a Umbanda como religião inferior, confusa ou diabólica. Segundo J. A. de Oliveira, em matéria do jornal, diz:

É tempo de desfazer a confusão! Espiritismo, Umbanda, Candomblé, Africanismo e Quimbanda – tudo isso com o nome de Centro ou Tenda Espírita, quando cada um é uma coisa distinta. - E vamos chamar a tudo isso de Espiritismo ou de Umbanda? Umbanda é caridade em ação – Uma corrente espiritualista de luz e verdade. Uma religião com seu ritual, liturgia, magia e espiritismo; onde se estuda e se faz escola. O Evangelho de Jesus é o roteiro para todos indistintamente. O Africanismo são práticas materializadas onde entra o mediunismo, os elementos da natureza são aí usados pelas entidades para trabalhos de defesa: o punhal, a pólvora, o cabrito, o frango preto, a galinha, pombos, etc., etc. Uniformes coloridos de acordo com a “linha”, “bamboleio” (danças), cânticos, instrumentos de música, etc., etc. O Candomblé segue mais ou menos os mesmos processos. E a Quimbanda é, no aspecto, mais ou menos Africanismo e o Candomblé, porém, com atuação diametralmente oposta. Serve-se das mesmas armas para ataque e defesa através de preços que variam de acordo com a natureza do trabalho e a bolsa do interessado. (Oliveira, 1953, p.2)

As diversas tendas, terreiros, centros e casas de Umbanda da época tendiam a carregar a denominação “espírita” em suas legendas, possivelmente na tentativa de absorver uma legitimidade já estabelecida por parte do kardecismo pelo Brasil desde o final do século XIX. Tanto o nome da *União Espiritista de Umbanda do Brasil – UEUB* – quanto o próprio *Jornal de Umbanda – Órgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda* atestam isso. Segundo José Alves de Oliveira, escritor do jornal:

A união faz a força, e é preciso que todos se unam em torno da **DISTINÇÃO DE UMBANDA** dentre as demais correntes espiritualistas. E essa distinção só se conseguirá com a inclusão do seu verdadeiro nome nas denominações das Casas que praticam a Umbanda. Dessa forma teremos cumprido com o nosso dever de justiça para com a Umbanda, e que por descuidos injustificáveis deixamos de o fazer até hoje, servindo-nos de

nomes outros que não definem a religião que praticamos. Pelo exposto, cabe também à União Espiritista de Umbanda, como Entidade, filiadora das instituições umbandistas, alterar a sua legenda, substituindo a atual denominação que a nosso ver, deverá ser esta – FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE UMBANDA, criando nos Estados as Uniões Estaduais, que por seu turno, serão filiadas, à dita Federação. (Oliveira, 1953, p.3)

Em contrapartida, haviam colunistas e leitores completamente contrários a estas delimitações, por mais que se colocassem como umbandistas também. Na edição seguinte, um colunista anônimo do jornal, intitulado apenas de “*umbandista – militante, praticante e leitor assíduo do Jornal de Umbanda*” escreveu:

Somos, simultaneamente, umbandista e espírita-cristão. Como tal, encaramos, compreendemos e praticamos a Umbanda como espiritismo cristão. E não encontramos, até hoje, quer na lógica, quer no bom-senso, quer ainda, nos extrato dos estudos das coisas do espiritismo através de sua vasta literatura, algo que nos convencesse da possibilidade de dissociar uma coisa da outra. (Anônimo, 1953, p.6)

Em seguida, na mesma edição, o próprio diretor do jornal, Jayme Madruga também se manifesta a respeito da polêmica levantada na edição passada, sobre a Umbanda ser Espiritismo ou não, demonstrando as premissas do Jornal de Umbanda na seguintes palavras:

A orientação de Jornal de Umbanda é pautada num princípio democrático e o autor do artigo é chefe de uma corrente de Umbanda e portanto está apto a escrever e ver publicada a sua colaboração, o que não impede a nossa crítica e a nossa contradita. (...) A indiferença é que não pode prevalecer nem é construtiva e podemos afirmar que o artigo em foco, se provocou reação e daí surgiram críticas e manifestações embora de desagrado, ainda assim valeu pelo interesse despertado, que por certo frutificará. (...) O que é imprescindível é lutar, é trabalhar pela Umbanda, é pugnar pela elucidação de todos os adeptos, sem intransigência, mas com perseverança, respeitando o ponto de vista de cada um para sermos também respeitados. (Madruga, 1953, p.8)

Tendo como pano de fundo essa disputa por uma classificação mais clara dos termos a servirem de identificação aos umbandistas de então, é possível de se pensar algumas questões pertinentes sobre a cultura e a identidade. Segundo Peter L. Berger (1985), a sociedade é algo dialético, um fenômeno produzido pelos seres humanos, tendo a cultura como a totalidade dessa produção. E isso se dá e se sustenta de maneira coletiva, “objetificando” um mundo onde podemos habitar com algum sentido. A absorção ou “interiorização” destas convenções preestabelecidas e objetificadas nos garantem uma estrutura consciencial capaz de nos situar na

realidade. Mas um terceiro momento surge após a interiorização, que é a manifestação de nossas interpretações de mundo por meio da “exteriorização”. Desta forma, nestes três momentos, objetificação, interiorização e exteriorização, pode-se compreender como a realidade social é formada dialeticamente – tese, antítese e síntese. Em uma matéria apresentada na edição número 52 do ano de 1955, Celso Rosa expressou:

1 - Temos tido a infelicidade de ler em JORNAL DE UMBANDA, dizemos infelicidade, pois este jornal, eminentemente doutrinário de UMBANDA, ainda que não sectário, deveria ser mais severo quanto a matéria doutrinária, a fim de não prejudicar os objetivos que se propõem atingir, qual seja, o de difusão da UMBANDA, isto é, deve ser mais seletivo. 2 – Sempre ou quase sempre se publicam artigos doutrinários evidenciando o valor de outras Escolas religiosas e filosóficas, algumas vezes em detrimento da UMBANDA, esquecidos de que o jornal não se destina apenas a praticantes já conhecedores da Doutrina, mas, também, a neófitos, ao público; ora, se divulgamos princípios doutrinários de outras escolas filosóficas e religiosas, evidenciando-lhes os méritos, claro que, não só estamos relegando a UMBANDA a um plano inferior, como ainda fazendo o pior, criando confusões no espírito do neófito, do público laico. (Rosa, 1955, p.5)

O Jornal de Umbanda apresenta em suas páginas uma tentativa de objetificação de uma proposta espiritual e religiosa diferente das convencionais. A ideia é oferecer recursos culturais capazes de instruir e redefinir a ordem significativa das consciências umbandistas, coisa que para muitos pode ter sido vista com algo temeroso, uma vez que todo ataque ao que já está estabelecido causa sensação de terror e perigo segundo Berger (1985). Em praticamente todas as edições existem matérias referentes a críticas de outras pessoas de fora da religião, insultando a Umbanda das mais variadas formas. Tais críticas são rebatidas de maneira contundente nas matérias. Talvez o grande medo dos religiosos de outras denominações viesse de algo inconsciente chamado “anomia”, o perigo supremo da ausência de sentido que pode levar até mesmo a loucura e a morte. Segundo Berger:

Ir contra a ordem da sociedade como é legitimada religiosamente é, todavia, aliar-se às forças primevas da escuridão. Negar a realidade como foi socialmente definida é arriscar-se a precipitar-se na irrealidade, porque é quase impossível a longo prazo sobreviver sozinho e, sem o respaldo social, manter de pé as próprias contra-definições do mundo. (Berger, 1985, p.52)

Para além apenas de uma fundamentação teórica e cultural, o Jornal de Umbanda e a UEUB também oferecia aos seus filiados toda uma sociabilidade, que se dava através de ritos coletivos e confraternizações que são detalhados e registrados em todas as edições. O que para Berger (1985), seria uma busca por fortalecer o “nomos”. E em vários momentos é frisada a ideia de “união” entre todos os umbandistas, por mais distintas que sejam suas interpretações, focando em torno de alguns fundamentos básicos, tais como a ordenação das cerimônias das giras – reuniões espirituais de atendimento ao público – e a ética de caridade. Todo um modo de pensar bastante particular e eclético vai se objetificando no decorrer das edições do jornal. O constante questionamento de dogmas, os debates e a busca por um esclarecimento generalizado sobre a religiosidade vão perpassando os anos e gerando uma postura peculiar entre os próprios colonistas. Segundo um escritor do jornal, o J.A. de Oliveira:

O livre arbítrio é uma prerrogativa concedida em igualdade de condições a todos os indivíduos, razão pela qual nos assiste o direito de defendermos nosso ponto de vista, porque ele, representa o nosso esforço individual, através de longos trabalhos e de estudos, levando-nos até as práticas desse maravilhoso e respeitável fenômeno que se denomina Umbanda. (...) O Espiritismo e a Umbanda, duas Forças Vivas da espiritualidade agindo na terra, trabalham de mãos dadas para realizar o grande Concerto, como fora uma sinfonia de vibrações e sons, que há de harmonizar pretos e brancos a aproximar os filhos de Deus de todos os credos religiosos. (Oliveira, 1953, p.8)

Seguindo para a próxima edição, o debate a respeito de a Umbanda ser ou não Espiritismo continua. Outros colonistas se apresentam e colocam suas opiniões sobre este tema tão controverso. Para J. B. de Paula Fonseca Jr.:

Didaticamente, que se denominem Centros Espíritos, os que só pratiquem o kardecismo e Centros Umbandistas ou Centros Espiritistas de Umbanda, os que pratiquem a Umbanda, que não é atraso e ignorância, é espiritismo também e magia e ocultismo e hinduísmo e africanismo porque trabalha com espíritos “soi disent” pretos ou aborígenes. Todos nós, umbandistas de todos os graus, kardecistas e sobretudo cristãos, o que devemos é evangelizarmo-nos, antes de tudo e praticarmos a caridade sobretudo. O Alto é quem dirige de fato e por direito, a Umbanda e o Espiritismo. (Fonseca, 1953, p.3)

O conceito de identidade já foi debatido por vários pesquisadores das ciências humanas na tentativa de facilitar uma compreensão dos papéis dos indivíduos em sociedade. Dentro da perspectiva teórica de Stuart Hall, “A identidade

plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.” (2006, p.13). Assim, podemos deduzir que, nesta mesma linha de raciocínio, existam uma grande diversidade de identidades circulando há algum tempo pelo mundo num processo contínuo de transformação. Tais identidades caracterizariam visões e interpretações da realidade que sustentariam a objetividade e subjetividade – interiorização – daqueles a que integram, complementando-se e afastando-se umas das outras conforme suas particularidades. Para Peter Berger:

É possível resumir a formação dialética da identidade pela afirmação de que o indivíduo se torna aquilo que os outros o consideram quando tratam com ele. Pode-se acrescentar que o indivíduo se apropria do mundo em conversação com os outros e, além disso, que tanto a identidade como o mundo permanecem reais para ele enquanto ele continua a conversação. (Berger, 1985, p.19)

A busca pelo reconhecimento e legitimação fazem parte de todo processo social, uma vez que não somos capazes de viver completamente isolados. Mas, para que haja algo neste sentido, é preciso inventar-se em consonância com determinadas circunstâncias, recursos próprios de cada local/tempo e papéis possíveis de serem desempenhados. Segundo Berger:

Além disso, a sociedade não só contém um conjunto disponível de instituições e papéis mas um repertório de identidades dotadas do mesmo status de realidade objetiva. A sociedade confere ao indivíduo não só um conjunto de papéis, mas também uma identidade designada. (Berger, 1985, p.27)

Os “papéis” até então dados para os umbandistas não condiziam com a imagem que os intelectuais gostariam de expor, por isso, o Jornal de Umbanda serviu como um recurso de esclarecimento identitário também. Outro conceito importante é o referente a religião, que para Berger:

A religião é o empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmos sagrado. Ou, por outra, a religião é a cosmificação feita de maneira sagrada. Por sagrado entende-se aqui uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e todavia relacionado com ele, que acredita residirem certos objetos da experiência. (Berger, 1985, p.38)

Assim, há toda uma estrutura de saberes e tradições que vieram antes de nós, mas que se consolidaram na realidade por meio de instituições e práticas que

são passadas de geração a geração, e constroem algo que Berger chama de “nomos”. E a religião, ainda segundo Berger, representaria “o ponto máximo de auto-exteriorização do homem pela infusão, dos seus próprios sentidos sobre a realidade” (1985, p 41).

A noção de um nomos, ou seja, um conjunto de valores e significados comuns dentro de uma sociedade, garantem a segurança e estabilidade nas relações, coisa que pode encontrar-se ameaçada em determinados momentos. Tais perigos, Berger chama de “anomia”, ou seja, a terrível condição de viver a parte de sentidos e significações, um estado de existência que beira a loucura e a morte. Por isso, participar da cultura é uma condição humana essencial. E é válido aqui ressaltar, que a religião não é a única, contudo, foi e continua sendo uma preponderante fonte de consolidação de estabilidade ao nomos social como um todo. Identidade e religião sempre caminharam juntas. Só que desde o pós-guerra, mudanças ocorreram no que se refere aos padrões de identificação, que também se aplicam a religiosidade. Para Hall:

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado. (Hall, 2016, p.88)

O contexto brasileiro nos anos 1950 era de efervescência política. Num primeiro momento, tivemos o governo do presidente Getúlio Vargas e seu suicídio em 1954. Em seguida, houve Juscelino Kubitschek, que aplicou uma injeção de ânimo e positividade por todo o país. É neste cenário que surge o *Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda* no Rio de Janeiro, trazendo em suas páginas indícios dessas tramas que entrelaçam a realidade brasileira da época.

Desta forma, a Umbanda manteve desde o princípio suas portas abertas para as mais diferentes pessoas, de etnias e origens diversas, o que obviamente gerou uma interiorização bastante particular na subjetividade de seus membros, e conseqüentemente, na influência destes em seus meios sociais. Em contrapartida, a intolerância religiosa também se mostrou atuante. Segundo Prandi: “Ao contrário das religiões negras tradicionais que se constituíram como religiões de grupos

negros, a umbanda surge como religião universal, isto é, dirigida a todos.” (95/96, p.66). Para Artur Cesar Isaia:

Da violência simbólica perpetuada pelo catolicismo pré-conciliar à ‘guerra santa’ movida pelos neopentecostais de hoje, o que se vê é a persistência da afirmação de um projeto identitário totalmente antagônico com nossa formação histórica e com a realidade do Brasil hoje. (Isaia, 2009 p.98-99)

Segundo Berger (1985), a construção de um mundo social sempre se dá de maneira coletiva, assim sendo, a identidade se forma através da consideração que os outros têm pelo indivíduo, que por sua vez, por meio de uma conversação com os demais, vai modelando ativamente sua própria subjetividade em seu mundo. O que pode-se dizer:

Em outras palavras, viver num mundo social é viver uma vida ordenada e significativa. A Sociedade é a guardiã da ordem e do sentido não só objetivamente, nas suas estruturas institucionais, mas também subjetivamente, na sua estruturação da consciência individual. (Berger, 1985, p.34).

Para Hall (2006), toda aquela identificação e lealdade que numa época tradicional e pré-moderna se destinava a tribo, ao povo, a religião ou a região em que o indivíduo nascia, viriam a ser deslocadas para a cultura nacional na modernidade, que por sua vez, na pós-modernidade, se fragmentaria numa proliferação de escolhas identitárias que transcendem seu local de origem. Seria a Umbanda uma religião fruto da pós-modernidade? Na primeira edição do ano de 1960, nº96, em uma matéria intitulada *Recenseamento e os Umbandistas*, R. Almeida diz:

Agora, entretanto, se nos apresenta a oportunidade de sabermos através do IBGE, quantos umbandistas existem espalhados por todo o país. Mas, para que isto aconteça acertadamente, precisamos ser sinceros com a nossa consciência e acima de tudo com esta Divina Umbanda onde tudo buscamos e de onde esperamos sempre receber as graças dos Orixás. Ao responder o quesito sobre “Religião”, necessário se torna que cada um, - sem vacilações e sem covardia moral - escreva a palavra “Umbandista”! - Nada de “deísta”, “Cristão”, “Espiritualista” ou “Espírita”. Nada de tangentes para fugir à divulgação sincera daquilo que se é de fato na prática de um culto religioso. Hoje já se sabe quantos espíritas, quantos católicos, quantos protestantes, quantos budistas, quantos israelitas existem no Brasil. - Só não se sabe quantos umbandistas, por culpa exclusivamente daqueles que frequentam e que praticam a religião dos simples e que por vaidade ou falta de personalidade se escudam por detrás de outras religiões mais famosas a

que gozam de pompa e poder. Sejam sinceros conosco, num exame de consciência e sinceros com Oxalá! Escrevam sem temor “Umbandistas” e Saravá Umbanda! (Almeida, 1960, p.1)

Segundo Peter Burke (2010), as tradições, especialmente as religiosas neste caso, seriam como áreas culturais em contínua construção, que não estariam isoladas nem passariam impassíveis pela interação umas com as outras. Há forte presença do catolicismo no discurso dos pensadores do jornal e nas imagens com gravuras de santos com dia de comemoração e histórico, apesar de também haverem profundas críticas teológicas às interpretações bíblicas, a instituição igreja e aos seus sacerdotes. Assim como há referência aos Orixás do Candomblé e cultos nativos da África. Para Burke (2010, p.102) “Portanto, não se pode dizer que o Candomblé é ‘puro’ enquanto a Umbanda, por exemplo, é um híbrido”. Nenhuma religião é pura e insulada em si mesma. Todas as religiões são híbridas e construídas socialmente. Segundo Jessé Souza:

Como não somos abelhas nem formigas, mas um tipo de animal que interpreta a própria ação, toda a nossa atuação no mundo é influenciada, quer saibamos disso ou não, por ideias. São elas que nos fornecem o material que nos permite interpretar nossa própria vida e dar sentido a ela. Por conta disso, quem controla a produção as ideias dominantes controla o mundo. (...) No mundo moderno, a dominação de fato tem que ser legitimada cientificamente. Quem atribui prestígio hoje em dia a uma ideia é a ciência, assim como antes era a religião. (Souza, 2019, p.26)

O entrecruzamento entre ciência e religião tem seu ponto forte na doutrina Kardecista, que foi intensamente difundida pelo Brasil desde o fim do século XIX, entre as elites metropolitanas. O positivismo de August Comte, muito marcante na abordagem da “mesa branca”, outro nome para kardecismo, pode ser sentido também através do discurso dos intelectuais umbandistas no jornal. Há uma certa tentativa por parte dos editores em legitimar o saber umbandista como algo racional e científico, ou seja, “não primitivo” ou “inculto”. Neste ponto, entra-se na esfera do culturalismo. Para Jessé Souza:

Até a década de 1920, o racismo fenotípico baseado na cor da pele e nos traços fisionômicos era reconhecido como ciência tanto internacional quanto nacionalmente. (...) O culturalismo julgava ter vencido o paradigma racista e tê-lo superado por algo não só cientificamente superior, mas também moralmente melhor. (...) O culturalismo tornou-se uma espécie de “senso comum internacional” para a explicação das diferenças sociais e de desenvolvimento relativo no mundo inteiro. (Souza, 2019, p.16-17)

A partir de um “acúmulo” de capitais culturais, sob esta ótica culturalista, o preconceito seria mascarado. Ao invés de se julgar as pessoas apenas pela cor de sua pele, uma nova forma de intolerância passaria a ocorrer, agora a nível cultural, ou seja, referente a sua capacidade de articular conhecimentos e saberes “válidos”. Para Souza (2022), sob este paradigma, obviamente, a Europa e a América do Norte serviram de parâmetro de civilizações modelo com saberes científicos legítimos e influenciaram as ideias do mundo como um todo, continuando a colonização e imperialismo de forma mais sofisticada.

É válido ressaltar que o congresso ocorreu em um momento de consolidação da Era Vargas, onde havia uma preocupação legal em afastar a religião de Umbanda das práticas terapêuticas de curandeirismo associadas às matrizes africanas e indígenas (Simas, p.126, 2021). E para muitos Umbandistas tal legado “civilizatório”, que em outras palavras, buscava combater as “práticas de barbárie e selvageria” africanas/indígenas se fez ecoar pelas páginas do Jornal de Umbanda. Para alguns dos colunistas, tais práticas milenares advindas do oriente haviam sido absorvidas e maculadas pelos povos africanos, chegando no Brasil em forma de “magia negra” (Quimbanda, Candomblé ou Africanismo). Entretanto, não existiu um consenso a esse respeito, como podemos constatar no trecho do jornal escrito por W. Fonseca e M.V.B.Estrela:

Qual é a causa da deturpação da Umbanda? Não são os selvagens! Não há nada de novo sobre a terra! Os fatos se repetem constantemente. São, os ditos inteligentes e civilizados, vaidosos de si, que deturpam, por não quererem confessar sua ignorância no culto Umbandista e não poderem, devido a sua grande vaidade, procurar aprender o que diz o professor. O que se dá na Umbanda, se dá em qualquer ramo da vida humana, com qualquer tipo de povo. Aliás, a vaidade, é quase que exclusivamente, privilégio dos ignorantes, e, preguiçosos, para aprenderem as coisas da vida. Não são os selvagens, e, nem o foram em outras épocas que deram causa a estagnação ou a retrocesso da Umbanda ao caos, em tempos antiquíssimos, como nos fala Alcântara Machado, nem o foi também com a perseguição que sofreu a Umbanda na época da escravidão no Brasil, nem na época atual com a campanha que lhe movem. A história aí está, com as civilizações que caem e desaparecem pelo egoísmo e despotismos dos ditos inteligentes, que são explorados na sua vaidade e que de inteligência só tem o nome. E, esta vaidade, é que é o cancro de toda sociedade civilizada. (Fonseca, Estrela, 1959, p.6)

As demais nações, tidas como “inferiores culturalmente”, “subalternas” ou “pré-modernas”, caso em que o próprio Brasil se encontrava na época do jornal – e ainda se encontra – condiz com esse projeto de colonização dos saberes. A

violência simbólica e epistêmica projetada nas páginas do jornal faz referência ao paradigma social estabelecido da época. Em alguns trechos do jornal surgem pequenos vislumbres de transposição destas ideias culturais hegemônicas, contudo, tratam-se de discursos ainda escassos. Para Maldonado-torres:

O trabalho coletivo desses e de outros autores leva em consideração que, ao invés de conceber o colonialismo como algo que acontece na modernidade em conjunto com outros períodos históricos, é mais sensato afirmar que a modernidade por si só, como uma grande revolução imbricada com o paradigma da “descoberta”, tornou-se colonial desde seu nascedouro. Isso leva a uma mudança no modo de se referir à modernidade ocidental: de modernidade simplesmente, como oposto ao pré-moderno ou não moderno. É esse “além da modernidade”, em vez simplesmente independência, que torna-se o principal objetivo da decolonialidade. (Maldonado-torres, 2019, p.32)

A complexidade presente nas tensões dos discursos dentro do Jornal de Umbanda parecem apontar para uma tendência kardecista, o que de certa forma, afasta as raízes afro-ameríndias diretamente do escopo conceitual dos intelectuais de umbanda em questão. Para Reginaldo Prandi:

A umbanda que nasce retrabalha os elementos religiosos incorporados à cultura brasileira por um estamento negro que se dilui e se mistura no refazer das classes sociais, numa cidade que, capital federal, é branca, mesmo quando proletária; culturalmente européia; que valoriza a organização burocrática da qual vive boa parte da população residente; que premia o conhecimento pelo aprendizado escolar em detrimento da tradição oral; e que já aceitou o kardecismo como religião, pelo menos entre setores importantes fora da Igreja Católica. “Limpar” a religião nascente de seus elementos mais comprometidos com a tradição iniciática secreta e sacrificial é tomar por modelo o kardecismo, capaz de expressar ideais e valores da nova sociedade republicana, ali na sua capital. (Prandi, 95/96, p.69)

Há na edição número 97 de 1960 um interessante relato de Dalio Zappin, intitulado *Umbanda no Paraná*, que diz que:

Iniciado no Kardecismo, onde permaneço há mais de vinte anos, apesar de “judeu de nascimento”, diante da propaganda que se fazia contra a “Umbanda” resolvi estudá-la para melhor combatê-la. E, desse estudo, por largos anos, resultou-me a absoluta impossibilidade de criticá-la diante do seu valor inconteste, quer no terreno espiritual, quer no moral e material. Concluí que na “UMBANDA” se podem alcançar muitas coisas, tão úteis e necessárias, que quase nos são vedadas ou impossíveis de realizar no Kardecismo. Exemplo: o desenvolvimento do médium (cavalo) e o desmanchamento da “magia”. (Zappin, 1960, p.1-6)

Uma vez que no kardecismo a “magia” é desconsiderada ou tida apenas como crendice, dentro da Umbanda, em muitos casos, tal perspectiva se mostrava misteriosamente presente. Prossegue Zappin:

Sobre “magia” nos ocorrem antigos pensamentos, que concluíam enfaticamente pela sua inexistência. Porém, como o correr do tempo, não só pensamos diferente, como estamos certos da sua existência e da influência maligna que tem exercido sobre os homens. Eramos dos que raciocinavam que o indivíduo sendo “bom”, nada de mal lhe poderiam fazer. Hoje, sabemos que tal assertiva é errada, tendo-se em conta que Jesus... nada deveria ter sofrido... considerando sua “bondade”, mas sabemos que o inverso lhe ocorreu. Isto nos dá a prova, que mesmo aos “bons” o “mal” pode ser lançado... e vingar! (Zappin, 1960, p.6)

Em alguns momentos, dentro do jornal, há narrativas que dizem contra a possibilidade de existir magia, em outros, colocam-na com algo real, tendendo para o mal. Esta ambiguidade de opiniões percorreu boa parte dos assuntos tratados no periódico. O cientificismo positivista herdado do kardecismo seguiu atuante.

2.1 SINCRETISMO

A cultura brasileira é composta por um complexo entrecruzamento de práticas e saberes, advindas das mais variadas regiões do mundo, mas que acabaram por conviver por séculos, dia após dia, numa relação de disputas e adaptações em nome da sobrevivência não apenas material, mas simbólica de seus povos. Os escravizados, negros ou indígenas, mesmo em condições sub-humanas, maltratados pelos colonizadores e até mesmo pelos colonizados, remando contra o apagamento de suas identidades e exclusão social, conseguiram resistir culturalmente, preservando suas tradições através de artifícios dissimulados que os teóricos vieram a chamar conceitualmente de sincretismo. Segundo Sérgio Ferretti:

Durante mais de um século, através de correntes teóricas diferentes, muita coisa foi escrita sobre o sincretismo. Alguns acham que se deve evitar falar em sincretismo. Outros falam em dessincretização, ou africanização e reafricanização, em relação às religiões de origens africanas no Brasil. Historiadores preocupados com as mentalidades e a vida cotidiana discutem esse problema, que antes era considerado específico da Antropologia. A trajetória do conceito permite visualizar disputas acadêmicas e políticas, que acompanham análises de nossa realidade. Sincretismo, cultura, identidade, etnicidade e outras categorias sociais complexas necessitam continuar a serem pensados e repensados, com a colaboração de diferentes ciências e correntes de pensamento. (Ferretti, p.6, 2008)

Tal conceito é bastante controverso nos vários campos de pensamento da religiosidade e da cultura, seja na história, na sociologia, na antropologia, na filosofia, entre outros, havendo em torno do mesmo grande dificuldade de compreensão ou até mesmo de concordância em seu significado. Neste sentido, será válido colocar algumas das perspectivas a respeito desta discussão, deixando para que cada um avalie segundo seus próprios critérios a pertinência ou não do referido conceito. Segundo Waldemar Valente:

O sincretismo se caracteriza fundamentalmente por uma intermistura de elementos culturais. Uma íntima inter fusão, uma verdadeira simbiose, em alguns casos, entre os componentes das culturas que se põem em contacto. Simbiose que dá em resultado uma fisionomia cultural nova, na qual se associam e se combinam, em maior ou menor proporção, as marcas características das culturas originárias. (Valente, 1955, p.42)

A realidade histórica que se dá como pano de fundo de toda a nossa nacionalidade brasileira é permeada de cristianismo, mais especificamente o católico, onde não há salvação fora da igreja. Tal influência advém dos colonizadores portugueses, que de modo geral, tinham grande lealdade para com a igreja e seus dogmas, colocando-a inclusive como religião oficial da nação na Constituição de 1824, como já foi constatado. Contudo, é visto que o próprio catolicismo popular também sofreu intervenções em suas bases por conta da presença dos povos originários nativos e dos negros escravizados, agregando práticas “não oficiais” de cultos, isso para não dizer das práticas culinárias, linguísticas, etc. A forte miscigenação étnica que se deu no Brasil, por mais violenta que tenha sido, auxiliou também neste processo. Segundo Waldemar Valente:

Foi, sem dúvida, Nina Rodrigues quem primeiro se interessou seriamente pelo fenômeno da inter fusão religiosa afro-brasileira. Assim, fala-nos várias vezes de *associações híbridas* e de *crenças mestiçadas*. Foi ele quem nos deu o primeiro estudo sério, num grande esforço de interpretação, da obra de aculturação em terras americanas. [...] Muito embora tenha sido ele quem, com muita felicidade, lhe tenha dado o nome de batismo. Tem-se a impressão de que a obra de sincretismo foi encarada apenas no que ela tem de mais superficial, isto é, no seu aspecto inicial de puro fenômeno de acomodação. (Valente, 1955, p.47-48)

Os negros escravizados traziam do continente africano muitas de suas tradições, entretanto, por serem estrategicamente misturados entre povos com

idiomas e cultos diferentes, no intuito de reduzir possíveis revoltas contra os colonizadores, tiveram que absorver a cultura lusitana como base de referência comum no período Colonial. Tudo isso não apagou suas lembranças da terra-mãe África, muito menos suas divindades e práticas religiosas, que foram sendo readaptadas a um novo contexto. Segundo Tito Lívio Cruz Romão:

Com o passar do tempo, os negros foram intensificando seu processo de assimilação cultural e, ao mesmo tempo, “se aproximando”, ainda que forçosamente, do catolicismo português. Para cultuarem seus deuses, aos poucos foram descobrindo que poderiam usar os nomes dos santos católicos para, em surdina, louvarem suas divindades ancestrais. (...) Em linhas gerais, pode-se perceber que a transmissão de conteúdos orais logrou gerar, no seio de uma intrincada babel linguístico-cultural e multirreligiosa, um amálgama de experiências, que compartilhava muitas semelhanças com um processo translatório: cada deidade africana era transferida – ou “traduzida” – sob a forma de um santo católico, enquanto contextos e objetos de diferentes culturas da África eram adaptados, digeridos, assumindo novas formas híbridas. (Romão, 2019, p.7)

A percepção de uma realidade multifacetada e complexa, desde os primórdios da colonização tem gerado diversos embates teóricos, o que deu origem as mais diferentes abordagens a este respeito. Para Ferretti:

em nossa sociedade, país que dizem ser mãe do sincretismo, a mistura cultural é um fenômeno central na religião, na cultura popular, como nas relações sociais, políticas e econômicas, embora não possamos discutir aqui todos estes aspectos. (Ferretti, 2014, p.24)

É possível de se pensar que a mistura ou a soma das distintas culturas possa resultar em algo maior do que a mera adição de suas partes, gerando algo novo, apesar de sua violência fundante. Segundo Ferretti:

A problemática do encontro e da mistura entre religiões e culturas está relacionada com as religiões de origens africanas, com o catolicismo popular, com o espiritismo, com as religiões da Nova Era, com os Pentecostais e com outras religiões, como também com as festas populares, como é muito evidente entre nós. (Ferretti, 2014, p.25)

No jornal nº 88 de abril de 1959, em sua última página, há uma matéria chamada de *Sincretismo*, onde os editores recortaram um longo trecho do livro *Umbanda e seus Cânticos* de João Severino Ramos, escrito em 1953. O que se segue é o seguinte:

O caldeamento das raças é o impulso irresistível que nos vai levando para a igualdade étnica. As invasões; as conquistas bélicas; as expedições, terrestres ou marítimas; o comércio; o tráfico de escravos, bem como outros fatores ponderáveis, o turismo inclusive, vem no transcurso das idades promovendo e forçando as cinco raças a um contato provincial. Em consequência, do caldeamento inevitável, apesar das diferenças de toda ordem, entre os vários tipos, referentes ao pigmento, à mentalidade, religião, usos e costumes, vai surgindo a raça mista, com caracteres instáveis, transitórios, indiciadores de fusões preliminares. É este o caminho para a raça única. (apud Ramos, 1959, p.8)

Surge aqui uma proposta de “raça única”, onde a mistura étnica e cultural se daria como inevitável segundo o autor. Segue dizendo:

É preciso notar, entretanto, que não só os corpos se fundem. Também as civilizações mais dispareas se interpretam, preponderando, evidentemente as superiores. A História nos diz que por mais de uma vez, os povos conquistadores assimilaram a cultura dos vencidos. Foi o caso, por exemplo, de Roma com a Grécia, sendo a civilização helênica muito mais avançada. Ainda, neste imenso processo de elaboração, os usos e os costumes se entrosam, o mesmo acontecendo com os princípios religiosos, filosóficos e científicos. Um dia virá, portanto, em que haverá na terra um clima de fraternidade. Não mais serão os homens brancos, pretos, vermelhos, amarelos ou azeitonados. Constituirão a raça única. Também a civilização será uma e universal, dentro dela apenas cabendo uma só religião, uma justiça social equânime, deixando de existir os dois grandes partidos humanos de ricos e pobres, o primeiro minoritário; o segundo majoritário... A ciência terá avançado mais alguns passos e, dando a humanidade um viver fácil, de conforto, assentando as bases econômicas da sociedade no trabalho construtivo. Então haverá neste planeta, como previu Jesus há dois mil anos – “um só rebanho e um só pastor”. (apud Ramos, 1959, p.8)

Assim, o referido autor vai entrelaçando as perspectivas culturais, étnicas e raciais em um tipo de idealização onde todas as pessoas poderiam se dar bem e respeitarem-se umas as outras. Contudo, a violência sofrida pelos povos subjogados não foi ignorada por ele, que diz:

Um dos fatores desse processo evolutivo, por vezes árduo e penoso, foi, como dissemos, o tráfico de escravos. Por ele, grandes levas de negros foram deslocados do continente africano para todas as regiões do globo, onde foram assimilar outras civilizações, outras ideias, usos e costumes e para onde levaram também, para essa estranha permuta, o seu modo de viver, o seu braço forte, o seu sangue, o seu amor e, igualmente, a Umbanda, que lhes sustentaria os corações primitivos, nas horas de angústia que os aguardavam alhures. Os africanos trazidos para o Brasil pertenciam a dois grandes grupos: sudaneses e bantus. Os primeiros, originários da região do Níger, África Ocidental, vieram para a Bahia. Contavam-se, entre eles, as “nações” Nagô, Mina, Haussá, Tapa, Bornu, etc., tendo sido disseminados pelo litoral baiano e empregados na lavoura. Os bantus, provenientes da África do Sul, da Angola, do Congo e de Moçambique, foram deixados no Norte do país e no Rio de Janeiro. Entre

eles viam-se representantes das “nações” – Congo, Benguela, Angola, Moçambique, Macuá, etc., e sua distribuição foi feita entre os senhores de engenho e famílias abastadas, para tarefas agrícolas e outras de natureza diversa. (apud Ramos, 1959, p.8)

As diferentes nações vindas a força da África acabaram não apenas contribuindo com seu trabalho físico, mas também influenciaram a cultura de onde foram instalados no Brasil e no mundo, por conta de suas distintas maneiras de viver e interpretar a vida. Contudo, suas crenças e valores foram afetados também nesse processo. Segundo Ramos:

Em seu novo ambiente, os africanos entraram em contato com um meio inteiramente diverso daquele em que tinham vivido até então, começando de logo o processo de ajustagem às novas condições. Suas crenças foram grandemente afetadas. Frente ao catolicismo, ao espiritismo e à embrionária religião dos ameríndios, a Umbanda resultou no sincretismo afro-católico-ameríndio, o qual chegou aos nossos dias com as alterações decorrentes de sua evolução natural no tempo. Hoje a Umbanda, que até aqui só nos revelara o seu aspecto exotérico, de ação pura, orientada no sentido de um infatigável combate à magia negra, - caminha para uma nova fase em que, revelando-nos seu outro aspecto, o esotérico, ingressará no seu ciclo doutrinário, aliando a ação ao verbo. (apud Ramos, 1959, p.8)

Podemos assim considerar o sincretismo como algo marcante na cultura popular brasileira, vista a diversidade e os entrelaçamentos religiosos que criaram raízes tradicionais que expressam devoção de variadas populações no território. Por mais que o *Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda*, que circulou por todo o Brasil de 1949 até 1960, fosse gestado por intelectuais umbandistas do Rio de Janeiro, ainda capital do Brasil na época, muitas de suas matérias e narrativas carregavam profunda influência da cultura popular.

Servindo-se do jornal como instrumento de orientação geral a todos os filiados, muitos assuntos condizentes com a estruturação ritualística e doutrinária foram expostos em suas linhas. Artigos mais longos e complexos eram colocados por várias edições, seguindo uma mesma linha de raciocínio e acrescentando uma bagagem cultural aos seus leitores. O próprio conceito de “sincretismo” era utilizado pelos redatores do jornal, a exemplo temos o Dr. Hilário Correia que afirmava:

Pela sua própria formação histórica, e pelas circunstâncias que vem rodeando sua formação e evolução, UMBANDA é uma religião essencialmente eclética e sincrética. O sincretismo religioso deixou nela traços dos mais variados. Umbanda é produto da amalgama de numerosos cultos, em que predominaram vestígios das lendárias religiões iorubas, havendo profundas marcas de ritos gêge-nagôs, bantus, muçulmis (negros

de origem maometana; haussás e malés), tudo complicado com as incursões católicas, mais tarde as kardecistas e hoje protestantes. (Correia, p.1, 1960)

E também o senhor Jayme Madrugá refletiu sobre o sincretismo, na edição número 45 do ano de 1954, em matéria intitulada “*Umbanda*”, *religião brasileira*:

A religião de Umbanda tem suas fontes, tanto no cristianismo quanto no africanismo, sofre as inflexões normais de todos os credos religiosos dos elementos que concorrem para a formação da nacionalidade, portanto se a nacionalidade brasileira é uma realidade a respeito das origens de seus componentes, se resulta do caldeamento de raças, por que não reconhecer a realidade do mesmo fenômeno no campo religioso. Esse sincretismo religioso, bem pensado, nada mais é do que a inflexão que as religiões sofrem por influências locais, pois se Deus é sempre o mesmo, se a verdade é sempre a mesma, o sincretismo é mais uma apuração de arestas, ou uma conciliação, que bem pode ser levado a conta da evolução natural que tem a religião de sofrer para acompanhar a marcha espiritual do plano, ainda mais que ao Brasil está determinado um papel preponderante nas futuras civilizações, em que forçosamente se terá de incluir também a religião do futuro. (Madruga, 1954, p.1)

Além de todas estas contribuições espirituais, há ainda a religiosidade dos povos originários, que por meio de ervas, banhos, defumações e ritualística agregaram no arsenal de práticas umbandistas muitas de suas vivências. É possível de constatar tal por meios de imagens nas propagandas dentro do jornal, onde caboclos indígenas estão desenhados e associados a banhos e defumações, assim como no próprio nome de muitas tendas de Umbanda filiadas a UEUB. E para deixar as coisas ainda mais intrincadas, há a influência das magias herméticas europeias e também as interpretações das religiosidades orientais – hinduísmo, budismo, taoísmo, etc – adaptadas ao contexto espiritualista brasileiro. Na edição número 45 do ano de 1954, Heraldo Menezes escreve uma matéria intitulada *A Umbanda Pura e Panteísta*, que diz:

O pajé, sacerdote e curandeiro, chefiando o cerimonial, fazia o tuiupar (terreiro) ao sopé de uma árvore semelhante a palmeira, cujas ramas, em forma de leque, produziam magnífico recanto acolhedor. Esta árvore chama-se umbanda segundo nheegatu da língua tupi. Tais reuniões, eminentemente religiosas, à sombra dessa árvore sagrada, era a Umbanda dos nossos índios com a sua aruana mística e evocativa e que nós pseudocivilizados, corrompemos para Umbanda e aruanda. Os deuses do grande, belo e empolgante panteão aborígine são os mesmos deuses dos panteões helênicos, dos persas, dos romanos, e da lendária e misteriosa África que hoje cultuamos através do sincretismo forçado pelo caldeamento de raças. Pudéssemos nós, libertos do atavismo religioso estrangeiro, reunir um grupo de intelectuais e artistas consagrados para um movimento renovador da Umbanda pura e panteísta, com a sua liturgia, seu ritual, sua

mitologia, sua doutrina inspirada nos princípios de autêntica fraternidade, o Livro Sagrado da Umbanda seria o nosso código orientador com todos os atributos necessários para a espiritualização dos homens. A religião dos índios não difere das demais. O princípio de todas as religiões do Universo é o culto prestado às divindades. Portanto, não havendo discrepância, não é utópica a ideia. (...) Nauê Tupã! (Menezes, 1954, p.15)

Em suma, o sincretismo, o Jornal de Umbanda e a cultura popular carregam aproximações e afastamentos condizentes com o momento histórico e com toda uma imaginação coletiva bastante pertinente aos povos afro-ameríndios e seus descendentes.

2.2 A UMBANDA E A CULTURA POPULAR

E nesta toada, a cultura popular não se desvinculou do pensamento intelectual presente no periódico. A riqueza da diversidade cultural se mostra presente nas páginas, trazendo temas referentes a manifestações artísticas, culinárias, literárias, entre outras, mas todas ligadas de alguma forma com o foco do jornal. Há ali uma busca não só por uma identidade umbandista, mas também, uma identificação com as questões nacionais vigentes da época, que se construíram a partir de uma memória coletiva comum a todos os leitores. Para Gilmar Rocha:

A “cultura popular” tem merecido a atenção dos intelectuais ocidentais desde fins do século XVIII, momento em que a Europa viveu inúmeras e profundas transformações em todos os níveis da vida social. Desde então, a divisão cultural entre o erudito e o popular se estendeu a outros níveis da realidade social, por exemplo, entre o rural e o urbano, o oral e o escrito, o tradicional e o moderno. Frente ao processo civilizatório, imaginado como inelutável pelos defensores do Iluminismo e, por conseguinte, do Evolucionismo aplicado à sociedade, os valores e os costumes correspondentes ao mundo da cultura popular considerados ameaçados de desaparecimento passaram a merecer a defesa de inúmeros intelectuais que, em concorrência àqueles movimentos intelectuais, viram nas festas, na poesia, nos jogos, nas músicas e nas danças das classes subalternas, não só uma forma de resistência cultural, senão um sistema cultural de preservação do “*espírito do povo*” - base de muitos nacionalismos emergentes. (Rocha, 2009, p.218).

Para além dos templos e espaços sagrados, a religiosidade ou “espírito do povo” correu para as ruas e locais abertos na natureza, consagrando festas e comemorações das mais variadas por todo o território nacional. Segundo Ferretti:

As festas religiosas constituem componente importante das religiões populares, em que o sincretismo se encontra intimamente relacionado e pode ser visto como um paralelismo entre rituais de origens africanas, do

catolicismo popular e de outras procedências. Paralelismo entre ideias e valores que estão próximos, mas não se confundem. Este sincretismo religioso e cultural, às vezes, é denominado de hibridismo pelos que preferem este conceito. As grandes festas populares brasileiras como o carnaval, o bumba-meu-boi, a festa do Divino, as congadas e outras se caracterizam pela junção de elementos de procedências diversas. (Ferretti, 2014, p.26)

A Umbanda, apesar de ser uma religião fortemente ligada ao meio urbano, traz em sua matriz teológica, conexões profundas com os Orixás, que manifestam-se na natureza, mantendo assim certa ligação com a própria ruralidade em determinados rituais. Assim também, por se tratar de um jornal, a primeira vista, pode parecer que há uma predominância da palavra escrita, entretanto, parece ser de comum acordo entre os escritores no periódico que a vivência prática e a própria oralidade na passagem de ensinamentos se faz importantíssima também, demonstrada por inúmeras fotos de encontros e eventos entre os membros assinantes do jornal e conseqüentemente da União Espiritista de Umbanda do Brasil. E a tendência aos debates democráticos e a abertura as ideias contraditórias manifestadas no jornal demonstram um apelo moderno, contudo, há fortes influências tradicionais em alguns autores e suas narrativas.

A intelectualidade e a cultura popular são dois fenômenos complexos que refletem as dinâmicas sociais, históricas e cognitivas de uma sociedade. A intelectualidade muitas vezes é associada ao pensamento crítico, à educação formal e à produção de conhecimento especializado. Por outro lado, a cultura popular abrange as expressões culturais que são amplamente acessíveis, emergindo muitas vezes de tradições orais, práticas cotidianas e formas de entretenimento massivamente consumidas. Em contraste com a intelectualidade, a cultura popular é moldada por expressões culturais acessíveis à maioria da população. Isso inclui música, filmes, literatura de consumo rápido, tradições folclóricas e fenômenos de entretenimento que se disseminam amplamente. A cultura popular é muitas vezes efêmera, refletindo as preocupações e interesses imediatos da sociedade, sendo impulsionada por uma dinâmica de consumo rápido e acessibilidade generalizada.

Enquanto a intelectualidade contribui para o avanço do conhecimento em campos específicos, muitas vezes exigindo um acesso privilegiado à educação formal, a cultura popular exerce uma influência mais difundida, moldando as visões de mundo de uma ampla gama de pessoas. A cultura popular é um espelho imediato da sociedade em um determinado momento, enquanto a intelectualidade muitas

vezes busca transcender o imediato em busca de verdades mais duradouras. Em resumo, a distinção entre intelectualidade e cultura popular reside na profundidade do conhecimento, nos métodos de produção cultural e nas esferas de influência. Ambas desempenham papéis cruciais na dinâmica social, contribuindo para a riqueza da experiência humana de maneiras distintas. Reconhecer e compreender essas diferenças é fundamental para uma apreciação mais completa da diversidade cultural e intelectual em qualquer sociedade. A dinâmica entre intelectualidade e cultura popular nas páginas do jornal garantem uma percepção representacional considerável do tecido social naquele contexto.

Não podemos deixar de pensar também na complexidade de culturas que existiam na África, no Brasil no período da invasão e até mesmo entre os europeus. Segundo Flávia Pinto:

A África é um continente com 54 países. O povo iorubá é constituído por diversas etnias, distribuídas, a maior parte, na Nigéria, em Togo, no Benin, em Gana e em Serra Leoa. Comunicam-se em múltiplos dialetos iorubás, o que significa dizer que existem diferentes formas de se cultuar orixá e nossa ancestral africana, que vão muito além do que conhecemos no Brasil. Nas tradições indígenas, não é diferente. Atualmente, existem, aproximadamente, 255 etnias identificadas e cerca de 70 sem identificação, falando mais de 274 idiomas. Logo, existem várias possibilidades de se cultuar a ancestralidade indígena dentro dos terreiros. (Pinto, 2022, p.71)

Esses dados são da atualidade. Imaginemos como não era antes das invasões europeias. Muitas dessas variedades culturais, em algum nível, acabaram por influenciar nossa cultura no decorrer da história. A vastíssima gama de possibilidades e combinações vai ao infinito. Entretanto, nunca se pode esquecer de toda a violência cometida pelos invasores europeus para com os povos nativos daqui e da África. A dívida deles permanece em aberto.

2.3 AMEAÇAS AOS UMBANDISTAS

Na década de 1950 as duas maiores “ameaças externas” a comunidade Umbandista eram o catolicismo e o kardecismo, apesar da Umbanda apresentada no jornal carregar muitas influências de ambas, pelo que pode ser observado nos debates expressos no periódico. Para o colunista do periódico José Brigido:

Que observamos, no entanto, entre muitos daqueles que dizem depositário da verdade Cristã e se arrogam o monopólio de representação do Cristo entre os homens? Ausência de espírito fraterno – desfraternidade. A família cristã se constitui de vários ramos que não se conduzem, uns em relação aos demais, na conformidade do pensamento cristão. Fanatismo dogmático, intransigência sectarista, restrições violentas, muitas vezes acintosas da verdade, perseguições ostensivas ou dissimuladas, enfim, todo um cortejo de atitudes em conflito direto com as ideias de amor e tolerância consubstanciadas na Doutrina de Cristo. (...) Contudo, dentro do campo espírita já medram também, desgraçadamente, ervas daninhas. Há quem se sobreponha a simplicidade aconselhada na Doutrina para se supor vaidosamente detentor da verdade absoluta, de modo que, desejando que prevaleçam seus pontos de vista pessoais, esquecem a Palavra de Jesus, repudiando os sentimentos puros de fraternidade exemplificado pelo Mestre em sua curta passagem pela terra. (Brigido, 1953, p.3)

Uma terceira ameaça, porém interna, eram os próprios umbandistas que praticavam, segundo os autores, um “falso espiritismo”, cobrando por consultas, realizando maldades e também espetaculizando a religião de maneira pejorativa. A preocupação por manter uma conduta digna e coerente pode ser vista na seguinte passagem:

Esse programa levado ao ar pela Rádio Mauá encontrou na falta de escrúpulo dum sr. J. B. de Carvalho, que se denomina a si próprio o maior macumbeiro do Rádio, o apoio de que necessitava para fazerem falsas sessões espíritas, cantando “pontos” de nossa religião e provocando manifestações espirituais, que só podem ser duvidosas ou fruto de mistificação. Não podemos classificar de honesta uma apresentação de uma sessão de caráter espiritual em um palco, com entradas pagas e dentro de um programa de objetivo comercial, como é o denominado “HORA DO PINTO”. Ora, a nossa lei é dar de graça o que de graça recebemos, como harmonizar um ideal belíssimo com uma propaganda comercial? (...) Onde há interesse pecuniário, onde se trabalha por objetivos exibicionistas, onde não se procura praticar a verdadeira caridade, não há Umbanda. Pode quando muito ser Quimbanda, mistificação, baixo espiritismo, mas nunca Umbanda. (Anônimo, 1952, p.1)

Tal atitude de alguém intitulado umbandista, para os editores, maculava toda a religião, gerando comentários perniciosos e abrindo espaço para que aqueles contrários a religião, obtivessem argumentos para generalizar e depreciar toda a Umbanda como um grande espetáculo. E a repreensão para com o “maior macumbeiro da Rádio” não para por aí. Pelas edições seguintes, os colunistas continuarão expondo seu posicionamento contrário a este “exibicionismo descabido” e pedindo às autoridades que tomassem uma atitude frente a tal “desrespeito a lei”. Muitos casos são relatados, como os presentes em outros jornais e revistas inclusive, que publicavam calúnias sobre a religiosidade espiritista. Questiona Loureço Velho, um dos colunistas do jornal:

Diário do Rio no dia 5 do mês passado (fevereiro de 1952) sob o título saliente chama “ESPÍRITA INTELIGENTE” um falso espírita e falso médico que há certo tempo vinha explorando a credulidade pública, tomando dinheiro “em bruto” dos incautos. Porque não deu à notícia o título “MÉDICO INTELIGENTE”? (Velho, 1952, p.8)

Percebe-se que o autor vai em defesa mesmo não dizendo nada sobre Umbanda ou umbandistas, mas sim “espírita”. Deduz-se que o mesmo considerasse espiritismo e umbanda uma coisa só. Outra passagem que levanta interesse se dá mais adiante na mesma coluna:

O “Radical” nos dá uma notícia contristadora. Sob o título de VIDA DE ARTISTA publica a biografia de César Galvão, um jovem cantor, formado em odontologia, que diz ser devoto de São Jorge, crer profundamente no espiritismo, mas que vai todos os domingos na Igreja Católica. Não é possível. A igreja católica combate o espiritismo classifica-o de prática demoníaca, como harmonizar a fé espírita com a prática católica? Será que o artista não se confessa como manda a Santa Madre Igreja, ou será que oculta sua crença espírita ao praticar os sacramentos católicos? De qualquer forma é uma incongruência. Para não usar o lugar comum de acender uma vela a Deus e outra ao Diabo, porque no caso se nós temos “Exu” a propriedade do diabo é exclusivamente da Igreja Católica. (Velho, 1952, p.8)

Aqui o escritor observa a incoerência das atitudes do jovem em questão, que se contradiz teologicamente ao participar das duas religiões. Segue-se a preocupação dos periodistas referente as práticas de mistificação, que é o fingimento da mediunidade, que acabam chamando a atenção também de forma ruim para a religião:

Mais um caso de falsa medicina nos traz a “Tribuna da Imprensa”. Dessa vez eram feitas operações espíritas mas ficou apurado que as “extrações” apresentadas como se fossem órgãos dos pacientes, nada mais eram do que pedaços de tecidos de animais domésticos. Aqui fica nossa solidariedade à “Tribuna da Imprensa” pois não nos conformamos com essas torpes mistificações. (Velho, 1952, p.3)

Na edição de número 71, do mês de junho-agosto do ano de 1957, em matéria de capa intitulada *Estranha maneira de unir*, o senhor R. Almeida desabafa sobre uma nova dificuldade que estavam passando dentro da UEUB. Segundo ele:

De certo tempo para cá, entretanto, talvez porque se tenha mais acentuado o seu progresso a Umbanda passou a ter outras organizações congêneres À UEUB e que se fundaram nesta capital e em outros lugares do Estado do Rio, São Paulo e Rio Grande do Sul com o mesmo propósito, a mesma

finalidade e com o mesmo programa de unidade. Até aí está tudo muito bem e muito louvável. O que não podia, no entanto, continuar, era a luta que então começou a se esboçar entre tais organizações que se propunham unificar a Umbanda e que por falta de conhecimento e excesso de vaidade, descambava para o terreno da porfia. Cada qual achava-se no direito de ditar ordens aos centros e a considerar a sua congênere incapaz de realizar o ideal de irmandade e unificação de milhares de adeptos da Lei. Alegavam a impossibilidade de tal realização em face da multiplicidade de cultos, nações e rituais existentes dentro da própria constituição umbandista. Com o correr do tempo e graças ao esforço e clarividência dos mentores de tais organizações, após prolongados estudos e entendimento, pudesse encontrar uma solução honesta e capaz de patentear que de fato não havia outro propósito na existência de tantas associações, senão o de unificar a Umbanda, reunindo os chefes de tendas e centros – fosse qual fosse o seu culto – dentro de uma só entidade capaz de lhes garantir o livre exercício de seus cultos dentro da Constituição e com os mesmos direitos conferidos às demais religiões. (Almeida, 1957, p1)

No tocante a esta declaração, percebe-se que havia por parte do intelectual uma preocupação com a desunião que estas “uniões” estavam fazendo. Provavelmente encarando-se como concorrentes, tais federações e agrupamentos competiam pela “clientela” de tendas, centros e terreiros para se filiarem aos seus ideais. O crescimento da Umbanda resultou na criação de organizações com o propósito de unificar a prática religiosa em várias localidades. Contudo, uma disputa prejudicial surgiu entre essas organizações devido à falta de entendimento e ao excesso de vaidade. A contenda baseou-se na ideia de que apenas uma abordagem específica poderia alcançar a desejada unidade, desconsiderando a diversidade de práticas religiosas presentes na Umbanda. Continua Almeida:

E para terminar de uma vez por todas com as dissenções e incompreensões existentes foi criado o “Colegiado Espiritualista Cruzeiro do Sul”, do qual foram seus fundadores a União Espiritista de Umbanda do Brasil, com perto de trezentas tendas suas filiadas; a Confederação Espírita Umbandista, sob a direção do irmão Tancredo Silva; o Primado da Umbanda, sob a direção de Benjamim Gonçalves Figueiredo e a Ordem Mística Agla-Avid, dirigida pela irmã Madre Iarandasã, ao qual mais tarde filiarium-se a Associação dos Umbandistas e adeptos das seitas Afro-Índios do Brasil, só a orientação do irmão José Francisco de Paula e, ainda, a Federação Nacional das Sociedades Religiosas de Umbanda, dirigida por Jerônimo de Souza. (Almeida, 1957, p1)

Esforçando-se para sanar as divergências e acolhendo todos que assim desejavam participar da UEUB, havia também o encontro com forças dissidentes dentro da própria religião que propagaram suas propostas e dividiram ainda mais o meio Umbandista. Na busca de sanar tal resistência, criaram uma resposta organizada às divergências e mal-entendidos prevaletes no contexto

espiritualista. A criação do colegiado não apenas simbolizou uma tentativa de superar as divisões existentes, mas também destacou a relevância da cooperação interinstitucional, enriquecendo ainda mais a diversidade representada pelo colegiado. As diferentes lideranças e orientações presentes no *Colegiado Espiritualista Cruzeiro do Sul* sugere um esforço concentrado para unir diferentes perspectivas dentro do espectro umbandista. A presença de entidades sob a égide do colegiado, com direções distintas, aponta para a tentativa de criar uma plataforma abrangente que transcende as diferenças individuais em prol de objetivos comuns. Este desenvolvimento destaca a dinâmica complexa e multifacetada das comunidades espiritualistas, evidenciando a necessidade de análises aprofundadas para compreender os motivos subjacentes à formação de tais organizações. Além disso, a cooperação entre grupos aparentemente discrepantes levanta questões sobre o papel da unidade na diversidade e os desafios inerentes à gestão de divergências teológicas e práticas rituais. Segue Almeida:

Ao ajeitar os elementos para a concretização de tão alevantada ideia, ficaram de fora, como não podia deixar de ser, alguns membros que serviam de óbice a tal empreitada. Resolveram, então, estes elementos estabelecer confusão nas hostes umbandistas e passaram a criar novas organizações, embora inexpressivas, de âmbito local onde pudessem satisfazer as suas mórbidas vaidades de falsos crentes. Através de propaganda intensa junto a chefes de terreiros menos avisados vão tentando demonstrar a necessidade de novas Federações e Uniões entre os mesmos, sem se lembrarem, discutirem e debaterem os palpitantes assuntos que dizem respeito a Lei de Umbanda em nossa terra. Mas se não querem assim agir é por que a vaidade, a volúpia do mando, a ânsia de aparecer como “mestres” cega-os de tal forma que passam a destruir e a espalhar ao invés de unir; desmandam-se e desunem, confundem e exploram a fé dos crentes bem intencionados e logo depois desaparecem como por encanto. São os iconoclastas da Umbanda. Se são de fato sinceros batalhadores da unidade da Umbanda então venham formar ombro a ombro com este punhado de homens, de quem muito embora tenhamos de discordar em alguns pontos, mas que procuram acertar e conclamam os idealistas de boa vontade para virem formar com eles a grande cúpula da Umbanda no Brasil. Ninguém é dono daquilo que pertence a todos. (Almeida, 1957, p1)

A orientação advinda do referido escritor demonstra sua antipatia pela criação de novos agrupamentos de umbandistas, uma vez que tal atitude tiraria forças do movimento como um todo. Alega também que tais organizações não teriam tanta legitimidade, por falta justamente dos debates e trocas de ideias importantíssimas ao círculo de intelectuais umbandistas que se formara. A crítica se intensifica ao descrever a reação dos membros excluídos, que, ao invés de buscar a reconciliação

ou colaboração, optam por criar novas organizações locais. A linguagem utilizada, ao referir-se a esses membros como "falsos crentes" e caracterizá-los como movidos por "mórbidas vaidades", sugere uma avaliação moral desses indivíduos e aponta para a preocupação do autor com a integridade espiritual da comunidade. A expressão "iconoclastas da Umbanda" adiciona uma camada simbólica à crítica, implicando que esses membros excluídos estão agindo como destruidores de tradições ou valores fundamentais da Umbanda. A chamada à unidade e colaboração, especialmente ao apelar aos "idealistas de boa vontade," ressalta a importância de superar as divergências em prol de um objetivo comum e da preservação dos princípios essenciais da religião. A ênfase na importância do diálogo e da cooperação para o desenvolvimento harmonioso da Umbanda proporciona uma base para análises mais amplas sobre dinâmicas organizacionais, conflitos religiosos e a construção de identidade comunitária em contextos espirituais. Por fim, Almeida diz:

Cessem de criar "Uniões", "Congregações", "Confederações", "Federações", "Associações", etc e venham constituir a elite que há de nortear os rumos certos da Umbanda e tirá-la das mãos dos inescrupulosos e afastá-la da cobiça de improvisadores que se proliferam como cogumelos por essa terra afora com os seus balcões rotulados de Centros Umbandistas, onde a caridade tem preço e a Umbanda é depreciada. Discutam com os atuais mentores das organizações existentes, mas de viseira erguida. Exponham seus programas. Discordem de seus métodos de organização. Sugiram medidas capazes de acautelar os interesses umbandistas. Ponham em prática um programa realmente sincero como desejam e como sonham realizar, mas tudo dentro dos postulados cristãos da sinceridade e em meio de irmãos que já vem de longa jornada pugnando pela maior harmonia e compreensão entre aqueles que se dizem umbandistas. (Almeida, 1957, p1)

A ideia é afastar da prática religiosa das mãos daqueles que são considerados inescrupulosos e improvisadores que, segundo a narrativa, deturpam a essência da Umbanda em prol de interesses pessoais. A chamada para a prática de um programa sincero ressalta a importância de uma abordagem ética e alinhada aos princípios fundamentais da Umbanda. A ênfase na longa jornada de irmãos que buscaram harmonia e compreensão entre os praticantes da Umbanda sugere também uma continuidade histórica e uma aspiração por uma comunidade mais coesa. A abordagem crítica expressa a existência de debates internos dentro da comunidade umbandista em relação à autenticidade e integridade de suas práticas.

CAPÍTULO 3

AS DIFERENTES UMBANDAS

Em sua última edição disponível na Hemeroteca Digital Brasileira, nº 102-104, datando o os meses de outubro, novembro e dezembro do ano de 1960, temos uma longa explicação sobre a diferenciação das vertentes umbandistas conhecidas até então e descritas em uma matéria intitulada “*Desfazendo Confusões*”, por Sílvio Pereira Maciel, assessor espiritual da Diretoria da União Santamariense de Umbanda “Cavaleiros de Cristo” e diretor Espiritual do Templo de “Radiação Universal Oriental de Umbanda”. Segundo Maciel:

Existe no Brasil várias Ordens Espiritualistas de Umbanda, tais como: Umbanda de Orixá, Umbanda de Candomblé ou Umbanda Mista, Umbanda de Semiromba (Franciscanos), Umbanda de Lei ou Umbanda e Demanda e Umbanda de Fé ou de Tabla ou Mesa, sem sabermos como colocá-las num esquema explicativo, isto é, num esquema geral, didático, para fins de ensinamentos. Ora se existe diferenciações ritualísticas entre elas, é lógico e compreensível, que, cada uma deve ter, seu ensinamento adequado: essas diferenciações podem ser verificadas, nas descrições de cada Ordem, que a seguir faço. (Maciel, 1960, p.1)

Apesar da proposta do Jornal de Umbanda ser em seu princípio a unificação da religião em torno de uma doutrina comum, tendo ensinamentos e ritualísticas específicas e delimitadas, pode-se observar que no decorrer dos anos que as diferenças das fundamentações doutrinárias vão ganhando corpo para muito além da idealização dos periodistas inicialmente. Segue Maciel explicando as diferentes vertentes de Umbanda:

1) – Umbanda de Orixá, nome dado à Ordem de Nação (No Sul, ou Batuque) ou seja a todo Africanismo (Nagô, Gêge, Mina, Bantú, Omolocô, Angola, etc). Nessa Ordem não há incorporações de Caboclos, que os denominam de Eguns, ou Espíritos Hominiais, ha somente incorporação de Orixá ou Deva – Espírito da Natureza; os Orixás são assentos em Ocutás que são Pedras Marinhas, as quais são cultuadas com respeito, fé e lhes dispensam um especial cuidado, esses objetos são despachados quando o médium falece, nada ficando no Pegí, para que o Espíritos do Morto não seja perturbado, e, assim, cumprir a Lei do Pai, ou seja da evolução. Seu diretor espiritual chama-se Pai de Santo, se for homem, e, Mãe de Santo se for mulher. 2) Umbanda de Candomblé ou Mista, nessa Ordem os trabalhos são feitos com Orixá e Caboclo: é muito conhecida no Brasil cujos Babalaôs ou Diretores de trabalhos, tomam também, o nome de Pai de Santo, por serem feito, sem aprontamento de Cabeça com o mesmo ritual de Orixá. Tudo o mais que se refere a essa ordem, é feito como na Umbanda de Orixá. (Maciel, 1960, p.1)

Interessante de constatar que o referido autor inicie suas reflexões pelo viés mais africanista conhecido na época, descrevendo sua interpretação das Ordens em questão com razoável zelo. Ele continua:

3) Umbanda de Semiromba (Franciscanos), é a Ordem que muito se assemelha ao Catolicismo; é mista por se utilizar do mesmo ritual, usado para os Iniciados da Umbanda de Orixá; tendo Ocutás assentos; o seu Diretor toma o nome de Irmão Maior, o qual tem todos os apertamentos de cabeça. O Pegí é independente do Recinto da assistência; nele só pode penetrar quem tiver a permissão do Irmão Maior; seus cânticos e preces, na maioria são católicos; as incorporações são raras, com exceção do Chefe. (Maciel, 1960, p.1)

Apesar de ao longo de todo o jornal existirem várias demonstrações da influência católica e cristãs de modo geral nas escritas umbandistas, tal vertente parece ser a que mais caracteriza esse entrecruzamento. Hoje em dia, no ano de 2023, é bastante raro de se encontrar terreiros trabalhando sob esta perspectiva, assim como informações confiáveis a respeito são escassas. Segue Maciel:

4) Umbanda de Lei ou Umbanda e Demanda, cujos rituais são feitos com diversos materiais representativos menos com o holocausto de animais (sacrifícios); à seus Chefes ou Diretores Espirituais, dá-se o nome de Cacique; trabalham exclusivamente com Espíritos Protetores Hominiais, desencarnados, e, conhecedores da magia Transcendental, Pontos Cabalísticos, Pontos Cantados, estes com melodias e ritmos e harmonias genuinamente brasileiros. A eficiência dos trabalhos desta Ordem tem sido comprovada, em benefício da humanidade em todo o Brasil; seus Iniciados não se tornam escravos de seus Chefes materiais; podem acompanhar outro chefe, com o qual tenha vibrações afins. Depois de prontos, cada iniciados, será um Chefe de si próprio e de seus seguidores. O santuário e o Altar, são feitos de maneira a ficarem separados do público; os médiuns igualmente durante os trabalhos ficam isolados do público; nesse santuário o público pode penetrar para tomar passes e conforto de qualquer ordem. Durante as sessões denominadas de Caridade, são feitas doutrinação e em dias previamente escolhidos, são dadas aulas explicativas e experimentais, dos diferentes fenômenos, à seus Iniciados; quando o Cacique desencarna e no Terreiro, existe um médium pronto e que ainda não quis formar terreiro próprio, poderá utilizar-se, para isso, de todos os objetos do desencarnado, e desta maneira não são despachados. (Maciel, 1960, p.1-4)

Segundo a descrição de Maciel, esta vertente aparenta ter uma influência bastante incisiva do espiritismo kardecista, seguindo uma lógica de passes e aulas explicativas muito comuns nesta. O detalhe a respeito dos objetos deixados do líder espiritual como herança para o novo Cacique é algo bem peculiar também. Continua Maciel:

5) Umbanda de Fé, de Tabla ou de Mesa, na qual os médiuns não passam por rituais de magias. Sua apresentação ritualística é a mesma da Umbanda de Lei, principalmente, no Rio Grande do Sul; as diferenças são relativas às aberturas e encerramentos dos trabalhos. Nessa ordem podem os trabalhos serem feitos em Mesa ou Tabla para onde são feitos os transportes de Espíritos Sofredores que perturbam o consulente, e onde os são doutrinados, identicamente, como se faz no kardecismo. (...) É a mediunidade provocada pela Fé e persistência na doutrina, que torna o médium Diretor de trabalhos de Umbanda de Fé, para os quais não é exigido o aprontamento de cabeça. (...) Cálculos estatísticos aproximados, nos prova que 50% da Umbanda existente no Brasil é de Fé; é um sistema de trabalhos que tem aprovado e tido muita aceitação, visto os seus iniciados não terem de assumir responsabilidades com o Astral e com os rituais de magia. (...) Pode-se afirmar que esta Ordem é a mais avançada de todas; faz, também, doutrinação ao público, ensinamento do Evangelho do Divino Mestre; ministra aulas experimentais sobre a utilização de todos os materiais usados nos trabalhos, tais como Pemba, pólvora, chachaça, etc. (Maciel, 1960, p.4)

Aqui percebe-se qual das umbandas atrai mais o escritor. Afirmando ser esta última a mais avançada, confirmando a importância do Evangelho e esboçando o uso de alguns dos materiais durante os trabalhos, é possível de se constatar o sincretismo entre catolicismo, kardecismo e religiões afro-indígenas, sendo esta última bem mais “leve” que as anteriores. Importante também de se considerar é que o referido intelectual não reconhece como magia nada daquilo que é realizado nos rituais, característica bastante condizente com a visão kardecista, amparada em um cientificismo moderno. E Maciel encerra seu texto dizendo:

É um erro querer-se ajustar a toda Umbanda, uma orientação geral de trabalhos, porque cada Ordem tem rituais e vibrações diferentes. Mas, acima de tudo, deve existir um trabalho psicológico, para que unidas possa respeitar-se, os caracteres de cada uma. (...) Caros irmãos! Se continuarmos, separados pela vaidade, não nos unificando, a Umbanda deixa, aos poucos, de ser uma Religião, para ser apenas uma sociedade material, para distração de seus Iniciados e sócios. (Maciel, 1960, p.4)

Em uma matéria redigida em número anterior (100-101) do mesmo ano de 1960, os editores da revista levantaram a seguinte reflexão:

Muito embora não esteja generalizado esse sistema de trabalho, é muito comum ver-se em determinados Centros o emprego da mesa em meio ao terreiro com um corpo de médiuns – (médium de transporte, videntes, intuitivos, etc) trabalhando sistema de Kardec. É de notar que tem salutar importância esse ritual nos trabalhos de descarga com a atração de obsessores que, em muitos casos, são em tal quantidade e com tamanho atraso e relutância em ceder aos passes magnéticos dos caboclos que só mediante a corrente firme de pensamento dos médiuns em torno da mesa eles cedem, e dão-se a conhecer, exigindo recompensas pedindo preces, pedindo perdão ou ainda ameaçando, revelando seus propósitos de

vingança ou seu grau de parentesco com o consulente. Isto não quer dizer que esta descarga não pudesse ser feita no terreiro, no entanto é feita na mesa porque requer doutrinação dos que baixam e isto demoraria algum tempo e necessitaria uma equipe de médiuns descansados a fim de se poder realizar um trabalho perfeito de incorporação das falanges que perturbam os irmãos consulentes. Daí ser de grande importância para os trabalhos de descarga a conjugação de mesa e terreiro na lei de Umbanda. (Anônimo, 1960, p.7)

Parece que a influência do espiritismo kardecista foi profunda em uma grande parcela dos umbandistas de então. Apesar das diferenças, muitos “Centros Espiritistas de Umbanda” utilizaram-se como referência teórica a literatura kardecista de base, tais como *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865) e a *Gênese* (1868), todos escritos ou “codificados” por Allan Kardec. Diz-se codificação pelo fato de boa parte das obras terem sido psicografadas, ou seja, ditadas por espíritos desencarnados por meio de médiuns diversos, tendo assim Kardec feito a coleta e a organização destes relatos e transcrito em forma sistematizada de livros, para que qualquer pessoa interessada tivesse acesso a tais conhecimentos.

Em uma matéria escrita na edição número 62 do ano de 1956, o senhor Norman Rás, na página quatro, diz o seguinte:

BARBARIDADE é o que vem fazendo “pseudo umbandistas” lançando a confusão e conseqüentemente a descrença, sim, hoje em dia temos UMBANDA de todos os tipos e formas, com os mais esdrúxulos “rituais”. Procure ler certa reportagem feita por um vespertino carioca, a qual nos mostra “Tendas” e “tendas”; “Centros” e “centros”, onde os “Pretos-Velhos” e “Caboclos” são confundidos com “Mestres” das índias; casas onde há uma mescla grotesca de induísmo, esoterismo, teosofismo e espiritismo, a essa SALADA apelidam de UMBANDA; “mediuns”; “filhos” confundidos com “iluminados” ou simples “pitonisas”, “eleitos” e “eleitas” que conversam com o além, com olhares cândidos e “ingênuos” (?!). Essa UMBANDA, em nome de nossos Guias, Pretos-Velhos e Caboclos, eu repilo e contra ela lutarei até permitirem minhas forças e estou certo de que ao meu lado estão todos os umbandistas que amam a UMBANDA de nossos Pretos-Velhos, temos que repelir, em nome da humildade, da caridade e da Verdade, em nome, enfim, de nossos ORIXÁS, oriundos da África: OXALÁ, ZAMBI, XANGÔ, OGUM, OXÓSSI, OLORUM (...), e tantos outros, de nossos ORIXÁS AMERÍNDIOS: TUPÃ, etc. (Rás, 1956, p.4)

O texto expressa uma forte crítica em relação ao que o autor caracteriza como práticas deturpadas e confusas dentro do contexto da Umbanda, sugerindo uma visão negativa e condenatória em relação a esses praticantes. Destaca a distorção percebida nas funções e identidades dentro dessas práticas, evidenciando sua preocupação em preservar a autenticidade e a pureza das tradições africanas e

ameríndias incorporadas na Umbanda. Explorando questões de autenticidade, pluralidade de práticas e a luta pela preservação das tradições fundamentais da Umbanda, o referido autor prossegue:

O culto de UMBANDA, de o nome que se queira dar, façam o que quiserem, inventem rituais, imaginem mestres (?), é de origem AFRO, senão leiam (...) livros científicos e não fantasiosos, os quais permitem concluir que a origem da UMBANDA, com o seu sincretismo, tem sua origem na milenar ÁFRICA que não é um continente de povos incultos como pretendem fazer crer, não, se temos ali os pigmeus, temos os bantos, os haussas, e tantos outros povos de cultura, se não superior, mas não primitiva (...) O que vem ocorrendo no Brasil é simplesmente o seguinte: pretende-se excluir o negro do Culto de UMBANDA, ou melhor: negar-lhe o mérito de ter trazido até nós tão belo CULTO; o negro, no Brasil, sempre foi tido como servo, sempre foi escravo, como conceder-lhe, portanto, o mérito de ter criado alguma coisa?! Ontem, os negros serviram aos senhores brancos, fazendo crescer suas senzalas; tornando as Casas Grandes cada vez mais grandes; hoje, servem aos intrusos (?) fazendo-lhes crescer a cobiça, erroneamente denominados de "Centros de Umbanda". (Rás, 1956, p.4)

O autor utiliza uma abordagem enfática e argumentativa para sustentar a perspectiva de que a Umbanda tem raízes na África e enfatiza a diversidade cultural desse continente. A ênfase na leitura de "livros científicos e não fantasiosos" sugere um apelo à evidência documentada para sustentar a afirmação sobre a origem afro da Umbanda. Expressa descontentamento com o que percebe como uma tentativa de excluir ou negar o papel do negro na criação desse culto, destacando o histórico de servidão e escravidão que a comunidade negra enfrentou no Brasil. A análise do autor destaca a importância de reconhecer o papel dos povos africanos na formação e transmissão das tradições culturais, desafiando estereótipos e narrativas que marginalizam a contribuição negra.

Em edição anterior, de 1955, número 60, na primeira página, uma matéria escrita por Lourenço Velho intitulada *Ogum não é Egum*, diz o seguinte:

Como já tem sido esclarecido neste jornal por mais de uma vez, estão muito enganados os que pretendem dar uma filiação ortodoxa aos cultos africanos para a Religião de Umbanda. Sempre houve caldeamento de religiões, sempre houve sincretismo, embora aparentes na formação de novas religiões, mas cada religião no momento cíclico em que aparece, fica perfeitamente emancipada. É um fenômeno evolucionar, perfeitamente constatado pela história da humanidade. A origem de qualquer religião tem seus fundamentos na primeira e primitiva religião que surgiu com os primeiros habitantes nominais do planeta e aí já se vão talvez milhões de anos. À medida que as religiões dominantes se ia tornando obsoletas por força e por culpa de seus dirigentes, eram as mesmas substituídas por outras que os Mentores do Planeta inspiravam a fim de que a evolução planetária não sofresse hiatos ou soluções de continuidade. É lógico que as

raízes, os fundamentos, a base enfim, tinham de ser as mesmas, escoimadas entretanto das excrescências e deformações enxertadas pelos homens. (Velho, 1955, p.1)

O texto apresenta uma perspectiva crítica em relação à tentativa de atribuir uma filiação ortodoxa dos cultos africanos à Religião de Umbanda. O autor destaca a presença histórica do caldeamento de religiões e o sincretismo, reconhecendo esses fenômenos como parte do processo de formação de novas práticas religiosas. Ele argumenta que, embora haja influências e sincretismo na formação da Umbanda, cada religião, em seu momento cíclico de surgimento, torna-se emancipada e continua como um fenômeno evolucionar. A ideia de que as religiões dominantes se tornam obsoletas e são substituídas por outras, inspiradas pelos Mentores do Planeta, reflete uma concepção evolutiva da história religiosa. Há uma preocupação em garantir a pureza das raízes religiosas, ao mesmo tempo reconhecendo a evolução e adaptação necessárias ao longo do tempo. Prossegue dizendo:

Assim a Lei mosaica, assim o Cristianismo, assim o Catolicismo, todas tiveram a influência desses fenômenos historicamente exatos, todas foram buscar seus fundamentos nas religiões que as precederam e todas tiveram de sofrer a poda necessárias que as livrassem dos monstros que a vaidade e o interesse particular de seus sacerdotes tinham introduzido. Assim também os cultos africanos sofreram enxertos em sua própria origem, em seu habitat original e em seu transplante para o Brasil, pois a tradição oral é bastante deficiente. Portanto, a Religião de Umbanda, na qual, como já temos afirmado muita vez, não reconhecemos aquela filiação ortodoxa a que nos referimos linhas atrás, sofreu como não poderia deixar de ser a influência de todas as religiões preexistentes, mas já atingiu a idade adulta, está plenamente emancipada e não tem nem terá de se submeter aos sacerdotes de religiões africanas, europeias ou asiáticas. (Velho, 1955, p.1)

A analogia entre a evolução das religiões judaico-cristãs e os cultos africanos sugere uma abordagem evolutiva comum na história religiosa, onde cada tradição, ao longo do tempo, sofre influências e adaptações para se libertar de elementos distorcidos ou indesejáveis. A ênfase na emancipação da Religião de Umbanda destaca a maturidade alcançada por essa prática religiosa, sugerindo que ela não está mais sujeita à influência direta de sacerdotes de outras tradições. A menção à tradição oral deficiente nos cultos africanos e o reconhecimento da influência das religiões preexistentes ressaltam a complexidade do processo de formação e

adaptação das tradições religiosas ao longo do tempo e do espaço, destacando a interconexão e busca por autonomia na Umbanda. Prossegue afirmando que a Umbanda:

É a Religião Brasileira por excelência, para ser praticada pelos brasileiros, que não deixam de sê-lo, por serem fruto de um caldeamento de inúmeras raças. Seu culto, seu ritual, sua filosofia, sua mitologia, embora apresentem pontos de contato, pois a verdade é una, não estarão subordinados a qualquer injunção estranha, pois para tanto conta também com a orientação espiritual de seus Mentores Espirituais. (Velho, 1955, p.1)

Na edição número 59 de 1955, na primeira página também, o senhor J. Hélio expressa sua opinião em uma matéria intitulada *Intolerância*:

Entre os umbandistas, infelizmente, registramos um fenômeno, que sempre se repete onde existe o ser humano, a vaidade, a pretensão, o orgulho. (...) Ora, é natural que um indivíduo que comece a desvendar o véu dos conhecimentos de mais transcendência, de princípio se julgue um sábio, um portento, constituindo essa farsa a mais perigosa do caminho porque se não for sobrepujada provocará a estagnação, a qual poderá durar muito tempo para ser superada. É por isso que assistimos a certos elementos, que se mostravam promissores, de repente perderem o impulso e ficam qual peru cercado por um imaginário círculo e então nada mais realizam, passando a viver do passado e a cultuar um falso ídolo que nada mais é do que o seu egocentrismo cada vez mais desenvolvido. (...) São esses elementos responsáveis por muita bobagem que anda por aí com o título de Umbanda, seja "estilizada", "purificada", "verdadeira" ou com outros adjetivos que seria fastidioso enumerar. (Hélio, 1955, p.1)

A analogia do "peru cercado por um imaginário círculo" parece sugerir a ideia de uma autoimposta limitação, onde o indivíduo se fecha em torno de seu ego, vivendo do culto a si mesmo. Destaca que esses elementos contribuem para a disseminação de interpretações distorcidas da Umbanda em busca de reconhecimento e autoridade. A intolerância que o título expressa se daria de umbandista para umbandista. O autor prossegue:

Assim, quem não reza pela sua cartilha está errado, quem não se amolda a seus sistemas ou está mistificando ou prática animismo ou fetichismo. Entretanto, a Religião de Umbanda tem missão muito mais sublime. Os seus adeptos, egressos que são de outras religiões ou ritos, ora tem enraizadas influências africanas, ora muçulmanas, ora da lei mosaica, ora cristãs (catolicismo, protestantismo, etc.), ora induístas, ora ameríndios (indígenas). Então, dá-se o mesmo fenômeno que com as raças humanas e é mister absorver e afinar essas tendências que a princípio ficam aglutinadas e perturbando a verdadeira essência da Umbanda. É por isso

que vemos a formação de terreiros muito assemelhados aos candomblés, aos cultos bantus, omolocôs, etc., aos cultos indígenas, tendas cheias de santos católicos de mistura com entidades africanas ou caboclas, tendas sem nenhuma imagem, ou só com a imagem do Cristo, etc., etc. (Hélio, 1955, p.1)

Em uma edição de 1954, número 47, o senhor Jayme Madruga teceu comentários a respeito destas autointituladas autoridades, cujo o título da matéria foi *Falsos profetas ou oportunistas?* A reflexão que se segue é a seguinte:

De toda a parte surgem indivíduos que, pela sua vaidade desmedida, procuram arvorar-se em “papas” ou ditadores de sua concepção sobre a verdade: outras há que se arvoram em escritores, mas como “santo de casa não faz milagres”, intrometem-se nas religiões alheias para vir ditar regras ou fazer críticas, querendo impor-se com uma moral que não tem e uma sabedoria que inexistente. (Madruga, 1954, p.2)

Desta forma, haviam alguns umbandistas que queriam impor uma visão dogmática da religião, considerando como equivocadas ou desviantes as práticas que não seguissem estritamente suas diretrizes. A observação de terreiros que se assemelham a diversas tradições religiosas ilustra a adaptabilidade da Umbanda diante da diversidade de crenças de seus seguidores. O autor continua:

Diante dessa situação podemos em sã consciência afirmar que este, ou aquele, está errado, ou que todos estão errados? Podemos pretender subordinar todos indistintamente a um determinado sistema? E qual seria então esse sistema padrão? Se este, descontentaria aqueles, se aquele, a estes e nunca se chegaria a uma conclusão condizente com o princípio democrático que deve determinar as resoluções de seres pensantes ou conscientes, a não ser que fossem criados dogmas e castigos para os faltosos e então cairíamos em erro muito maior porque passaríamos a escravizar a mente humana, o que atualmente não há razão de ser. Então, o que devemos fazer? Deixar que esse marasmo nos envolva? Agir com violência? Não! Nada disso. Precisamos trabalhar pela persuasão, pela doutrina, pelo esclarecimento, pelo intercâmbio dos trabalhos de uns e outros para que se processe paulatinamente a afinação geral e, como acontece com as raças, com o tempo fique estabelecido e determinado um sistema padrão, que mesmo assim admita mais de uma variação. (Hélio, 1955, p.1-2)

A passagem reflete sobre a complexidade da diversidade de perspectivas e práticas, questionando a viabilidade de se rotular algo como correto ou errado em

um contexto pluralista. Ele argumenta contra a imposição de um sistema único, reconhecendo que qualquer escolha desagradaria a algum grupo e contrariaria os princípios democráticos que orientam decisões entre seres pensantes. A crítica se estende à ideia de impor dogmas e castigos, alertando para o perigo de escravizar a mente humana. Em vez disso, o autor propõe a busca pela persuasão, doutrinação, esclarecimento e intercâmbio de ideias como meios para promover uma afinação geral ao longo do tempo. A sugestão é trabalhar em direção a um sistema padrão, reconhecendo que tal sistema pode admitir variações, refletindo uma abordagem gradual e flexível para a busca de consenso em meio à diversidade de pensamento e prática. Prossegue o autor:

Mesmo porque essa pluralidade de formas facilita a absorção dos egressos, porque assim cada um poderá encontrar a modalidade que lhe sirva de traço de união e ponte. (...) Que cada um cumpra a sua parte, que cada um seja fraterno, honesto e sincero, que cada um se compenetre de que grandes são os Guias e os Protetores, enquanto que nós somos pequenos, bem pequenininhos, insignificantes mesmo. (...) A vida espiritual é um grande mistério e a Umbanda outro. É por isso que “os velhos” dizem que a Umbanda tem mironga. (Hélio, 1955, p.2)

Ele destaca a importância da pluralidade de formas na Umbanda, argumentando que essa diversidade facilita a integração de novos adeptos, permitindo que cada indivíduo encontre uma abordagem que ressoe com ele. A ênfase na fraternidade, honestidade e sinceridade como princípios essenciais sugere uma visão de cooperação e respeito mútuo dentro da comunidade umbandista. Coloca os praticantes em uma perspectiva humilde, reconhecendo a grandeza dos Guias e Protetores espirituais em comparação com a pequenez dos indivíduos. A alusão à vida espiritual como um grande mistério e à Umbanda como algo envolto em "mironga" ressalta a complexidade e a natureza enigmática da prática espiritual.

Ainda na edição número 59, na página três, temos um contraponto a esta discussão, que se dá pelo W.W.da Matta e Silva:

“Existe Magia na Lei de Umbanda: NÃO essa com marafa e dendê; NÃO essa de tuia, menga e galo preto”: a MAGIA que os Orixás, Guias e Protetores praticam na Umbanda, somente compreendida por seus Iniciados, escapa a visão comum dos intrometidos que querem se arvorar em seus mentores, porque traduz, “força sutis do Mundo Divino, dirigidas da Luz para o Bem”... (...) Assim, é que em relação a raça africana, o máximo que podem fazer, e é o que fizeram sobre seus Cultos, foi analisarem e descreverem suas “expressões religiosas exteriores, ou seja, exotéricas”.

Não encontraram a origem verdadeira nos farrapos de uma tradição esotérica disfarçada em lendas que ainda conservavam ou conservam, como herança, resto de sua antiga civilização e poderio. (...) Ilustre crítico, aceitai um sincero conselho: procure fazer como Allan Kardec que recompôs muitas Verdades por intermédio dos Espíritos... que, no seu caso, são os nossos iluminados Orixás. (Silva, 1955, p.3)

Essas afirmações podem ser interpretadas como uma tentativa de desqualificar a compreensão externa das tradições africanas, sugerindo que a verdadeira essência estaria oculta e seria acessível apenas aos iniciados na Umbanda com tendências kardecistas europeias. Além disso, a referência à raça africana pode ser interpretada como generalização e simplificação, o que contribuiu para estereótipos e preconceitos raciais. É importante destacar que o preconceito pode ser sutil e muitas vezes está relacionado a interpretações subjetivas. Na edição número 55-56 do mesmo ano, W.W.da Matta e Silva escreveu:

E a Umbanda não copiou seus VERDADEIROS FUNDAMENTOS de nenhuma (religião), mormente das ditas Africanas, pois entre os CABIRAS, povo de antiguidade inconcebível, ela já era praticada... Saibam todos que os vocábulos Xangô, Ogum, Oxoce, Iemanjá, etc., não são diretamente oriundos de línguas africanas, veem de UMA original, daquela que os próprios BRAHMAS DESCONHECIAM A ESSÊNCIA... (Silva, 1955, p.1)

O texto apresenta elementos de preconceito ao sugerir que a Umbanda não teria sido influenciada em seus verdadeiros fundamentos, como se houvesse uma superioridade implícita nessa afirmação. A negação da influência africana pode ser vista como uma tentativa de menosprezo as tradições africanas, sugerindo que a Umbanda seria mais autêntica ou valiosa por não ter supostamente se baseado nessas tradições. Além disso, a menção de que os termos utilizados na Umbanda não são diretamente oriundos de línguas africanas, mas sim de uma fonte original desconhecida, pode ser interpretada como uma maneira de distanciar a prática religiosa de suas raízes africanas, contribuindo para estereótipos e para a perpetuação de ideias preconcebidas e racistas sobre as culturas africanas. Na edição número 51 do ano de 1955, Jayme S. Madruga expõe o seguinte:

Umbanda sem magia seria simplesmente uma sessão espírita em que os espíritos que se manifestassem fossem Caboclos, Pretos-Velhos e

Africanos, o que teria de forçar uma alteração básica na forma de apresentação dessas falanges que não mais baixariam para fazer magia mas teria de vir somente para fazer doutrina. Teríamos assim um trabalho inócuo e inexpressivo, pois a massa sofredora tem de receber a doutrina indiretamente e ao mesmo tempo em que recebe a caridade. (Madruga, 1955, p.1)

A citação revela uma perspectiva crítica em relação à ideia de excluir a magia da Umbanda, destacando a importância dessa dimensão para a eficácia e a significância do trabalho religioso. O autor parece sugerir que a prática da magia não apenas desempenha um papel central na manifestação dos espíritos, mas também é crucial para o impacto positivo que a religião pode ter na vida daqueles que buscam conforto espiritual. Destaca a importância da compreensão da dinâmica entre esses elementos para uma análise mais aprofundada das crenças e práticas religiosas presentes na Umbanda. A justificativa reside na concepção de que a doutrina deve ser transmitida de forma indireta, simultaneamente à prática da caridade. Essa dualidade de propósitos é vista como essencial para que o trabalho desenvolvido na Umbanda atenda adequadamente às necessidades espirituais e sociais da comunidade.

No ano de 1954, em uma matéria no número 49, página 5, intitulada *Critiquem, mas com razão*, o diretor do jornal, senhor Jayme Madruga reproduz uma carta que recebeu anonimamente e em seguida, faz uma crítica severa a respeito de várias questões, dentre elas econômicas, sociais, etc. O escritor anônimo diz que em algum terreiro existente no subúrbio do Rio de Janeiro da época, todos os rituais eram cobrados dos médiuns, desde o momento de sua iniciação até o desenvolvimento, selecionando os médiuns de acordo com um nível social e financeiro, até mesmo para participarem da assistência. O que se segue é o seguinte:

Ao ser admitido um médium novo, para se desenvolver, terá que passar pelas seguintes fases: a) o “batismo” na Umbanda cujos preceitos importam de 100 a 200 cruzeiros que devem ser entregues intatos ao chefe do terreiro; b) durante o transcurso do desenvolvimento, de dois em dois meses mais ou menos, o médium terá que fazer “obrigações”; para tal, deverá entregar nas mãos do mesmo chefe de terreiro, quantias idênticas ao estabelecido para o “batismo”; c) Quando o médium atinge o grau de ser considerado um “passista”, isto é, já está em condições de receber o “guia” para prestar a caridade, terá de entregar ao referido chefe de terreiro uma importância que varia de 700 a 1200 cruzeiros para ser feita a sua “guia de

pescoço” e outras “obrigações”; d) Após ter sido graduado a “passista”, então passará de médium em desenvolvimento a médium em condições de prestar a caridade; e) Após outro período que varia de dois a três meses, continua fazendo “obrigações” que variam de 100 a 200 cruzeiros, quantia essa que deverá ser entregue nas mãos do chefe do terreiro; f) Logo após esses “progressos”, fará sua obrigação para subchefe do Terreiro, que será na seguinte base: por três anos: varia entre 500 a 1000 cruzeiros; g) “obrigações” para suplente de chefe de Terreiro: 4000 cruzeiros; Observei ainda: I – Ausência completa de contato com qualquer outro Centro ou Tenda de Umbanda, ou qualquer instituição espiritualista; II – Ausência de qualquer estudo dito Kardecista (pois na opinião desse chefe de Terreiro, não se pode misturar Umbanda com Kardec). (Anônimo, 1954, p.5)

Em resposta a esta carta, Madruga diz responde na mesma coluna:

O primeiro ponto a observar é tudo ali custar dinheiro, o que dentro da Religião de Umbanda aberra de todos os princípios, pois o nosso lema é dar de graça o que de graça recebemos. Isso de alegar que é para a compra de material é desculpa que não é possível aceitar porquanto numa tenda de Umbanda quando há necessidade de algum material, os Guias dão a lista ao interessado que vai ele mesmo adquiri-lo. Se as obrigações são feitas do modo descrito, ve-se logo que o objetivo não é outro senão o de fazer negócios, mesmo porque se o médium não tiver dinheiro nunca poderá progredir dentro de tal sistema. Sobre a observação de ausência de contato com os demais terreiros, esse proceder está de acordo com os objetivos daquela casa, pois não interessa que os médiuns peguem elementos para verificarem que estão sendo ludibriados. (Madruga, 1954, p.5)

A análise revela uma preocupação em relação às práticas financeiras e à falta de transparência em determinada instituição ligada à Religião de Umbanda. O autor destaca a incompatibilidade entre a exigência de pagamento por serviços e a essência da Umbanda, que preconiza a gratuidade na oferta espiritual. A referência ao lema "dar de graça o que de graça recebemos" realça a contradição percebida, questionando a integridade dos princípios religiosos envolvidos. A crítica se aprofunda ao abordar a suposta justificativa para os custos, relacionados à aquisição de materiais. Ele rejeita essa explicação, argumentando que, em tendas de Umbanda tradicionais, a responsabilidade pela obtenção de materiais necessários para as práticas é do próprio interessado, não envolvendo transações monetárias. A crítica à alegação de necessidade de dinheiro para progressão dentro do sistema destaca uma possível comercialização das práticas espirituais, comprometendo a autenticidade e acessibilidade da experiência religiosa.

Além disso, a análise ressalta a ausência de contato com outros terreiros, interpretando essa prática como estratégia da instituição para evitar que médiuns obtenham informações que possam questionar a legitimidade das práticas. Essa observação revela uma preocupação com a possível manipulação ou engano dos participantes, sugerindo que a instituição em questão possa ter motivações obscuras. Prossegue Madruga:

Sobre a seguinte observação, quanto a ausência absoluta de qualquer estudo da doutrina, não se justifica a alegação de não querer misturar Umbanda com Kardec. É preciso compreender que o médium de Umbanda tem obrigação de estudar a fim de adquirir a noção exata de seus deveres e da missão mediúnica de que é portador. Acabou-se o tempo de se envolver o médium de Umbanda na mais profunda ignorância, o que bem justificava o conceito de nossos detratores de que a Umbanda era baixo espiritismo, animismo, etc. Quanto a seleção de médiuns e assistentes em base econômico-financeira, dentro da Umbanda também é inadmissível, pois não podemos compreender uma religião que prega a igualdade e faz discriminações que não sejam as de caráter moral e espiritual. (Madruga, 1954, p.5)

A crítica aponta para uma mudança necessária na abordagem educacional umbandista, afirmando que o tempo de manter os médiuns na “mais profunda ignorância” deve ser superado. Ao mencionar a associação pejorativa anterior da Umbanda com "baixo-espiritismo" e "animismo", o autor expressa a preocupação com a necessidade de elevar o nível espiritual e intelectual dentro da prática da Umbanda. Isso sugere um desejo de distanciar a religião de estigmas históricos e promover uma compreensão mais profunda e respeitável de suas práticas.

Outro assunto debatido nas páginas do jornal é explanado em matéria do ano de 1954, edição número 47, intitulada *Animismo e Mistificação*, em que o senhor Jayme Madruga diz:

Ser espírita ou umbandista não significa necessariamente que se deva aceitar tudo como verdadeiro, mesmo que as aparências sugiram ou se trate de fenômenos que interessariam fossem verdadeiros. Onde não existem “Papas” nem dogmas de fé, o indivíduo tem o direito de pensar e analisar o que se lhe apresenta e então aceitar ou duvidar dentro da lógica e da experiência. Quando estamos diante de uma manifestação espiritual devemos e temos mesmo a obrigação de verificar se de fato há um Guia incorporado ou se trata de um simples fenômeno de animismo ou de histeria, ou ainda se estamos diante de uma manifestação falsa, a que se denomina de mistificação. O animismo nada mais é do que um fenômeno de auto-sugestão em que o médium pensa e se compenetra de estar

recebendo um Espírito e, no entanto, está trabalhando com seu próprio espírito em estado de excitação. (...) A histeria gera o animismo, mas é consequente de um estado mórbido da matéria, ou corpo físico, portanto exige tratamento de saúde. A manifestação falsa pode consistir em mistificação do espírito que se manifesta dando uma falsa identidade ou mistificação do médium, o qual finge e imita a manifestação verdadeira, caso que ocorre com indivíduos sem moral, que procuram explorar a credulidade pública com o objetivo de vaidade ou, pior ainda, para obter vantagens pecuniárias ou outras semelhantes. (Madruga, 1954, p.1)

O trecho aborda uma perspectiva crítica e cautelosa em relação às manifestações espirituais dentro do contexto espírita e umbandista, destacando a importância do discernimento e da análise por parte dos praticantes. A ênfase na inexistência de autoridade definitivas ou dogmas de fé nesses sistemas religiosos ressalta a liberdade individual de pensamento e reflexão. Isso sugere um apelo à racionalidade, lógica e experiência pessoal como critérios para a aceitação ou dúvida em relação às manifestações espirituais.

3.1 ÉTICA UMBANDISTA

Outra categoria de interesse dos colonistas se deu no incentivo aos leitores a uma atitude de humildade e simplicidade nas práticas e nos templos. Longe de buscar grandes ostentações ou a magnitude de outras denominações religiosas, os umbandistas orgulhavam-se de como conseguiam fazer com o pouco que tinham grandes auxílios ao próximo. De acordo com João Batista Rodrigues:

De fato, dentro de quatro simples paredes, que é a formação suficiente de um modesto templo, completamente diferente dos demais templos das outras religiões, se passam fatos que tão impressionantes, tão curiosos e profundamente humanos, numa realidade sem precedentes, que às vezes, tornam-se impossíveis de se acreditar; estes fatos a que me refiro com tanta segurança e convicção, são daqueles que repetidamente se sucedem com grande significação, dentro de um sagrado Terreiro, sem escândalos, sem câmeras fotográficas, sem a ajuda da imprensa, ou de um microfone pertencente a uma emissora, mas mesmo assim, com a ajuda exclusiva dos nossos queridos, bondosos e abençoados "Orixás", pois, sem a presença e proteção destes, a Umbanda talvez não existisse. (Rodrigues, 1953, p.3)

Mas humildade e simplicidade não significam ignorância ou miséria. A prática de uma atitude coerente e bem-intencionada, amparada em trabalho, estudos, pesquisas e aplicação do aprendizado é outro tema central nas edições. Os

umbandistas, as vezes também chamados de médiuns ou filhos de fé – quando participam de um terreiro – recebiam muitas orientações neste sentido. Segundo o diretor do jornal, dr. Jayme Madruga:

Os umbandistas, ou melhor os que querem ser de fato umbandistas, devem esforçar-se para estar à altura da religião de Umbanda. Devem procurar elevar-se de modo a que sua religião não se sinta diminuída por culpa de seus adeptos, porque a religião de Umbanda é sublime, muito mais mesmo do que se possa imaginar e não devem seus seguidores querer incorrer nos mesmos erros de nossos irmãos das outras religiões, que se deixam envolver pelos interesses materiais, pelas falsas glórias materiais, pelo poder temporal, pela aparência de mando e por um prato de lentilhas se esquecem de sua missão espiritual. (Madruga, 1954, p.1)

Desta forma, o médium umbandista deveria prestar atenção não apenas nas práticas ou nas cerimônias ritualísticas de seu terreiro, mas também, em suas atitudes e idoneidade para fora dos templos, onde carregaria a condição de umbandistas através do seu caráter e pelo exemplo. Continua Madruga:

Não pensem que fazendo obrigações ou preceitos é o bastante para o médium atingir a perfeição pois assim estaríamos descobrindo uma panaceia espiritual, uma espécie de passaporte para a espiritualidade; o que é imprescindível, o que urge, o que é o principal é a conduta moral e espiritual em todos os campos de atividade em que intervém o médium seja como médium seja como um ser dentro da coletividade humana e sem regeneração, sem aperfeiçoamento, sem coração e espírito de solidariedade e sem amor não é possível nenhum progresso espiritual, nenhuma evolução. (Madruga, 1954, p.1)

A busca de autoconhecimento, de desenvolvimento material, espiritual e moral é primeiramente do médium, mas tendo tanto os Orixás, as Entidades e os líderes religiosos como um apoio e referência sempre. Os caminhos podem ser abertos, mas quem precisa caminhar são os filhos de fé. Os rituais umbandistas desempenham um papel significativo na expressão ética da religião também, mas não é absoluto, como já foi dito. A participação ativa nos rituais, o respeito ao sagrado e a compreensão da espiritualidade como parte integrante da vida cotidiana são aspectos que contribuem para a formação de uma ética umbandista robusta. Para Jayme Madruga:

Está a União Espiritista de Umbanda instalando uma Escola-Modelo de Médiuns, através da qual serão criadas nas Tendas em que ainda não existem e para uniformizar as que já funcionam, de modo a que os médiuns recebam orientação doutrinária, moral e mediúnica, falta de que muito se ressentem a maioria dos médiuns. Ali não se pretende ensinar “padre nosso

ao vigário” nem ensinar as Entidades Espirituais a trabalhar, mas há muita necessidade de dar orientação a certos médiuns. (Madruga, 1953, p.1)

Esta necessidade de sistematização e institucionalização advém justamente dos referenciais cristãos a que os escritores possuíam em suas vivências. O kardecismo e o catolicismo seguiam uma lógica de escolarização, doutrinação e federações/centralizações nestes moldes, por exemplo. Para Almeida, escritor do jornal:

O crescimento da Umbanda é um fato incontestável hoje em dia. Tomando conta de um vasto número de crentes e de adeptos, vem causando um certo mau estar a outras seitas que veem nisso seu enfraquecimento em face da debandada de suas ovelhas para outros apriscos. Com tamanho desenvolvimento urgia a criação de uma entidade de âmbito nacional, que reunisse em seu sio os centros, tendas, cabanas e terreiros para dar-lhes apoio e orientação segura, resguardando a Umbanda dos ataques de seus detratores e evitar a exploração dos chefes de terreiros improvisados, sem o devido conhecimento da Lei. Assim, com esse propósito, foi fundada, em agosto de 1939, a União Espiritista de Umbanda do Brasil. Reuniu desde logo sob a bandeira, numa perfeita identificação de unidade, mais de duas dezenas de terreiros então existentes legalmente nesta capital, para logo se projetar em outros Estados da Federação, atraindo para sua órbita os centros de Umbanda de S. Paulo, Minas Gerais, Rio Grande só Sul, Maranhão, Paraná, etc. Estava concretizado o sonho de um grupo de batalhadores que queria ver a Umbanda elevada e organizada de moldes a não temer o esfacelamento de seus Centros pela falta de união e identificação de seus chefes. (Almeida, 1957, p.1)

O choque de culturas gerou uma gradual sobreposição de ideias e conceitos, num caminho recíproco de “bate e volta” de ideias. O lado africanista, preto, pobre, agrão, fundamentado em uma oralidade, em sacrifícios de animais e ritualísticas secretas, a seu tempo, encontravam uma forte resistência por parte desses intelectuais de classe média, uma vez que a caridade, proposta fundamental de boa parte do Jornal de Umbanda, precisava amparar toda sua ética mediúnica numa prática de não-violência e abnegação de ganhos pessoais. Segundo Jayme Madruga:

Consequentemente é preciso discernir entre a verdadeira e a falsa caridade. Uma é interesseira e portanto não é de maneira alguma caridade, a outra sim é desinteresseira, é fraterna, é de fato caridade que a esquerda dá e a direita não vê. Também é óbvio que a caridade não é e nem pode fazer o mal, mesmo indiretamente, pois a justiça é universal e não admite preferências. Finalmente, a responsabilidade do médium não se restringe a prática de mediunidade, a conduta do médium em sua vida particular se reflete na maior ou menor perfeição da manifestação. (Madruga, 1953, p.3)

O respeito pela natureza, a valorização da diversidade e a crença na interação direta com entidades espirituais são fundamentais para a compreensão ética na Umbanda. A conexão com Orixás, Guias Espirituais e os princípios da caridade e da solidariedade são preceitos essenciais. A ética umbandista preconiza uma série de princípios morais que orientam a vida dos praticantes. A honestidade, a compaixão, a justiça e o respeito são considerados pilares éticos que norteiam as relações interpessoais, promovendo a construção de uma comunidade coesa e harmônica. A prática da caridade é central na ética umbandista, refletindo a crença na responsabilidade social e na solidariedade. A assistência aos necessitados, o acolhimento de todos, independentemente de sua origem ou condição social, são ações que expressam a ética da generosidade e compaixão presentes na Umbanda.

3.2 PREOCUPAÇÕES POLÍTICAS

A preocupação com questões gerais para além da própria religião se mostraram vivas no jornal também. É o caso de uma matéria chamada *Alerta aos Umbandistas*, na edição nº88 de abril do ano de 1959, escrita por José Sylvio Navarro Leite, 1º Procurador da UEUB:

A Umbanda não deverá servir de degrau ou motivo para quaisquer ambições políticas. Embora ainda esteja longe a data para o próximo pleito eleitoral, nota-se que já começaram a aparecer os futuros candidatos a salvadores da Umbanda no Brasil. Não devemos permitir que se faça da Umbanda um trampolim para propaganda política de candidatos, que, nem sempre, cumprem com suas promessas, e que nem sabem o que é Umbanda – o que, aliás, e afinal de contas, não é segredo para ninguém. Ser político, é claro, é um direito que assiste a cada um de nós. Trabalhar politicamente em favor da Umbanda em setores políticos ou administrativos também é obrigação de todos os umbandistas. Mas fazer da Umbanda degrau para seus desígnios, está errado, e eu, conscientemente dentro da minha formação, acho errado. (Leite, 1959, p.4)

Servindo-se de uma diretriz laica, o redator demonstra seu desconforto referente as pessoas que se utilizam da religiosidade para adquirir vantagens, em específico, as políticas. Levando em conta a prática da caridade, se você fizer algo dentro da religião esperando benefícios particulares, então não estaria praticando-a corretamente, mas sim, negociando com o mundo espiritual, trocando favores. Continua Leite:

Os malefícios que poderão advir, se permitirmos política pessoal dentro da Umbanda, serão inúmeros. Todos achar-se-ão com esse direito. Não tenhamos dúvida: em pouco tempo teremos gerado, sem sombra de dúvida, verdadeira anarquia no seio da Umbanda. Sempre considere a Umbanda como uma religião acima das ambições pessoais e que pede todo o desprendimento e ação em favor e benefício dos necessitados, quer materialmente ou espiritualmente. (Leite, 1959, p.4)

Há por parte do discurso do autor também um apelo contra a ingenuidade do eleitor umbandista, alertando sobre os “salvadores da umbanda” que em realidade só prometiam favores, mas quando empossados não cumpriam com suas promessas. Ao contrário de Leite, temos a reflexão de Floriano M. Fonseca, no ano de 1958, na primeira página do jornal nº85, uma matéria intitulada *A Grande Lição*, em que diz:

Muito embora não creia que a solução, para consolidação definitiva da nossa religião esteja na política, todavia admitimos que se tivermos representantes genuinamente nossos, com assento nas respectivas casas legislativas o panorama da Umbanda será diferente, pela defesa direta e permanente que então passaremos a gozar. Na impossibilidade de me dirigir a todos os candidatos individualmente, lanço mão destas colunas para repetir o que disse sempre a cada um dos meus amigos, dos meios pelos quais conseguiremos alcançar êxito nessa campanha assás difícil pela complexidade do assunto e pela mentalidade reinante ainda em nosso meio. Senão vejamos. Um dos maiores entusiastas do movimento espiritualista e segundo me parece um dos que menos apareceu nas urnas quis convencer-me que seria muito mais prático formarmos nos quadros dos partidos já constantes porque já há organização, tudo pronto é só fazer o registro e propaganda para alcançar as preferências no eleitorado. Puro engano. Mais prático é, porém, muito mais duvidoso. Sem trabalho nada se fará, trabalho e muito esforço de nossa parte. Ora, é claro que os partidos tudo facilitam para o nosso ingresso neles, pois além do recolhimento da taxa de inscrição existe ainda o caso da escadinha da qual nunca passaremos de ser fornecedores das legendas para os candidatos pelos quais o partido de fato se interessará. (Fonseca, 1958, p1)

O autor sugere a necessidade de um engajamento mais ativo e independente por parte da comunidade umbandista para alcançar seus objetivos. A argumentação rejeita a ideia de adesão direta aos partidos políticos já existentes como uma solução prática, apontando para a complexidade do assunto e para a necessidade de um esforço contínuo e dedicado por parte dos praticantes da Umbanda. A crítica centraliza-se na percepção de que a simples filiação aos partidos políticos estabelecidos pode resultar em um papel secundário, limitando a participação da Umbanda a ser apenas fornecedora de votos para candidatos que podem não representar integralmente os interesses da religião. Diametralmente oposto a posição de indiferença política citada anteriormente, Fonseca enfatiza sua

descrença na possibilidade de um candidato umbandista conseguir algum destaque nos partidos existentes de então, sugerindo outra alternativa:

O caminho (sem alusão) será aquele que preguei e continuo a pregar de que só a nossa arregimentação perfeita dentro duma organização nossa, dirigida por nós, conseguirá abalar os nossos amigos em torno de homens que em verdade no nosso meio tenham inclinações parlamentares sem se deixarem fascinar pela política, tendo sempre em mira as necessidades do povo a par de sua liberdade de culto, escrita, praticada e exemplificada. A advertência aqui fica pois os alicerces desta organização estão lançados. Vamos começar, desde já, a completá-las para que na próxima refrega os nossos amigos possam ter como seus candidatos os médicos dos seus centros, os advogados, enfermeiros, enfim, todos os espiritualistas capazes de fazer alguma coisa de útil pela sua terra, porém na certeza de que não estamos servindo de escada para ninguém. Se fizermos um, dois ou três representantes; o que não será difícil, teremos certeza que é fruto de nosso trabalho e não fruto da organização alheia. (Fonseca, 1958, p1)

Pensa-se assim em um direcionamento estratégico que visa arregimentar adeptos em uma organização independente, dirigida por membros comprometidos com os valores espiritualistas, para influenciar o cenário político. A expressão "arregimentação perfeita" denota a busca por uma coesão interna forte, evidenciando a importância de uma estrutura organizacional robusta para o sucesso da empreitada política. A ideia de incluir membros que tenham "influência parlamentar" é apresentada como uma estratégia para envolver aqueles que, dentro da comunidade espiritualista, têm inclinações políticas, mas que, ao mesmo tempo, são capazes de manter um foco claro nos interesses pertinentes aos umbandistas. A ênfase na realização de um trabalho político próprio e na formação de representantes genuínos a partir de seus próprios membros fortalece a noção de que a participação política deve ser uma extensão natural do comprometimento espiritual, alinhada aos princípios e necessidades da comunidade.

A ideia de Fonseca era a construção de um partido liderado por umbandistas, onde todos os seus membros caminhassem em função do benefício mútuo em busca de melhores condições para todos os filhos de fé, buscando e fortalecendo a legitimação da Umbanda, assim como a liberdade de culto, etc. O que se vê é que havia por parte de alguns umbandistas uma postura politizada no sentido de buscar pelos meios legais os direitos convenientes a uma prática religiosa séria como qualquer outra. Em nenhum momento o referido autor indica posicionamento ideológico a direita ou a esquerda, possivelmente deixando subentendido assim a

característica de um entendimento mútuo de centro, com tendências a discussões e livre pensamento, mas voltados ao interesse comum dos umbandistas.

Uma curiosidade relevante é que dentro da religião de Umbanda, diferenças conceituais relacionadas as lateralidades do corpo, direita e esquerda, podem causar confusão ao leigo, mas não carregam um sentido político propriamente dito.

Segundo Negrão:

Direita e esquerda não são categorias neutras mas carregadas de valor, como metáforas da lateralidade do corpo humano a que se recorre com frequência para explicá-las: dois olhos, duas orelhas, dois braços, duas pernas, não apenas existentes mas necessários em seu conjunto para bem se ver, ouvir, trabalhar e andar. Assim, nos terreiros, salvo nos casos daqueles extremamente moralizados que prescindem da esquerda, e nos casos estritamente mágicos da chamada quimbanda que dispensam a direita, ambas estão de alguma forma presentes em seu imaginário e prática ritual. Mesmo naqueles em que há uma forte influência do evolucionismo espiritual kardecista e de seus ideais de caridade, a esquerda é vista como necessária. Sem ela se tornariam fracos e vulneráveis pois não teriam defesa contra as demandas, já que são os exus, mesmo que doutrinados, que se incumbem de defender os pais e filhos de santo, e mesmo a clientela, contra os malefícios reais ou virtuais de seus concorrentes, desafetos e inimigos. A virtude é vista como necessária e sua concretização o objetivo a ser alcançado, mas sem a força da esquerda ela torna-se inoperante. Apenas a presença dos espíritos da esquerda, ao contrário, confere o poder que, sem a presença da virtude, torna-se exclusivamente malévolo. (Negrão, 1996, p.85)

3.3 UMBANDA EM SÍNTESE

Viu-se até aqui as controversas discussões a respeito da origem da Umbanda, das suas vertentes, dos seus intelectuais, etc..., entretanto, na edição nº72 do ano de 1957, na matéria chamada *Estudando Umbanda*, o escrito W.S. Nunes diz o seguinte:

A Umbanda, no Brasil, incluindo a Jurema, precedeu ao Kardecismo, contudo assimilou-o, logo que ele aparece, dada a soma de conhecimentos, que trouxe da Europa sobre a comunicação dos espíritos, expondo também, de forma magnífica, a parte eterna dos Evangelhos de Jesus Cristo, que é a sua moral. A Umbanda, como síntese religiosa, aceita, porque boa, a moral cristã, e elevou aos seus altares aqueles que a praticaram quotidianamente até o sacrifício. A Umbanda não combate as outras religiões, mas assimila os novos conhecimentos que elas tragam, para o bem da humanidade. A Umbanda é a fraternidade em marcha. A Umbanda é uma coletividade de espíritos hierarquizados e divididos em linhas ou padrões de vibrações; é um sacerdócio espiritual em favor, em comunhão com, os que lutam na crosta terrestre; é um movimento de tudo o que é bom para o progresso humano. (Nunes, 1957, p.6)

Para o autor, parece haver a possibilidade de uma síntese das ideias mais compatíveis presentes em cada religião, acrescentando cada uma dessas como um novo ingrediente no caldo cultural umbandista. Em seguida, o referido autor dá uma explicação comparativa sobre alguns elementos religiosos, utilizando-se de seus conhecimentos numerológicos para justificar tais reflexões. Segue-se o seguinte:

1º) A palavra – Umbanda divide-se em 3 partes: U – mband – a ou Um – ban – da. É a tríade sagrada; o símbolo dos aspectos; o símbolo das relações (Pai, Filho e Espírito; Olorum, Oxalá e Ifá). É o símbolo do dinamismo. Se 2 dá o equilíbrio, 3 dá o rompimento dinâmico desse equilíbrio (Comes, Damião e Doum). O número 3 simboliza Deus, que em hebreu é Je-ho-vah ou I-e-vé; em grego, E-vo-hé; em nagô O-lo-rum, em sanscrito, A-o-um, entre os aborígenes do Brasil, Tupana, que se contraiu em Tupan. Tu, significando ruído, estrondo, e pan, bater, malhar, sendo Deus portanto, o Operário Universal. (...) A trindade divina e humana figura na maior parte das religiões antigas: no Egito: Osiris, Isis e Hórus; Na Índia védica: Agni, Indra e Soma; Na Índia bramânica: Brahma, Shiva e Vishnu; Na Caldéia: Oánes, Bim e Bel; Na Pérsia: Ormuzd, Ariman e Mitra; Na Fenícia: Baal, Estartéia e Belkarte; Na Escandinávia: Odim, Frega e Tôr; nas religiões primitivas: o Sol, a Lua e a Terra. Na Umbanda: Olorum, Oxalá ou Obatalá e Ifá ou Ifã. Daí o ser na Umbanda o triângulo equilátero o símbolo, o ponto máximo, porque é a primeira figura geométrica fechada, de lados iguais, simbolizando a Divindade. (Nunes, 1957, p.6)

Várias são as possibilidades de conexões comparativas, para o autor, o que demonstra uma busca por universalização da Umbanda como religião de todos. Em outro trecho da matéria ele aprofunda sobre a própria palavra Umbanda:

O nome “Umbanda” tem sete letras: U-M-B-A-N-D-A. É o setenário, sete, o número da perfeição. Sete são as cores do arco-íris; sete são as linhas da Umbanda; sete são as linhas da Quimbanda. - A Bíblia é um repositório do setenário, a principiar pelo Gênesis, que diz poeticamente ter levê criado o mundo em seis dias e descansado no sétimo. No Catolicismo sete são as virtudes cristãs; sete são os pecados capitais; sete são os sacramentos; sete são as dores de maria; sete são os Anjos da Presença do Senhor. Sete são as preces do Pai Nosso; sete são as frases de Cristo, na Cruz, etc. Na Cabala, a árvore da Vida aparece com 7 sefiroth. Na Doutrina Secreta da Índia, encontram-se os sete Anjos, os 7 mundos, os 7 corpos, os 7 raios, etc. No islamismo, aparecem os 7 céus. Na Astrologia, vêem-se os 7 planetas, em relação direta com a Terra. Na Umbanda, sete são os ritos de iniciação sacerdotal. (Nunes, 1957, p.6)

O que fica subentendido é a busca do autor pela conciliação das ideias que são próximas, ao invés de focar nas diferenças e contradições. O estudo comparado das religiões é uma perspectiva que teve origem na Europa, nos fins do século XIX, colocando vários intelectuais em debate a respeito da possibilidade ou não de algum

tipo de síntese. Na mesma edição, o mesmo autor escreve outra matéria intitulada *Curso de Esclarecimento sobre Umbanda* que diz:

A Umbanda, como todas as religiões, é um misto de mitologia, psiquismo, astrologia e espiritismo. É, pois, um sincretismo. Estudaremos, primeiro, a mitologia. 1 – Que é mitologia? Resp.: É a ciência dos mitos, a explicação dos mitos. O termo mitologia é de origem grega. - Em sentido popular, mitologia, é a história fabulosa dos deuses, dos semi-deuses e dos heróis da Antiguidade. 2 – Quantas mitologias há? Resp.: Há várias mitologias. Distinguem-se a mitologia egípcia, a hebraica, a persa, a grega, a romana, a germânica, slava, celta, escandinava, chinesa, tupi, nagô, gêge, etc. 3 – Haverá utilidade em estudar mitologia? Resp.: Há. - Os trabalhos dos eruditos modernos, que criaram a ciência das religiões, deram à mitologia uma grande importância. 4 – De que ciência geral faz parte a mitologia? Resp.: Da antropologia (Do grego – anthropos = homem natural e cultural. - Cultura é a soma total das criações humanas: é tudo o que o homem faz ou produz no sentido material e imaterial. 5 – Que é mito? Resp.: Mito vem do grego – “mythos ou do latim muthus” – O grande escritor português, Oliveira Martins, no seu livro Sistema dos Mitos Religiosos, define os mitos como sonhos – primitivos com que o pensamento inconstante dos povos representa, a seu modo, a Natureza. O Mito e o fato são, pois, na essência, uma e a mesma coisa, vista por diversas maneiras. (Nunes, 1957, p.7)

A Umbanda, enquanto expressão espiritual, amalgama elementos tidos como sobrenaturais, configurado assim um sincretismo peculiar. O enfoque inicial deste trecho recai sobre a mitologia, entendida como a disciplina científica dedicada à exploração de narrativas fabulosas envolvendo divindades e heróis. A justificativa para o estudo mitológico reside na sua significativa contribuição para a constituição da ciência das religiões e aperfeiçoamento da antropologia. Além disso, fez uma análise pormenorizada sobre a origem dos próprios termos a serem utilizados no curso, que diga-se de passagem, vai seguir por várias outras edições no jornal. Continua o autor:

6 – Que nome especialmente, vem tomando o estudo dos mitos, lendas, fábulas, contos, músicas populares, etc? Resp.: “FOLK-LORE”. O termo “folk-lore” surgiu, pela primeira vez, no ano de 22 de agosto de 1846, no jornal “The Athenaeum” de Londres. Propôs o arqueólogo William John Thomas, que se ocultava sob o pseudônimo de Ambrose Merton, o termo “Folk-lore”, para substituir as expressões – “Antiquitates Vulgares” ou “Popular Antiquities”. (...) 7 – Que significa o termo “Folk-lore”? Resp.: Folk-lore significa “ciência do povo”. Desde que apareceu “Folk e Lore” se prestaram para todas as combinações, como “Christloer, Plant-lore, Folk-song, Folk-dance, Folk-epeech, etc”. Os alemães denominaram o estudo do Folk-Lore de “VOLKSKUNDE”. Em 1879, em Londres, foi fundada a primeira “Folk-Lore Society”. O Folk-lore internacional conta hoje com uma imensa bibliografia. (Nunes, 1957, p.7)

A perspectiva de folclore, tida como um conjunto de saberes e práticas do próprio povo, recebe destaque a partir deste trecho dos apontamentos de Nunes. Nos é ensinado no decorrer das graduações que existe um conhecimento popular tido como “senso comum” e o conhecimento acadêmico, caracterizado como “senso crítico”. Tal concepção advém da antiguidade grega, quando o filósofo pré-socrático Parmênides foi levado pelas musas para se encontrar com a deusa da Verdade, que expõe a ele este segredo, o da doxa (opinião ou senso comum) e a episteme (conhecimento verdadeiro ou senso crítico), e que deveria se encaminhar pela senda da verdade, obviamente. Apesar disso, hoje compreende-se que até mesmo este conhecimento popular e as opiniões de senso comum representam importantes nuances da realidade social, afetando diretamente a maneira de compreender o mundo de muitas pessoas. Nunes continua:

8 – Qual a primeira fase da gênese das religiões? Resp.: A mitologia primitiva. Das mitologias surgem as TEOGONIAS e das TEOGONIAS nascem as RELIGIÕES, os SACERDÓCIOS, as LITURGIAS, etc. - Os mitos são as raízes da história dos povos e das religiões. 9 – Tem o homem tendência para a mitologia? Resp.: Sim. O homem tende a fazer imagens, representações dos fenômenos internos, isto é, do que se passa em sua consciência, e dos fenômenos externos do mundo que ele admira e teme. O homem possui a faculdade mitogênica. 10 – Como se pode dividir a mitologia? Resp.: Em mitologia subjetiva, psíquica e microcósmica; Em mitologia objetiva, cosmogônica ou macrocósmica. Coletiva, espontânea, primitiva, a mitologia denuncia em cada um dos seus sistemas o temperamento, o caráter, o gênio da raça que a aconteceu. Continua no próximo número. (Nunes, 1957, p.7)

Os mitos são vistos como as bases que fundamentam a história das sociedades. A propensão natural do ser humano para a mitologia é justificada pela criação de representações tanto dos fenômenos internos quanto externos. Ela espelha a identidade da sociedade que a elaborou, caracterizando-se como uma expressão coletiva e espontânea. Assim, o escritor vai contemplando os leitores ao longo de várias edições, acrescentando sua perspectiva de integração e síntese religiosa para a Umbanda, tomando como referência as demais religiões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, seria impreciso dizer que todos os discursos do 1º Congresso de Espiritismo de Umbanda do Brasil e do Jornal de Umbanda eram absolutamente culturalistas, ou seja, imbuídos de preconceito racial e cultural velado. Uma boa parte destes poderiam ser enquadrados como tal, mas não todos. Desprezar, por conta disso, toda a movimentação de ideias realizada pelos intelectuais de Umbanda dos anos 1950 seria algo precipitado. Havia vozes dissonantes da “moda intelectual” cientificista presente naquele contexto, e isso se atesta no decorrer das páginas. Na edição número 52 do ano de 1955, Leopoldo Bettiol responde a crítica de um filósofo chamado de prof. Dr. Orlof da seguinte maneira:

Estou certo de que o problema, não é somente seu. Será o de muita gente, mesmo alicerçados em fontes de cultura que, ou são portadores de uma fé cega, sem exame, ou simples negadores dos fenômenos observados. Disse o amigo que Umbanda é uma mistificação diabólica, de negros ignorantes; de selvagens; que não tem raízes tradicionais; que não tem bases científicas; que não é um culto construtivo; que não tem explicação filosófica; que é um acúmulo de fraudes e mentiras; que é uma mistura de batuque e baixo espiritismo. - Como sabe, o meu ilustre amigo que tudo isso é assim? Emitirá juízos graves, só por mera informação? Não viu, não assistiu a sessões, não estudou... Não!... Para tanto, bastou, o seu diploma de filosofia. Não foi? Francamente, aqui, no terreno em questão, é muito pouco. Há uma ciência das religiões que tem o nome de “hierologia”, caminho por onde o meu amigo – não transitou! (Bettiol, 1955, p.11)

A questão de partida deste trabalho foi: como o Jornal de Umbanda representou as tensões e intenções identitárias na consolidação e expansão da Umbanda na década de 1950 no Brasil? Após verificar todo o jornal, pude constatar que houveram muitas tensões e intenções nos mais diferentes campos de interesse umbandista, que foram representadas das mais variadas formas, sob os mais diversos pontos de vista. Se é possível pensar em uma regra, é justamente que não há regra ou consenso absoluto, o que dá uma personalidade peculiar ao próprio jornal. Existiam consensos parciais, onde uma maioria, mas não todos os umbandistas filiados, concordavam com determinadas opiniões. Fossem nas questões políticas, teológicas, econômicas, éticas, comerciais, práticas, etc... cada associado podia expressar sua opinião, democraticamente, desde que mantivesse o respeito e a cordialidade em sua narrativa.

Querendo ou não, haviam também muitos outros terreiros de Umbanda não filiados ao UEUB, seja pela contrariedade ou pela ignorância de sua existência. De todo modo, o Jornal de Umbanda configurou uma empreitada umbandista de escala nacional bastante eficiente para a época, estendendo suas filiações por todo o país e consolidando a Umbanda – ou as Umbandas – como uma expressão religiosa genuinamente brasileira, considerada apropriada para os habitantes do Brasil, que são descendentes de uma mistura de várias raças. A ênfase na identidade nacional, sugerindo que a prática religiosa é intrinsecamente conectada à diversidade racial e cultural do Brasil reforçou a ideia de que a Umbanda é inclusiva e aberta a todos os brasileiros, independentemente de sua origem étnica. Para Flávia Pinto:

A Umbanda é uma religião brasileira. Logo, ela possui raízes étnica, cultural e mitológica dentro das cosmogonias africana e indígena. Os processos histórico-sociais pelos quais passaram esses povos durante a escravização e após o 13 de maio de 1888, com a ausência total de políticas sociais que possibilitassem reverter os danos de quase 400 anos de trabalho escravo, levaram esses povos a situação de extrema miséria, fome, desemprego, baixa escolaridade, dificuldades de moradia, entre outras carências. O Estado pouco ou quase nada faz para combater essas vulnerabilidades sociais, fazendo com que esses grupos necessitem de ações sociais realizadas por instituições religiosas, ONGS e grupos filantrópicos. Nesse sentido, as comunidades de terreiro cumprem seu papel de exercer solidariedade por meio da prática da caridade social para o próprio povo. Por essa razão, muitos terreiros espalhados por todo o Brasil fazem ações sociais que beneficiam a população do entorno. (Pinto, 2022, p.148)

A Umbanda representa uma vasta gama de sínteses dialéticas das tradições espirituais africanas, indígenas, europeias e orientais no contexto brasileiro. Ao longo de sua evolução, os intelectuais de Umbanda desempenharam um papel fundamental na consolidação e divulgação da religião, contribuindo para a sua legitimidade e ética, mesmo que alguns destes impregnados inconscientemente do racismo cultural e epistemológico da época. O mesmo se dá com o 1º Congresso de Umbanda, realizado em 1941, que marcou um momento crucial na história da religião, estabelecendo princípios e temas de debates que continuam a ser de interesse dos umbandistas até os dias atuais.

A afirmação de que a Umbanda não está subordinada a injunções estranhas, mas conta com a orientação espiritual de Mentores destaca uma autonomia espiritual e a crença na orientação espiritual como um elemento central da prática religiosa. Isso sugere uma confiança na capacidade da Umbanda de se desenvolver

e evoluir internamente, sem ser excessivamente influenciada por tradições externas, mas sem ignorar, obviamente as suas raízes pretéritas.

No âmbito social e político, o jornal de Umbanda desempenhou um papel significativo na construção da identidade umbandista. A identidade umbandista é caracterizada pela diversidade espiritual, cultural e social, com o ecletismo emergindo como traço distintivo, integrando diferentes tradições religiosas em uma prática coesa e inclusiva. A relação entre a Umbanda e a cultura popular evidencia a capacidade de adaptação da religião, sua integração constante às dinâmicas culturais e sua influência vital na sociedade brasileira. No entanto, os umbandistas ainda enfrentam ameaças e discriminação, tornando a luta pelos direitos religiosos e a superação da intolerância, algumas das preocupações centrais até nossos dias.

A existência de diferentes vertentes e interpretações dentro da Umbanda destaca a riqueza e a complexidade da religião. A ética umbandista, fundamentada em princípios como caridade, solidariedade e respeito à natureza, orienta o comportamento dos adeptos até hoje, enquanto as preocupações políticas da Umbanda abrangem desde questões de direitos religiosos até a participação ativa em causas sociais. Em suma, a Umbanda emerge como uma religião dinâmica, resiliente e profundamente enraizada na diversidade cultural brasileira. Ao enfrentar desafios políticos, sociais e religiosos, a Umbanda continua a enriquecer a cultura do Brasil, representando não apenas uma expressão religiosa, mas também um reflexo da rica e complexa identidade cultural do país.

Muito mais poderia ser dito e investigado a respeito tanto do Jornal de Umbanda quanto do 1º Congresso, contudo, os limites desta pesquisa se finalizam aqui. Estou certo que outras pesquisas poderão ser feitas e novas perspectivas possam ser descobertas, pois a quantidade de informações presentes nas páginas são vastas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. Estranha maneira de unir. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, abr. 1957. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=311>> Acesso em 29 out. 2022.

ALMEIDA. R. Recenseamento e os Umbandistas. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, abr. 1960. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=523>> Acesso em 29 out. 2022.

AOS INTELECTUAIS DE UMBANDA. *O que os outros dizem de nós*. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, mar. 1954, Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspxbib=111848&pesq=&pagfis=128>> Acesso em 29 out. 2022.

BARBOSA JR., Ademir. **O livro essencial de Umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2014.

BERGER. Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo, Editora Paulinas, 1985.

BERNARDINO-COSTA, J. ; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BETTIOL, Leopoldo. *A umbanda à luz da crítica*. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, mar. 1955. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=185>> Acesso em 29 out. 2022.

BRIGIDO, José. *Umbanda: Grande força em evolução*. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, jan. 1953. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=11>>. Acesso em 29 out. 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. 3º Edição, Vale do Rio dos Sinos, Editora UNISINOS, 2010.

CARVALHO, Rogério Lopes Pinheiro de. **Apontamentos Metodológicos Acerca da Crítica das Fontes na Historiografia**. *Revista HISTEDBR Online*. Capinas, n.42, p. 296-300, jun, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. Editora Vozes: 3º Edição, Petrópolis, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHIESA, Gustavo Ruiz. **Criando mundos: produzindo sínteses**. Debates do NER, Porto Alegre, ano 13, n. 21 p. 205-235, jan./jun. 2012.

COMO COMPREENDEMOS E PRATICAMOS A UMBANDA. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, mar. 1953, Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=62>> Acesso em 29 out. 2022.

CORREIA, Hilário. *Pela unificação da Umbanda*. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, out. 1960, Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=563>> Acesso em 29 out. 2022.

CUMINO, Alexandre. **A história da Umbanda: uma religião brasileira**. São Paulo: Madras, 2015.

FALSOS Espíritas. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, mar. 1952. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=1>>. Acesso em 29 out. 2022.

FAUSTO, Boris. **A história do Brasil**. 2º Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995.

FERRETTI, Sérgio F. **Sincretismo e hibridismo na cultura popular**. *R. Pós Ci. Soc.* v.11, n.21, jan/jun (2014) **DOSSIÊ: Multiculturalismo, Tradição e Modernização em Religiões Afro-Brasileiras**. Maranhão, 2014.

FERRETTI, Sérgio F. **Multiculturalismo e Sincretismo**. In: MOREIRA, A S e OLIVEIRA, I D. *O futuro das religião na sociedade global. Uma perspectiva multicultural*. São Paulo: Paulinas/UCG, 2008, p 37-50.

FONSECA, W.; ESTRELA, M.V.B. *Origem da Umbanda*. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, jul. 1959, Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=488>> Acesso em 29 out. 2022.

FONSECA JR.; J.B.de Paula. *É ou não é*. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, mar. 1953. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=75>> Acesso em 29 out. 2022.

FONSECA, Floriano M. *A grande lição*. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, nov. de 1958,

Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=488>> Acesso em 29 out. 2022.

FRANCO, Florisbela Maria de Souza. *Aos médiuns*. **Jornal de Umbanda: Órgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, mar. 1952, Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111848&pesq=&pagfis=2>> Acesso em 29 out. 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. 11ª Edição, Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

HELIO, J. Intolerância. **Jornal de Umbanda: Órgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, mar. 1955, Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=239>> Acesso em 29 out. 2022.

HOBSBAWN, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1917.

ISAIA, Artur Cesar. **Ordenar progredindo: A obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX**. Anos 90, n.11, Porto Alegre, julho de 1999.

ISAIA, Artur Cesar. **O campo religioso brasileiro e suas transformações históricas**. Revista brasileira de história das religiões – Ano 1, nº3, Jan. 2009. p.95-105.

ISAIA, Artur Cesar. **Umbanda, intelectuais e nacionalismo no Brasil**. Revista de História e Estudos Culturais: set/out/nov/dez, vol.9, ano IX, nº3, 2012.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos**. *ALCAR 2015 – 10º Encontro Nacional de História da Mídia*. UFRGS, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

LEITE, José Sylvio Navarro. Alerta aos umbandistas. **Jornal de Umbanda: Órgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, abr. 1959, Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=462>> Acesso em 29 out. 2022.

LUCA, Tania Regina de. **Práticas de pesquisa em história**. São Paulo : Contexto, 2020.

LUIZ, André. *Umbanda*. **Jornal de Umbanda: Órgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, mar. 1952. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=3>>. Acesso em 29 out. 2022.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Umbanda: entre a cruz e a espada**. *Tempo Social: Rev. Sociol. USP, S. Paulo*, 5(1-2): 113-122, 1994

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Magia e religião na Umbanda**. Revista USP: São Paulo (31): 76 – 89, Setembro/Novembro, 1996.

NUNES, W.S. Estudando Umbanda. **Jornal de Umbanda: Órgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, mar. 1952, p.3. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111848&pesq=&pagfis=313>> Acesso em 29 out. 2022.

NUNES, W.S. *Estudando Umbanda*. **Jornal de Umbanda: Órgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, set. 1957. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=324>> Acesso em 29 out. 2022.

MACIEL, Silvio Pereira. Desfazendo confusões. **Jornal de Umbanda: Órgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, mai. 1960. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=563>> Acesso em 29 out. 2022.

MADRUGA, Jayme S. *Critiquem, mas com razão*. **Jornal de Umbanda: Órgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, dez. 1954. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=155>> Acesso em 29 out. 2022.

MADRUGA, Jayme S. Escola de *Médiuns*. **Jornal de Umbanda: Órgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, jul. 1953. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=41>> Acesso em 29 out. 2022.

MADRUGA, Jayme S. *Responsabilidade dos Médiuns*. **Jornal de Umbanda: Órgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**, Rio de Janeiro, ago. 1953. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=51>> Acesso em 29 out. 2022.

MADRUGA, Jayme S. *Umbanda não é espiritismo (?)*. **Jornal de Umbanda: Órgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**, Rio de Janeiro, set. 1953. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=64>> Acesso em 29 out. 2022.

MADRUGA, Jayme S. Umbanda, religião brasileira. **Jornal de Umbanda: Órgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, ago. 1954. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=123>> Acesso em 29 out. 2022.

MADRUGA, Jayme S. Umbanda, religião brasileira. **Jornal de Umbanda: Órgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, fev. 1955. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=163>> Acesso em 29 out. 2022.

MENEZES, Heraldo. A umbanda pura e panteísta. **Jornal de Umbanda: Órgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, out.

1954. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=137>> Acesso em 29 out. 2022.

MESA EM TERREIRO DE UMBANDA. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, mai. 1960. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=561>> Acesso em 29 out. 2022.

O QUE OS OUTRO DIZEM SOBRE NÓS. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, jan. 1953. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=16>> Acesso em 29 out. 2022.

OLIVEIRA, J. A. de. *Como entendemos a Umbanda*. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, abr. 1953. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=26>>. Acesso em 29 out. 2022.

OLIVEIRA, J.A. de. *Como entendemos a Umbanda*. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, abr. 1953. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=11>>. Acesso em 29 out. 2022.

OLIVEIRA, J.A. de. *Como entendemos a Umbanda*. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, abr. 1953, p.6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=14>>. Acesso em 29 out. 2022.

OLIVEIRA, J.A. de. *Da discussão nasce a luz*. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, out. 1953. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=72>> Acesso em 29 out. 2022.

OLIVEIRA, José Henrique M. As Estratégias de legitimação da umbanda durante o Estado Novo: institucionalização e evolucionismo. **Horizonte**. Belo Horizonte. v.4, n.8, p.133., jun. 2006. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/520/547>> Acesso em 29 out. 2022.

OLIVEIRA, José Henrique M. As Estratégias de legitimação da umbanda durante o Estado Novo: institucionalização e evolucionismo. **Horizonte**. Belo Horizonte. v.4, n.8, p.136-137., jun. 2006. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/520/547>> Acesso em 29 out. 2022.

ORTIZ, Renato. Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo. Cadernos CERU, n.17, p. 19, set. 1982. Disponível em: <https://www.academia.edu/18170658/mem%C3%B3ria_coletiva_e_sincretismo_cientifico_as_teorias_raciais_do_s>

[%C3%A9culo_XIX_In_ORTIZ_Renato_Cultura_brasileira_e_identidade_nacional_>](#)
Acesso em 29 out. 2022.

PINTO, Flávia. **Umbanda Preta: Raízes Africanas e Indígenas**. Rio de Janeiro: Fundamentos de Axé, 2022.

POCHMANN, Marcio. **A Desigualdade Hereditária: Origem e Trajetória no Brasil**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2017.

PRADO, Maria Emília. **Os Intelectuais e a Eterna Busca pela Modernização do Brasil: O Significado do Projeto Nacional-Desenvolvimentista das Décadas de 1950-60**. *Historia Actual Online – HAOL*, nº15, p. 19-27, fev, 2008.

PRANDI, Reginaldo. **As religiões negras do Brasil**. Revista USP, São Paulo (28): 64-83, Dez/Fev, 95/96.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos Avançados**. São Paulo, 18 (82), p.229, out. 2004. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10033/11605>> Acesso em 29 out. 2022.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos Avançados**. São Paulo, 18 (82), p.231, out. 2004. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10033/11605>> Acesso em 29 out. 2022.

PRIMEIRO Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda. **Federação Espírita de Umbanda**: Rio de Janeiro, Outubro de 1941.

RÁS, Norman. A umbanda... e a magia. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, mai. 1956. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=268>> Acesso em 29 out. 2022.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 31, 2003, p. 147-160.

ROCHA, Gilmar. **Cultura Popular: do folclore ao patrimônio**. In: Mediações, v.4, n.1, p. 218-236, Jan/Jun. Recife, 2009.

RODRIGUES, João Batista. *O poder da Umbanda*. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, dez. 1953, Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=83>>. Acesso em 29 out. 2022.

ROMÃO, Tito Lívio Cruz. **Sincretismo religioso e circulação de objetos transculturais: processos translatórios entre oralidade e escrita**. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, Edição Especial, p. Port. 139-152 / Eng. 144-158, nov. 2019.

ROSA, Celso. *Doutrina e Estudo*. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, dez. 1954. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111848&pesq=&pagfis=160>> Acesso em 29 out. 2022.

ROSA, Celso. *Umbanda é Umbanda*. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, mar. 1955. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=179>> Acesso em 29 out. 2022.

SERRA, Ordep. No caminho de Aruanda: a Umbanda candanga revisitada. **Afro-Ásia**. Bahia. 25-26, 2001, p.225-226. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/3662/1/afroasia_n25_26_p215.pdf> Acesso em 29 out. 2022.

SILVA, W.W. da Mata e. *A umbanda... e a magia*. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, jun. 1955. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=211>> Acesso em 29 out. 2022.

SILVA, W.W. da Mata e. *A umbanda... e a magia*. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, out. 1955. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=241>> Acesso em 29 out. 2022.

SIMAS, Luiz Antônio. **Umbandas: Uma história do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SINCRETISMO. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, abr. 1959. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=466>> Acesso em 29 out. 2022.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

SOUZA, Jessé. **Brasil dos humilhados: uma denúncia da ideologia elitista**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

VALENTE, Waldemar. **Sincretismo religioso afro-brasileiro**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1955.

VELHO, Lourenço. O que os outros dizem de nós. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, mar. 1952. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=3>>. Acesso em 29 out. 2022.

VELHO, Loureço. *O que os outros dizem de nós*. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, mar. 1952. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=8>> Acesso em 29 out. 2022.

VELHO, Lourenço. Ogum não é egun. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, mar. 1955. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=247>> Acesso em 29 out. 2022.

ZAPPIN, Dalio. *Umbanda no Paraná*. **Jornal de Umbanda: Orgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda**. Rio de Janeiro, mai. 1960. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=531>> Acesso em 29 out. 2022.

ANEXOS

ANEXO A - Capa da primeira edição disponível (nº16)

A Vaidade, o exibicionismo, o interesse pecuniário não se coadunam com a nossa doutrina.

JORNAL DE UMBANDA

ORGÃO NOTICIOSO E DOUTRINÁRIO DA UNIÃO ESPIRITISTA DE UMBANDA

ANO II Diretor-Presidente e Secretário: DR. JAYME MADRUGA
 Diretor e Redator Responsável: JOSÉ JANINI RIO DE JANEIRO, Março de 1952 Diretor-Gerente: ARSENIO JOSÉ GONÇALVES
 Diretor-Tesoureiro: FRANCISCO OLIVEIRA NUM. 16

FALSOS ESPIRITAS

Está levantando grande celeuma entre os verdadeiros umbandistas um programa de auditorio, transmitido 3 vezes por semana do palco do Teatro Gloria, na cinelândia.

Esse programa levado ao ar pela Radio Mauá encontrou na falta de escrupulo dum sr. J. B. de Carvalho, que se denomina a si próprio o maior macumbeiro do Radio, o apoio de que necessitava para fazerem falsas sessões espiritas, cantando "pontos" de nossa religião e provocando manifestações espirituais, que só podem ser duvidosas ou fruto de mistificação.

Não podemos classificar de honesta uma apresentação de uma sessão de caráter espiritual num palco, com entradas pagas e dentro de um programa de objetivo comercial, como é o denominado "HORA DO PINTO".

Ora a nossa lei é dar de graça o que de graça recebemos, como harmonizar um ideal bellissimo com uma propagação comercial?

Não fora as manifestações e o cantico dos pontos e nós não trariamos tal assunto à baila, pois a Religião de Umbanda não é em absoluto baixo espiritismo nem "macumba".

Onde ha interesse pecuniário, onde se trabalha por objetivos exibicionistas, onde não se procura praticar a verdadeira caridade, não ha Umbanda. Pode quando muito ser Quibanda, mistificação, baixo espiritismo, mas nunca Umbanda.

A policia com o interesse moralizador e para cumprir a lei penal, não sabemos como ainda não interveio, quando vive a escubichar em lugares decentes, perseguindo quem pratica a verdadeira caridade e ainda não se lembrou de que essa infamada hora do pinto apresenta todos os requisitos de que necessita sua seção de toxicos e mistificações para seus fiagranes.

Acreditamos que a alta administração da Radio Mauá não esteja ao par das alterações de ordem que tem havido no seu programa supra citado, nem tenha sido ainda alertada de que está atingindo uma religião tão boa quanto qualquer outra permitindo as palhaçadas que presenciemos no palco do Teatro Gloria, mesmo porque a Constituição Brasileira garante o direito de cada um praticar sua religião e também não permite que uma religião seja motivo de chacota ou ridiculo, sob pena de ação penal.

Haja visto que um dos pontos principais das portarias da Chefia de Policia por ocasião do Carnaval é a proibição expressa de...

SÃO JOSÉ

No dia 19 de março corrente comemora a cristandade São José, o protetor dos lares, o modelo do esposo, o pai estremo de Jesus.

Sim o pai de Jesus, pois não acompanhamos a doutrina falsa e caluniosa da Igreja Catolica que para tirar a paternidade de José, para apresentar a virgindade de Maria mesmo depois do nascimento de Jesus, concebeu um monstrego da geração por obra e graça do Espirito Santo.

Num tempo em que acreditava em tantas outras bobozeiras mais uma não viria alterar-lhe o ciclo, e mesmo assim foi necessario, para ser aceita, que fosse erigida em dogma de fé, que sujeitasse a que não aceitasse ou o discutisse a "pecado mortal" e a excomunhão.

Mas nos tempos atuais a religião tem de respeitar a mentalidade de seus adeptos. Si o homem evoluiu no seu conhecimento é logico que as lições de filosofia e de religião de se ser preparadas a nível de seu conhecimento.

E' preciso e imprescindível que se tenha respeito ao ser humano, soo pena de ver-o afastar-se a ponto de ignorar os problemas do espirito que são a razão de ser de sua vida ao planetá.

E enfrentar tais problemas com seriedade não é se não demonstrar respeito e muito mais a amor a nossos semelhantes.

São José
 toda a vida lutou no seu banco de ser gerado de um homem e de



Fonte: [https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?](https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111848&pesq=&pagfis=1)

[bib=111848&pesq=&pagfis=1](https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111848&pesq=&pagfis=1)

ANEXO B – Notícias aos filiados da UEUB

Noticário da União Espiritista de Umbanda do Brasil



SRS. ASSINANTES

Solicitamos aos que terminarem suas assinaturas que providenciem com a máxima urgência a remessa dos Cr\$ 35,00 para sua renovação, a fim de não sofrerem interrupção no seu recebimento.

A FOTO ACIMA foi colhida quando da entrega do diploma de filiada da União Espiritista de Umbanda do Brasil à Tenda Espirita Maria Redonda, vendo-se o Sr. Floriano Fonseca, quando passava às mãos da Babá do referido Terreiro, Ordélia da Silva Matos, o citado documento.

CONFRATERNIZAÇÃO DO MÊS DE JUNHO

Avisamos a todas as nossas filiadas e aos diretores de departamentos que, em face da alteração das escalas já publicadas no último número deste órgão, as reuniões do Conselho de Representações, de Diretoria, bem como a Confraternização que estavam marcadas para o mês de junho, na Tenda Espirita Santa Luzia, à rua Gastão Taveira, número 599, em Jacarepaguá, não mais se realizarão ali e, sim, na rua Cândida Bastos, n. 86. Tenda E. Santo Antônio, em Cascadura.

A DIRETORIA

Fonte: [https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?](https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111848&pesq=&pagfis=307)

[bib=111848&pesq=&pagfis=307](https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111848&pesq=&pagfis=307)

ANEXO C – Propagandas



DEFUMADOR PRETOS VELHOS

AFRICANOS
IND. BRASILEIRA - MARCA REGIST.



ACEITEM SEUS CONSELHOS

USEM OS DEFUMADORES COMO PRECEITOS

Fábrica: Av. Cesário de Melo, 3361 — D.F.

Um produto de **R. MOLINA**

À VENDA NAS CASAS DO RAMO

Flora Fluminense

DROGARIA E
CASA DE ERVAS

- * BANHOS
- * DEFUMADORES
- * IMAGENS

GUIAS — PEMBAS
VELAS — ARTIGOS
DO NORTE

397 — Rua Visconde
Uruguai, 399
Telefone: 6356
NITERÓI



Fonte: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111848&pesq=&pagfis=350>

ANEXO D - Cupom de Assinatura do Jornal de Umbanda

Aos nossos Leitores

Para facilitar a assinatura do JORNAL DE UMBANDA, publicamos abaixo um cupão que deverá ser preenchido pelo interessado e remetido à nossa redação, acompanhado de vale postal, cheque ou em espécie a importância de Cr\$ 100,00 por assinatura anual.

CUPÃO-ASSINATURA

NOME

RUA N.º

BAIRRO CIDADE

ESTADO

(Escreva com clareza)

— O irmão assinante deve reformar sua assinatura se já está esgotado o prazo sob pena de não receber mais a remessa.

Fonte: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111848&pesq=&pagfis=526>

ANEXO E - Uma das prestações de conta do Jornal de Umbanda

Noticiário da U. E. U. B.

MOVIMENTO DA TESOUREARIA

**Resumo do balanço geral do exercício financeiro da União,
em 30 de novembro de 1959**

A T I V O

	Cr\$	Cr\$
Disponível	49.844,60	
Realizável	57.794,50	
Imobilizado	1.100.000,00	
Despesas Realizadas	345.044,10	1.552.683,20
Total do Ativo	1.552.683,20	1.552.683,20

P A S S I V O

	Cr\$	Cr\$
Não Exigível	540.000,00	
Exigível	617.794,50	
Rendas Diversas	394.888,70	1.552.683,20
Total do Passivo	1.552.683,20	1.552.683,20

TOTAL DO ATIVO E PASSIVO

Hum milhão quinhentos e cinquenta e dois mil seiscentos e oitenta e três cruzeiros e vinte centavos.

Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1959. — Antônio Venâncio do Nascimento — 1.º Tesoureiro. — VISTO: ass.)
Florianio Manoel da Fonseca — Presidente.

Fonte: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111848&pesq=&pagfis=529>

ANEXO F - Fotos de algumas confraternizações UEUB

O QUE VAI PELAS TENDAS

TENDA ESPIRITA CETUA

Recebemos e agradecemos a comunicação da eleição e posse da nova diretoria dessa Filial da União e fazemos votos por uma feliz gestão e muito progresso nessa casa de caridade que conta com a direção do nosso amigo e diretor da União Espiritista de Umbanda e Joviniano José de Oliveira, cujas qualidades de batalhador incansável é desnecessário enaltecer.

Realengo, 24 de fevereiro de 1953.
Exmo. Sr. Presidente da União Espiritista de Umbanda:

A Tenda Espirita Cetua, tem o grato prazer de levar ao conhecimento desta nobre agremiação que em data de 5 do corrente, foi dada a posse da nova Diretoria que há de dirigir os destinos desta Casa de Caridade, no triênio de 1953 a 1955.

A nova Diretoria é composta das seguintes senhoras:

Joviniano José de Oliveira, Presidente (releito); **Adolpho Engel Sobrinho, Vice Presidente**; **Claudio Martins Ferreira, 1.º Secretário**; **Eronilda Saraiva Bastos, 2.º Secretário**; **Baldino Rodrigues de Carvalho, 1.º Tesoureiro** (releito); **Frederico Chaves, 2.º Tesoureiro**; **Maximiano Santos, Procurador**.

COMISSAO FISCAL

Francisco Pereira, Edgar Antonio Gomes, Benedito Afonso dos Santos, Euclides Salvador da Silva, Frederico de Castro e Hermínio de Oliveira Costa.

Nestes termos pedimos a Deus, que possa levar esta casa ao nível preciso e que esteja sempre de portas abertas para prestar a caridade.

Sem mais

Atenciosamente subscrevo-me

Claudio Martins Ferreira
1.º Secretário

SEARA ESPIRITUALISTA TUPINAMBA

Av. Suburbana, 9.607 — Cascadura

1.º ANIVERSARIO DE FUNDAÇÃO

Para a solenidade a realizar-se no dia 18 de abril, data de sua fundação, foi organizado um programa em duas partes, a saber: parte doutrinária alusiva ao ato, sendo orador o Jornalista Olivio Novaes, e parte espiritual dentro do ritual da Lei de Umbanda.

A sessão terá inicio às 20 horas e será encerrada às 23 horas.
Convite geral.

Centro Espirita S. Jerônimo

Transcorreu animadamente no Centro Espirita S. Jerônimo, em Jacarepaguá, o dia de S. José, que é também o de pai Juvenilo. Para

TENDA ESPIRITA SÃO JOSÉ



Um aspecto da assistência

No dia 21 de março último, festivo grande corpo mediúnico, contou com as Tendias de S. Jorge, Filhos da Verdade, Ubirajara, Cetua, Cabana de Pai Thomé, S. Miguel Arcanjo (Rei de Umbanda), Cabana E. N. S. do Bomfim e União E. de Engenheiro Leal, estando ainda as dependências destinadas à assistência completamente lotadas. A festa prolongou-se até as 3 horas da madrugada de domingo, tendo em seguida sido servida uma cangaça, salgados, doces e refrigerantes a todos os presentes.

TENDA ESPIRITA DA LUZ



Vista da assistência

No dia 19 de março último festejou seu aniversário e seu patrono S. José a Tenda Espirita da Luz, cuja sede na rua Barão de Petrópolis n.º 280-B foi pequena para conter seus adeptos e tendas visitantes que tanto abarrotaram a singela festividade. Presidiu a festividade o presidente da União, Dr. Jayme Madruga, a quem o Guia Chefe da Casa entregou gentilmente a direção dos trabalhos. Estiveram presentes as Tendias de Ubirajara, São Jorge S. Gabriel, Filhos da Verdade e Santa Luiza e C. E. U. Nossa Senhora da Conceição. Após o término da sessão foi servida lauta mesa de doces e refrigerantes, esperando-se a diretoria da Tenda para que os visitantes levassem ótima recordação das horas ali passadas.

C. E. P. A. G. I. R.

Esta nossa filiada realizou no dia 12 de março sua festa de aniversário e num grande esforço e mesmo sem o telhado a festa foi realizada no local da nova sede com as paredes levantadas. Mais um esforço companheiros e estará tudo pronto. Várias foram as filiadas presentes à solenidade e à parte espiritual, tendo o Presidente da União feito a saudação pelo aniversário e votos de realização.



Eros da visita do vereador Alvaro Dias Secretário de Saúde e Assistência da Prefeitura do Distrito Federal

Fonte: [https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?](https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111848&pesq=&pagfis=31)

[bib=111848&pesq=&pagfis=31](https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111848&pesq=&pagfis=31)

ANEXO G – Desenho psicografado por Pedro Machado em Belo Horizonte



Fonte: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111848&pesq=&pagfis=35>

ANEXO H – Valores dos Anúncios no Jornal de Umbanda

ANÚNCIOS	
TABELA DE PREÇOS	
— Por centímetros —	
Página inteira indeter-	A combinar
minada	
2.ª página	Cr\$ 24,00
3.ª página	Cr\$ 36,00
Indeterminada	Cr\$ 15,00
Última	Cr\$ 40,00
Especificações Técnicas	
Largura coluna 5,3 cms.	
Altura 46 cms.	
Largura 33 cms.	
6 colunas	
Assinatura — Cr\$ 30,00 (12 números)	

Fonte: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111848&pesq=&pagfis=270>

ANEXO I – Uma das matérias sobre o sincretismo

SINCRETISMO

Revisada

Orixá não é santo católico. Orixá é a designação dada por várias nações africanas a divindades que habitariam o mundo dos Encantados (Aruanda), ou melhor: espíritos de luz, possuidores de grandes virtudes, bondade e bravura na defesa dos oprimidos e que moram no Céu! Por isso, sincretismo é a analogia existente entre os venerados como Orixás e os que a Igreja possui como seus Santos. Convém, entretanto, notar que Santos há que não são propriedades da Santa Sé, porque antes dela existir já o eram pela virtude, pela bravura e dedicação às leis de Deus, tendo a Igreja apenas adotado-os, pelo processo canônico, para sua adoração.

O que a Umbanda cultua são os Orixás. Entretanto, por injunções clericais, foram forçados os primitivos professantes da religião umbandista, para cá trazidos, a adorarem as imagens das capelas existentes nas fazendas e nas igrejas católicas, não lhes sendo difícil, por assimilação, identificar através da vida, do martirólogo e dos milagres, — por analogia enfim — cada santo com seus Orixás ou com as Divindades até então por eles cultuadas.

Devemos notar que, para representar cada Orixá, buscavam os sacerdotes de Ifá ou Ganga esculpi-los em madeira, ferro, pedra, barro, etc. de acôrdo com o culto a cada um dedicado, nunca esculpindo-os em gesso, louça ou cerâmica.

Assim puderam os nossos ancestrais continuar professando seu culto a seus Orixás (Santos), agradando nos senhores de Engenho, ao Clero e às autoridades constituídas, sem abdicarem a tradição, fazendo de cada imagem o símbolo de sua veneração com as seguintes designações:

Olorum)	
Zambi)	DEUS (Em várias nações)
Obatalá)	
Oxalá)	Jesus ou o Senhor do Bonfim
Ifá)	Espírito Santo
Iemanjá)	N. S. da Glória
Oxosse)	S. Sebastião
Ibegi)	S. Cosme e Damião
Oxum)	N. S. da Conceição
Obaluaê)	S. Roque e S. Onofre
Ogum)	S. Jorge
Xangô)	S. Jerônimo, S. João e S. Pedro
Nanã Burucú)	Sta. Ana
Inhaçã)	Sta. Bárbara
Omulú)	S. Lázaro

Convém salientar que na Bahia essas designações são diferentes, visto que lá o mais praticado é o "Candomblé" — uma ramificação da Umbanda.

Fonte: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111848&pesq=&pagfis=286>

ANEXO J – Desenho de uma incorporação



Fonte: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=51>

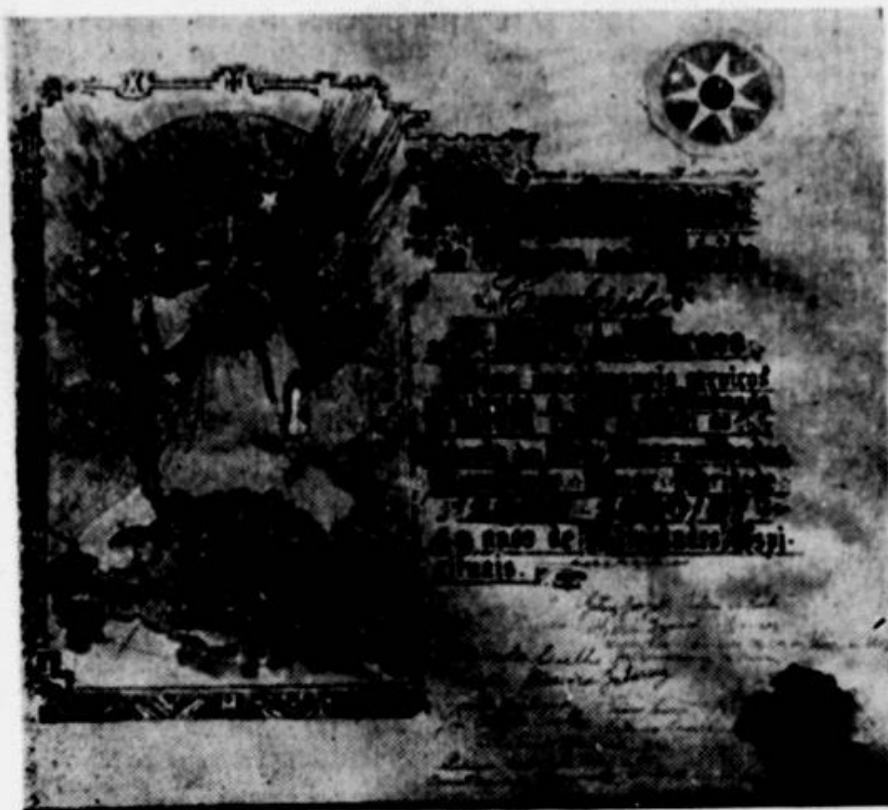
ANEXO K - Desenho de uma pessoa influenciada por um obsessor



Fonte: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&pagfis=75>

ANEXO L – Os decanos da Umbanda (Matéria sobre Zélio Fernandino de Moraes)

OS DECANOS DA UMBANDA



O artístico e belo diploma de Honra ao Mérito conferido ao irmão Zélio de Moraes pelos seus 49 anos de umbandismo.

O caminho áspero e cheio de urzes da Umbanda nem sempre faz os viajantes arrefecer o ânimo e desistirem de sua jornada. Isto talvez porque, homens e mulheres afeitos à luta e cheios de fé nos destinos que nos esperam além tûmulo, não buscam nem esperam quaisquer compensações no plano da matéria e saberem, daí, trilhar a estrada gloriosa da religião umbandista, de viseira erguida trazendo no peito o braço da fé e na alma o amor à caridade.

Dentre os intemeratos umbandistas destacamos hoje, para esta crônica, o nome respeitável e fartamente conhecido através de seus 50 anos de lutas em prol da Umbanda de **ZELIO DE MORAIS**.

Completará êste velho companheiro de jornadas, no mês de novembro, 50 anos de atividades nos terreiros de nossa terra. Antes, entretanto, daquela data, queremos focalisar a homenagem que filhos de fé e amigos desde as primeiras horas de sacerdócio do Zelio lhe prestaram, ao completar este 49 anos de lutas. Em magnífica solenidade que teve lugar na sede da Tenda Espirita N. Sra. da Piedade, dirigida pelo caro confrade, reuniram-se inúmeros companheiros para realçar os méritos do homenageado e lhe fazer a entrega de um lindo e bem confeccionado diploma de **HONRA AO MÉRITO**. O clichê que ilustra estas notas é do referido diploma que é bem um atestado eloquente e um testemunho do quanto é estimado e querido pelos seus admiradores e mais ainda é a prova insofismável de tudo quanto tem feito no terreno da espiritualidade e da caridade sem condições. **CAVALO** do Caboclo das 7 Encruzilhadas, tem sabido, no exercício da mediunidade, prestar aos milhares de irmãos que buscam receber um lenitivo para seus males do corpo e da alma, e dar tudo de si sem nada exigir em troca.

Zelio de Moraes tem, hoje, uma fôlha de serviços prestados aos umbandistas, que já não se pode medir porque se perde no espaço do tempo que vai, desde quando começou na vizinha cidade de Niterói a prestar seus relevantes serviços mediúnicos, até agora quando de Norte a Sul do país o seu nome é citado respeitosamente por quantos labutam na seara umbandista. Existem marcos de sua passagem na fundação de inúmeros terreiros de caridade, erigidos sob a égide do Caboclo das 7 Encruzilhadas em vários Estados da Federação. Ainda ha pouco, presenciamos a inauguração da Cabana de Pai Antonio, outro guia espiritual de Zelio e a quem muito devem milhares de criaturas que lhe buscam nas horas incertas da vida para receber dêle uma segura decisão. Esta Cabana, situada em Boca do Mato, perto de Friburgo, é o atestado do espírito de denodo e de audaz batalhador desta figura amiga, que o correr do tempo encanece os seus cabelos mas não consegue envelhecer a sua alma. Antes, portanto, que chegue novembro, quando Zelio de Moraes festejará entre alegrias e flores — entre sorrisos e abraços — as suas bodas de Ouro dentro da Umbanda, queremos daqui nos congratular com êste insigne lutador e companheiro desde as primeiras horas e a quem a Umbanda deve a fundação não só da sua entidade mater — a União Espiritista de Umbanda do Brasil — como também a publicação do **JORNAL DE UMBANDA**, que teve o seu primeiro número confeccionado na sede da Tenda E. N. Sra. da Piedade. Ao vovô da Umbanda o nosso **SARAVÁ!**

R. X. A.